



Angela Fleury da Fonseca

A Morte Ética em Heráclito de Éfeso
O morto-vivo contemporâneo

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre pelo programa de Pós-graduação em Filosofia
do Departamento de Filosofia do Centro
de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora:
Profa. Luisa Severo Buarque de Holanda

Rio de Janeiro,
1 de março de 2021



Angela Fleury da Fonseca

A Morte Ética em Heráclito de Éfeso
O morto-vivo contemporâneo

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre pelo programa de Pós-graduação em Filosofia
do Departamento de Filosofia do Centro
de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada:

Profa. Luisa Severo Buarque de Holanda

Orientadora

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Prof. Pedro Duarte

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Prof. Celso de Oliveira Vieira

Pós-doutorando, Ruhr Universität Bochum (RUB)

Prof. Maria Inês Anachoreta

Universidade Estadual do Rio de Janeiro- UERJ

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Angela Fleury da Fonseca

Ficha Catalográfica

Fleury da Fonseca, Angela

A Morte Ética em Heráclito de Éfeso– O morto-vivo contemporâneo / Angela Fleury da Fonseca; orientadora: Luisa Severo Buarque de Holanda. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Filosofia, 2021.

v., 135 f:

1. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia.

Inclui Referências bibliográficas

1. Filosofia – Teses. 2. Filosofia Antiga – Teses. – 3. Heráclito de Éfeso – 4. Morte Ética – 5. Vida-Morte. 6. Morto-vivo I. de Holanda, Luisa Severo Buarque. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC- Rio. Departamento de Filosofia. III. Título.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à professora orientadora Luisa Severo Buarque de Holanda, pelo acolhimento e pela disposição para me ajudar nesta trajetória, pelas orientações bibliográficas, pelas leituras cuidadosas do projeto e pelas contribuições de enorme valor ao longo de todo o percurso.

Agradeço ao CNPq e à PUC-Rio aos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Agradeço especialmente ao professor Alexandre Costa que foi a inspiração maior deste trabalho, pelas discussões entusiasmadas, pelo gentil e generoso apoio à minha pesquisa ao longo destes últimos dois anos de mestrado.

Agradeço à professora Lethicia Ouro pelas aulas maravilhosas e pelo generoso apoio na Especialização em Filosofia Antiga, pela orientação de minha monografia de final do curso que foi de grande aprendizado e de grande inspiração para o projeto de Mestrado e pela estimada amizade.

Agradeço à professora Maria Inês Anachoreta pela generosidade, pelas aulas maravilhosas, discussões entusiasmadas que enriqueceram com carinho e dedicação estes meus anos de estudos na filosofia antiga.

Agradeço à professora Ligia Saramago, pelas sempre carinhosas e cuidadosas trocas intelectuais, pelo sempre generoso apoio e contribuição intelectual e pela estimada amizade que sempre me acolheu.

Agradeço ao professor Remo Mannarino Filho pelas aulas, pelas trocas intelectuais, pela leitura de meu trabalho e sugestões valiosas.

Agradeço ao Professor Pedro Duarte, pelas aulas e debates no curso de Filosofia Contemporânea, Filosofia e Pandemia, o qual ao longo deste último ano foi de grande aprendizado enriquecendo a pesquisa e servindo de grande inspiração e de enorme valor para a conclusão desta dissertação. Agradeço, ainda, por ter generosamente aceitado fazer parte da banca.

Agradeço ao professor Celso de Oliveira Vieira pelos comentários e contribuições que enriqueceram verdadeiramente a minha leitura de Heráclito de Éfeso, pela sua disposição generosa em dividir seus conhecimentos e por ter aceitado participar da banca e contribuir enormemente com sugestões e novas ideias.

Agradeço especialmente à Julia Myara, amiga querida, pelo apoio em todas as horas, pelos fortalecimento emocional e pela estimada amizade.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – Capes a quem agradeço.

Resumo

Fleury da Fonseca, Angela; de Holanda, Luísa Severo Buarque (orientadora). **A Morte Ética em Heráclito de Éfeso. O morto-vivo contemporâneo.** Rio de Janeiro, 2021. 135p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação analisa as reflexões de Heráclito de Éfeso sobre o par de contrários vida-morte a partir da compreensão de Alexandre Costa dos conceitos heraclíticos de *logos* e *thanatos*, descrita em *Thanatos: da Possibilidade de um Conceito de Morte a partir do Logos Heraclítico* (Costa, 1999). Partindo de uma ótica singular de Costa, Heráclito é destacado como o precursor das indagações a respeito das virtudes e das “coisas humanas”. É ressaltado um Heráclito ético e político, que estaria tentando entender a dificuldade do humano em decifrar o mundo a sua volta e a si mesmo. Esta dificuldade se daria devido a uma “surdez” humana, que impediria os humanos de escutar a fala do *logos*, isto é, a fala do cosmo, o que os tornaria uma espécie de “mortos-vivos”. Sublinha-se a dimensão humana do pensamento do efésio e a lógica heraclítica da contradição, que abraça a ideia da inseparabilidade e interconectividade dos contrários na compreensão do cosmo como tudo-um. Na busca pela compreensão de qual seria o lugar do humano, Heráclito estaria escutando o *logos* comum/universal que estaria expressando um processo inescapável de relação e cooperação entre contrários. O humano estaria diante de um aparecimento processual de interconexão e interdependência entre tudo e todos. Este trabalho que se inicia com a análise das reflexões de Heráclito, um filósofo grego do século VI a.C., acaba por se desenrolar na direção das atuais circunstâncias, quando se torna inadiável que se perceba a existência de um humano “morto-vivo” contemporâneo. Heráclito estaria apontando a existência de uma morte exclusiva dos humanos, uma morte ética, um humano morto em vida que estaria buscando uma gratificação imediata para si, egoísta e autocentrado, sem compromisso com o outro, separando o inseparável, isto é, que não compreende a interdependência cosmológica do tudo-um. Nesta dissertação, será descrito o morto-vivo heraclítico, mas o mesmo será facilmente identificado contemporaneamente nestes tempos de pandemia e pandemônio. “E daí?” disse o presidente.

Palavras-chave: *Logos; thanatos; vida-morte; inseparabilidade; interconectividade; interdependência; morte ética; morto-vivo.*

Abstract

Fleury da Fonseca, Angela; de Holanda, Luisa Severo Buarque (Advisor). **The Ethical Death in Heraclitus of Ephesus– The contemporary living dead**. Rio de Janeiro, 2021. 135 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work aims to analyze the heraclitic reflections on the pair of opposites life-death, from the comprehension of Alexandre Costa about the concepts of *logos* and *thanatos* developed in the work *Thanatos: of the Possibility of a Concept of Death from the Heraclitic Logos* (Costa, 1999). Starting from Costa's singular perspective, the work intends to highlight Heraclitus as a precursor of the inquiries about virtues and "human things". It aims to illuminate an ethical-political Heraclitus who would be trying to understand the human difficulty in deciphering themselves and the world around them. This difficulty would be due to a "deafness" that would prevent us from hearing the speech of the *logos*, the speech of the cosmos that is expressing the inseparability and interconnectivity of all beings, the difficulty in the understanding the all-one, that the human is in an unstable place between opposites which are in constant movement. The ignorance about the idea that we belong to a cosmos that expresses cooperation and not isolation. This work, which begins with the analysis of the thought of Heraclitus, a Greek philosopher from the 6th century BC, inevitably unfolds in the direction of the 21st century when it becomes unavoidable to associate the heraclitic "living dead" to the contemporary "living dead". The current politics of separating "us and them" has transformed us into true zombies, "deaf" beings for the speech of nature that "screams" to be all-one. Heraclitus would be pointing out the existence of a death, exclusive of humans, that would be an ethical death, a human who would be looking for an immediate gratification for himself, who has no commitment to the Other. I will be describing the heraclitic "living dead" but that will be easily identifiable in our pandemic and pandemonium times. So what? asked the president.

Key words: *Logos*; *thanatos*; life; death; inseparability; interconnection; interdependence; ethical death; the living dead.

Sumário

1. – Introdução	1
2. - A dimensão humana na reflexão heraclítica	26
3. - O <i>logos</i> heraclítico	36
4. - Vida-morte em Heráclito.....	62
4.1 - Thanatos-zoe	69
4.2 - Thanatos – bios.....	88
5. - O instável lugar do humano no cosmo heraclítico.....	102
6. - Inseparabilidade e Interconectividade em Heráclito	110
7. - Considerações finais.....	113
8. - Referências Bibliográficas.....	125

1. – Introdução

Fragmento 22 (D/K 10):

*Conjunções: completas e não completas, convergente e divergente, consoante e dissonante,
e de todas as coisas um e de um todas as coisas.*

Esta pesquisa traz a hipótese de um recomeço, uma volta ao passado, um retorno a 2500 anos atrás com o objetivo de tentar ouvir com mais atenção as palavras do filósofo grego Heráclito de Éfeso, (cerca de 540 a.C. – 470 a.C.). Não seria, todavia, apenas um olhar para o passado, mas um olhar para a Antiguidade Grega em busca de uma compreensão do presente. A proposta seria descer até às profundezas das reflexões heraclíticas, buscando uma possível ligação entre o pensamento de Heráclito do século VI a.C. e os nossos conturbados tempos do século XXI. Seria, portanto, uma análise voltada para o passado, mas buscando uma ligação com os dias de hoje. Veremos que, muitas vezes, voltar aos antigos nos dá instrumentos para pensar o presente.

A princípio, para ouvir Heráclito, será preciso silenciar, moderar alguns ruídos das convicções contemporâneas, diminuir o ritmo das certezas particulares, espantar para longe a desatenção e a inexperiência no intuito de enfrentar o abismo do não saber, já que Heráclito nos aponta uma absoluta instabilidade do devir cosmológico no qual estamos irremediavelmente inseridos. Seria, portanto, uma tentativa de abandono do certo e do fixo, do já estabelecido e das verdades em si, para então poder começar a adentrar o singular pensamento do filósofo de Éfeso.

Em outros termos, será necessário entender que uma interpretação e uma possível compreensão das reflexões heraclíticas são por si só já complicadas pelo fato de que somos pensadores modernos que normalmente se utilizam de suas lentes nas tentativas de análise do pensamento antigo. Estas lentes modernas, às quais me refiro, seriam as lentes binárias que estariam separando e desconectando os opostos. Seriam as lentes dualistas, enquanto sob os óculos de Heráclito e sob as lentes de muitos pensadores contemporâneos estaria sendo defendida a ideia de processo, de inseparabilidade, ou seja, uma visão do todo, a ideia do tudo-um heraclítico, isto é, um modo de pensar o mundo como um todo composto e não a partir de “coisas” isoladas, como unidades particulares, contáveis e desconectadas.

São muitos os pensadores contemporâneos que reforçam esta noção hieraclítica de inseparabilidade dos opostos e não defendem a ideia antropocêntrica que separa o humano e o coloca isolado no centro do cosmo, ou seja, a ideia que separa o eu do outro. “Mesmo que a consciência nos torne capazes da auto percepção de nos vermos como indivíduos, afirmam hoje os cientistas, ainda assim ela é um fenômeno universal que se manifesta em toda a rede da vida. Para os gregos antigos, Gaia é a Grande Mãe, a Terra fecundada pela chuva que concebe todos os seres, ela é o símbolo da fertilidade e da regeneração, o ventre no qual tudo se transforma no eterno ciclo de morte e renascimento”: Desta maneira inicia-se o documentário *A Consciência C3*¹, que reúne depoimentos de vários cientistas contemporâneos os quais poderíamos dizer reforçam o modo de pensar heraclítico do tudo-um. Neste documentário, por exemplo, o físico e escritor Fritjof Capra, de Berkeley, EUA, nos lembra que, na verdade, a ideia da Terra como um ser vivo é uma ideia muito antiga que na ciência contemporânea é conhecida como a Teoria de Gaia, que considera a Terra um sistema vivo. E vida, acrescenta o cientista Antônio Nobre, sempre busca o equilíbrio, o que significa dizer que quando alguma coisa começa a sair da sua zona de conforto, ou seja começa a pender só para um lado, a vida dispara várias reações, vários mecanismos para trazer o sistema de volta para o equilíbrio, ou seja, para o seu contrário. E isso, no sistema planetário, segue o cientista, resultou em um clima estável, suficientemente estável para durar milhões de anos. Temos aqui a concordância entre Heráclito e o discurso de alguns cientistas contemporâneos, que reforça a simultaneidade dos contrários e não a primazia ou hierarquia de um dos lados.

Ainda nestes depoimentos, há a denúncia de que “a humanidade está passando a sua existência neste planeta de forma distraída e não de forma consciente, ela não está prestando atenção para aquilo que exatamente ela deveria estar prestando”, afirma a cientista ambiental brasileira Mônica Pilz Borba, fundadora do Instituto 5 Elementos. Esta afirmação da cientista poderia facilmente passar como sendo a interpretação de um fragmento de Heráclito. Aprendemos que “existe hoje uma virtual unanimidade no mundo científico de que se continuarmos, por exemplo, a nos enxergar como seres superiores, separados e isolados e desse modo continuarmos a queimar combustíveis fósseis, até o fim do século, mesmo bem antes, nós entraremos em uma situação irreversível de aquecimento que será o fim da civilização, alerta o historiador brasileiro Luiz Marques.

¹ Documentário *Consciência C3*, Gaya Filmes, pesquisa e roteiro Marilda Donatelli e Frederico Paes de Barros, direção e produção de Renato Barbieri.

Será, portanto, imprescindível tentar nos desvencilharmos do pensamento antropocêntrico, dos velhos hábitos dualísticos e encarar o “novo pensamento antigo”, abandonando as convicções dominantes a fim de escutar e compreender um pensamento que foi abandonado, mas que parece fazer bastante sentido nas nossas atuais circunstâncias. Deste modo, a proposta deste trabalho será recomeçar a dar alguns passos, em falso é claro, no instável devir heraclítico. Para isso, precisaremos nos submeter às instabilidades das tensões heraclíticas e à falta de verdades em si. Será preciso, ainda, enfrentar o fato de não sabermos exatamente para onde estamos indo no pensar labiríntico de Heráclito. Será inevitável abandonar a noção de “a verdade é...” já instituída e se arriscar a apreender o “enigmático” caminho do gerúndio heraclítico do “estar sendo”, já que para Heráclito, nada “é”, tudo “está sendo”. Procurar compreender que não temos a coisa, mas o processo.

A lógica da contradição heraclítica, ao estabelecer a unidade dos contrários, estaria reforçando a noção de um eterno devir, de um movimento constante e incessante entre os opostos, e seria neste sentido que estou abandonando nesta minha leitura a noção de verdade em si. Ao defender a ideia de que não há ponto fixo no cosmo, que seria de fato um processo dinâmico de modificações cíclicas e sucessivas de um eterno viver-morrer, Heráclito estaria afirmando que nada “é”. Por outro lado, como em Heráclito há sempre um outro lado, poderíamos também pensar que ao recomendar que deveríamos escutar o *logos*, ou seja, a fala do cosmo, o efésio estivesse admitindo que há algo a ser ouvido, ou seja, haveria sim uma verdade em Heráclito a ser ouvida, a ser alcançada, a saber, a compreensão do *logos*.

Este trabalho, entretanto, opta, em parte, por abandonar a ideia de “verdade em si” seguindo a ideia de que devemos pensar Heráclito, como nos lembra Celso Vieira (2020), como um pensador do processo, já que estaria evidente, como poderemos verificar ao longo de toda esta pesquisa, que Heráclito tenta dar conta das entidades do mundo através de uma visão processual e não substancial. Vieira destaca que as entidades heraclíticas não são particulares e que o texto de Heráclito não poderá fornecer informações completas, já que as suas reflexões não seriam aquilo que Vieira chama de “contatos de primeira ordem”, o que significaria dizer que não poderiam ser compreendidas pelo intelecto. Heráclito, segue Vieira, possui um discurso metafórico e irá mostrar claramente a sua dificuldade em compreender o cosmo através do intelecto. Em uma palestra no Sétimo Seminário da ARCHAI UNESCO CHAIR (2020) – Universidade de Brasília: O

que o rio, o arco e o mingau têm em comum: processos e identidades em Heráclito, Vieira destaca como Heráclito nos coloca em contato com estes objetos corriqueiros, que seriam, de fato, provocadores de intuição, que seriam dizeres paradoxais que irão nos tirar da nossa maneira corriqueira de ver o mundo e, a partir deste contato, mudar a nossa atitude.

Deste modo, devemos partir da premissa de que o texto de Heráclito não pode nos dar uma informação completa, o que acaba por nos liberar, por serem reflexões que apresentam exemplos, metáforas e um tipo de poesia que nos provocam a enxergar além do intelecto, em vez de fornecer explicações concluídas e exaustivas. Por conta disto, o prejuízo de não ter tido acesso à obra completa do filósofo, se é que existiu um texto completo, é muito menor.

À primeira vista pode parecer surpreendente constatar que se possam fazer ligações entre as reflexões de Heráclito elaboradas no século VI a.C. e algumas ponderações de cientistas e filósofos contemporâneos ocidentais e orientais que assim como o efésio estariam chamando hoje a atenção para uma mesma ideia, a meu ver de grande importância, que é a noção de inseparabilidade e interconectividade: a ideia de que o humano e a natureza não são coisas separadas e que a concepção antropocêntrica e a ênfase no pensamento individual particular precisam ser revistas: Fr. 18 (D/K 2): *Embora sendo o logos comum, a massa vive como se tivesse um pensamento particular*. Celso Vieira (2020) ainda nos lembra como é surpreendente já podermos ver com clareza na arte contemporânea e na imagem científica de hoje noções heraclíticas de inseparabilidade e interconectividade, implícitas no processo. Seria, entretanto, importante que estas percepções de processo já estivessem sendo observadas na imagem manifesta do mundo, no nosso dia a dia, na maneira como o humano lida consigo mesmo e com o mundo, ou seja, na relação do eu com o outro.

Assim como Heráclito já parece estar apontando, a ciência e a filosofia contemporâneas denunciam a existência de uma multidão de humanos “distraídos e desatentos”, para dizer o mínimo, que não prestam atenção naquilo que de fato deveriam focar, que é olhar em volta e tentar compreender o real pertencimento do humano no mundo, ou seja, deveriam entender que não somos seres isolados e que, muito pelo contrário, fazemos parte de um sistema cosmológico que funciona em uma totalidade, através de relações e composições absolutamente interconectadas entre si que se modificam e se transformam sem cessar. Cientistas e filósofos contemporâneos

denunciam os humanos “distraídos” que destroem tudo a sua volta sem perceber que estão arruinando uns aos outros e também a si mesmos. O que Heráclito chamaria de “ignorância, dormência e surdez” humana, os cientistas hoje chamam de deformação de conceitos sobre como o cosmo funciona.

Este trabalho busca ainda lembrar que já na década de oitenta cientistas ocidentais confirmaram a ideia básica de que o planeta Terra é um sistema vivo, o que significa dizer que existe uma interligação estreita entre a vida, a geologia e toda a composição química da atmosfera do planeta. Hoje, para a ciência e a filosofia contemporâneas, não há mais dúvida de que, não só a Terra é um planeta vivo, mas que precisamos compreender isto com total clareza para trazer de volta todos os sistemas para um equilíbrio, para uma concordância com a fala da natureza. Tentarei ao longo deste estudo compreender se seria possível relacionar uma leitura contemporânea do pensamento antigo de Heráclito com as complexas questões ecológicas, éticas e políticas do nosso tempo.

Cabe ainda destacar que na história do pensamento humano, Heráclito de Éfeso não ocupou por muitos séculos uma posição prestigiosa, deixando até para muitos dos seus leitores a impressão de ser um perigoso relativista, ou seja, o defensor da doutrina de que nada existe de certo e de que tudo está em contínuo fluxo (Berge, 1969, p.9). Este trabalho pretende, pelo contrário, trazer a leitura de um Heráclito que, através de um silenciar e de uma apurada escuta da natureza, meditou pacientemente sobre importantes questões éticas.

São várias as portas de entrada aos 131 fragmentos de Heráclito, pois, por não termos conhecimento da ordenação original do próprio autor, podemos circular livremente pelas passagens que restaram de sua obra, sem a rigidez que uma obra completa com princípio, meio e fim nos exigiria. Como sabemos, sobraram-nos apenas algumas poucas citações espalhadas ao longo de quase um milênio, inseridas em outros trabalhos dos mais variados pensadores, de diferentes épocas, com singulares e diferentes escutas, traduções e interpretações, mas das quais não temos nem mesmo uma possível ordenação original que nos leve a ter uma mínima noção da disposição, composição e sequência feita pelo próprio autor. Como não sabemos a ordem de seu pensamento, qual sentença viria antes e qual viria depois, isto é, qual seria o encadeamento lógico e o contexto geral de seus escritos, podemos abrir vários caminhos através do seu pensar labiríntico, estabelecer diferentes ordenações e ainda variadas interpretações, ou seja, passear com liberdade naquilo que

chamaria de circularidade do pensar cosmológico heraclítico, que como veremos no decorrer deste trabalho, refletiria um cosmo heraclítico circular.

Haveria neste ponto, uma questão a ser sublinhada: se aqui eu estaria me referindo a uma circularidade ou a uma reciprocidade heraclítica entre os contrários. Todavia, minha tarefa não seria examinar especificamente estes pontos nos fragmentos heraclíticos, estabelecendo a concepção de vida-morte em Heráclito como uma dinâmica processual circular ou recíproca. Através da leitura de Alexandre Costa (1999), reconhecerei às vezes o processo como uma circularidade e às vezes como reciprocidade, sem deixar de destacar uma coerência que alinha os fragmentos heraclíticos. Isso torna surpreendentemente possível uma consistente e harmônica visão, mesmo sendo a partir de meu olhar contemporâneo, de sua linha de raciocínio que parece ir se autoafirmando a cada sentença, na medida em que vamos percorrendo as suas fragmentadas reflexões. Seria, desta maneira, importante compreender que me interessa mais a dimensão humana do pensamento heraclítico do que a dimensão física de suas reflexões.

Digo circularidade do cosmo ao me referir à noção de princípio que Heráclito defende, juntamente com alguns dos primeiros pensadores da filosofia grega nascente e que se distingue da ideia de princípio da antiga poesia mítica, que lhe precedeu. Assim como Anaximandro, Heráclito levanta um ponto discordante fundamental no que se refere à questão da noção de princípio, ou seja, a interrogação no tocante à origem do universo. Circularidade no sentido de que o devir cosmológico heraclítico, como em um círculo, não tem nem começo nem fim: Fr. 19 (D/K 103): *O comum: princípio e fim na circunferência do círculo*. Princípio e fim estariam, portanto, se tocando na circularidade do cosmo heraclítico.

Há além disso um aspecto que interessa enfatizar a respeito das reflexões antigas que seria o fato de que tanto a poesia antiga como os primeiros filósofos, apesar de visarem conhecer o mesmo objeto, ou seja, o cosmo, chegam a uma solução diferente para explicá-lo. Na poesia há de se conhecer o divino para que se conheça o cosmo no sentido de que há uma clara hierarquia entre dois mundos, o dos deuses imortais e o dos homens mortais. Ou seja, o mundo dos deuses é superior porque é a causa, o princípio, o fundamento de tudo que é cósmico, natural e mortal, havendo, portanto, na poesia a superioridade de um poder sobre o outro, o que não aconteceria nas reflexões heraclíticas.

Sob esta ótica, poderíamos então afirmar que não haveria primazia entre os opostos em Heráclito, pois eles estariam se relacionando, por assim dizer horizontalmente, na busca por um caminho do meio, na busca por uma concordância entre eles, seguindo as leis da dinâmica do devir, que seriam de relação e simultaneidade e nunca pendendo para nenhum dos lados. Entretanto, como tudo em Heráclito tem um outro lado, ou seja, uma outra leitura, uma questão importante a ser destacada é que encontramos pelo menos dois fragmentos, o 29 (D/K30) e o 28 (D/K31),² nos quais poderíamos talvez reconhecer uma noção de hierarquia e primazia do fogo heraclítico. Entretanto, ressalto que nesta leitura, ao iluminar a dimensão humana, não encontrarei uma hierarquia entre nenhum dos lados oposto: vida-morte, eu-outro, guerra-harmonia etc. Logo, seria fundamental compreender que, a partir desta leitura que trago aqui, não concebo primazias na relação heraclítica entre os contrários.

Donde a conclusão de que, com esta interpretação das unidades dos opostos heraclítica, talvez estivesse se iniciando a gestão da dialética heraclítica, a qual consistiria em afirmar que nada é fixo, que não há como apontar nem um princípio e nem um fim, mas um constante e contínuo processo cíclico de mudanças e transformações, de um movimento incessante e eterno de guerra-harmonia entre contrários, e que a única “coisa” que jamais se altera é o princípio de que tudo se altera – sempre. Estaríamos, desse modo, diante de um pensamento que nos coloca em um processo instável de tensões cosmológicas, sem começo e sem fim. Seria este o processo do cosmo heraclítico entendido como um deslocamento concêntrico, como num círculo que não comporta nenhum primado e nenhuma hierarquia. Como numa circunferência, não haveria no cosmo de Heráclito um ponto de início e nem um ponto final, ou seja, nenhum ponto fixo. Haveria sim uma dinâmica cosmológica que se sustenta pela tensão, composição e relação de forças opostas que se equivaleriam e se harmonizariam ou não, de acordo com a pressão maior ou menor de aproximação e afastamento entre elas, sempre sob as leis de um eterno processo.

Dito isto, é agora fundamental ressaltar que esta minha dissertação não é uma pesquisa sobre a obra de Heráclito como um todo, e nem mesmo mais uma interpretação de seus fragmentos. Meu trabalho aqui será especificamente uma análise, ou seja, uma

² Fragmento 29 (D/K 30): *O cosmo, o mesmo para todos, não o fez nenhum dos deuses nem nenhum dos homens, mas sempre foi, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se segundo medidas e segundo medidas apagando-se.* Fragmento 28 (D/K 31): *Transformações do fogo: primeiro, mar; do mar, metade terra, metade ardência. O mar distende-se e mede-se no mesmo logos, tal como era antes de se tornar terra.*

retomada das ideias elaboradas pelo Professor Alexandre Costa (1999), nas quais ele propõe um entendimento único e singular do que possa vir a ser a ideia do cosmo heraclítico, através da possibilidade de se estabelecer um conceito de morte em Heráclito, a partir do conceito do *logos* heraclítico. Costa (1999) estabelece em sua investigação uma hipótese de leitura do cosmo e do processo vida-morte em Heráclito, que, é claro, não pretende ser “verdadeiramente” as reflexões do efésio, visto, como já constatamos aqui, ser impossível “fechar” em qualquer análise o exato pensamento do filósofo. Até porque, como veremos no decorrer deste trabalho, existe uma compreensão de que no pensamento de Heráclito não caberia a ideia de uma “verdade em si”, visto que para o próprio efésio esta noção de “verdade” só existiria em uma dimensão do nível do discurso. Entretanto, por outro lado, como já foi citado acima, iremos sim encontrar autores que fazem outra leitura incluindo uma verdade heraclítica no nível do agir ³.

Sem pretender ser a única e definitiva leitura da obra de Heráclito, o trabalho de Costa é uma obra rara, uma análise poética e filosófica, que é capaz de nos levar, ao mesmo tempo, a um possível e mágico entendimento de qual seria o lugar do humano no cosmo heraclítico. Nestes nossos tempos conturbados, de isolamento e distanciamento social, de solidão, confusão, incertezas, dúvidas e medos do que possa vir pela frente, as reflexões de Costa a respeito dos fragmentos de Heráclito se apresentam como uma filosofia poética, ou quem sabe um poema filosófico, que a meu ver traz um alento, conforto e ânimo, e até mesmo beleza a esses feios e sombrios dias atuais. Me debruço, portanto, totalmente sobre o pensamento de Costa a respeito do que poderia vir a ser o cosmo heraclítico, no intuito de possivelmente estabelecer, mais adiante, uma relação de suas raras ideias com as circunstâncias atuais do nosso mundo contemporâneo. Desde as minhas primeiras leituras da obra de Costa, entendi que poderíamos trazer as suas reflexões sobre o efésio para a nebulosa atualidade.

Nesta dissertação, estarei, portanto, fazendo uma investigação, um estudo, a meu modo, porém, apropriando-me um tanto livremente das trilhas abertas por Costa, baseando-me não somente nas suas hipóteses e especulações a respeito das reflexões heraclíticas, como também seguindo as suas traduções e suas ordenações dos 131 fragmentos de Heráclito. Seguirei passo a passo as suas ideias, não só estabelecidas em seus livros e artigos, mas também extraídas de suas aulas presenciais, as quais tive o

³ Sobre o agir segundo a verdade em Heráclito ver Schluderer, L. R., *Speaking and Acting the Truth: The Ethics in Heraclitus*, 2017

privilégio de poder assistir. Desse modo, a minha pesquisa é sobre o pensamento que o professor Alexandre Costa (1999) desenvolve a respeito do conceito de *thanatos* a partir do conceito de *logos* heraclítico.

Nesta época de pandemia e pandemônio, como tão bem descreveu o filósofo brasileiro contemporâneo André Duarte (2020), em sua obra *A pandemia e o pandemônio, ensaio sobre a crise da democracia brasileira*, quando a morte física e ética ronda a todos, me arrisco a reexaminar as reflexões de Costa a respeito do pensamento de Heráclito, em sua obra *Thanatos, da Possibilidade de um Conceito de Morte a partir do Logos Heraclítico* (1999), com o intuito de contemplar o trabalho do filósofo brasileiro, que já vem estudando o pensamento do efésio há mais de vinte anos e que analisou especificamente a possibilidade de estabelecer um conceito heraclítico de morte. A ideia deste trabalho seria, assim sendo, a partir da escuta de Costa, trazer de volta para os tempos atuais a possibilidade de uma reflexão sobre o conceito de morte nas nossas atuais circunstâncias.

Inicialmente, proponho reanalisar as preciosas interpretações que Costa oferece, ao estabelecer um possível quadro acerca do cosmo heraclítico em geral, e mais especificamente sobre o processo do viver-morrer, para em seguida, juntamente com as leituras de outros filósofos contemporâneos que analisam as nossas atuais circunstâncias, estabelecer uma possível interconexão entre o conceito de morte em Heráclito e o pandemônio contemporâneo. O que trago de novo neste trabalho acredito ser a busca de uma possível compreensão dos dias de hoje, deste conturbado início do século XXI, sob a preciosa e apurada escuta de Costa, a respeito de *thanatos* em Heráclito.

Logo de saída, talvez possamos afirmar que a compreensão do cosmo em Heráclito é, para a sua época, uma percepção única, uma vez que entrelaça múltiplas forças opostas dentro de uma circularidade, de uma inseparabilidade e de uma interconectividade nas quais todos os elementos, isto significa dizer, absolutamente todas as forças do cosmo, se compõem dentro de uma performance de afinação-estranhamento sob uma delicada-violenta tensão harmônica, e que além de tudo não teve começo e nem terá fim: Fr. 29 (D/K 30). *O cosmo, o mesmo para todos, não o fez nenhum dos deuses nem nenhum dos homens, mas sempre foi, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se segundo medidas e segundo medidas apagando-se.*

Ao contrário de Costa, a grande maioria dos comentadores compreende o fogo heraclítico como também sendo *arche* e não como sendo unicamente um termo metafórico. Nesta leitura de Costa, me parece ficar sublinhada a relação metafórica entre o fogo e o *logos*, quando ele descreve o fogo operando cosmologicamente e sustentando a dinâmica da vida, ou seja, a sua interpretação do cosmo heraclítico como um fogo a arder, que se transforma num eterno processo de acender-apagar, de viver-morrer. Com a imagem do fogo, Heráclito, nesta leitura, estaria representando metaforicamente o jogo das antíteses, pois seria alterando de um oposto ao outro que se manteria e perpetuaria o cosmo, pois o equilíbrio entre retração-expansão, união-separação, seria exatamente o que estaria mantendo a ordem-desordem através do ativo e dinâmico jogo de vida-morte. É preciso ressaltar sempre que grande parte do discurso heraclítico é, pois, uma linguagem metafórica por excelência, mas que há, de fato, divergências-convergências nas diferentes leituras de seu pensamento.

É importante ainda lembrar que Heráclito estaria aqui, na interpretação de Costa, negando a ideia de princípio, ou seja, não estaria postulando uma substância como origem do universo, *arche*, nem se abstraindo do mundo dos sentidos mergulhando em números, átomos ou afirmações absolutas sobre o “Ser” e a sua origem. Ao contrário, Heráclito estaria dizendo: nada é estável, tudo no cosmo está em processo, seja lá o que você diga sobre alguma coisa, seu oposto “está sendo” igualmente verdadeiro. Para Heráclito, não podemos conhecer o cosmo da maneira como a filosofia natural ou a matemática ou a lógica dedutiva posteriormente passaram a supor, porque pela lei cósmica tudo muda, o sol não é mais o mesmo, a água do rio não é mais a mesma, nós não somos mais os mesmos... Heráclito dá o nome de fogo a este processo, fogo como metáfora das mudanças de significados de todas as “verdades”. Portanto, como veremos mais adiante, o relato verbal do cosmo, a fala do cosmo, ou seja, o *logos* é também fogo. Interessante notar que o processo do fogo é diferente dos outros processos, como, por exemplo, o processo da transformação de água em vapor. O fogo heraclítico seria, nas palavras de Vieira (2020), um processo não transformativo, sendo desse modo uma atividade e não um desenvolvimento, o que talvez explicasse a leitura de alguns autores que compreendem uma primazia do fogo em Heráclito.

Na compreensão de Costa, Heráclito estaria afirmando que o mundo não tem uma origem, não teve um princípio e não terá um fim, mas esta não é uma leitura unânime, há quem enxergue um cosmo Heraclítico com começo, meio e fim. Rodolfo Mondolfo

(2004) é alguém que vê em Heráclito um cosmo tendo um fim, apresentando assim algumas dificuldades que surgem nas interpretações dos fragmentos heraclíticos⁴. Todavia, nesta leitura que aqui destaco, para Heráclito não existiria uma verdade fora do discurso, não haveria nada estável em que possamos nos apoiar, a não ser a certeza de que vivemos em um mundo de impermanência, em um cosmo constituído através de constantes e infindáveis alterações sem começo e sem fim. Temos, portanto, diferentes escutas das reflexões do filósofo, o que seria, de fato, uma afirmação de sua teoria das contradições, isto é, a lógica da contradição de Heráclito. As múltiplas interpretações da fala de Heráclito corroboram a multiplicidade das construções mentais particulares dos humanos.

Ao longo deste estudo, veremos que na reflexão heraclítica existe apenas uma verdade, a de que tudo se altera. Será interessante, entretanto, notar que este diagnóstico de Heráclito, à primeira vista, não nos parece nada de extraordinário e nos leva a pensar que o efésio estaria chamando a atenção para algo que já sabemos: tudo está em constante transformação, tudo muda, nós mudamos... Realmente não há nada de novo nesta afirmação que pode ser de imediato constatada; a única diferença é que não paramos para analisar e refletir mais profundamente a respeito desta dinâmica, reflexão esta que, segundo Heráclito, nos faria compreender melhor o nosso lugar no mundo. Não refletimos sobre esta situação que é, aliais, um problema para o ser humano. Tudo no cosmo muda, internamente e externamente, secretamente e aparentemente... e precisamos parar para “escutar” esse processo. Este será, para Heráclito, talvez o aprendizado mais importante a ser alcançado.

Observa-se ao longo dos fragmentos um constante alerta a respeito desta instabilidade na qual vivemos e a “distração e desatenção” dos humanos que não compreendem o universo como um conjunto instável de forças que se compõem e se contradizem. Tudo circula, tudo percorre e roda, nos lembra Heráclito, estamos “assentados” na inseparabilidade, na interconectividade e na instabilidade das forças cosmológicas, insiste inúmeras vezes Heráclito, e é fundamental observarmos com atenção este jogo, para que possamos entender a dinâmica de nossas próprias vidas. Há algo além das aparências a ser compreendido. Veremos ao longo desta investigação a importância dos conceitos de inseparabilidade e interconectividade no pensamento

⁴ Ver Mondolfo, Rodolfo, *Heráclito, Textos y problemas de su interpretación*. Edição espanhol, Siglo Veintiuno Editores AS, julho, 2004.

heraclítico e como serão exatamente estas duas ideias que poderão ser mais facilmente ligadas às complexas questões de nossos tempos contemporâneos.

Atualmente, em pleno século XXI, com todos os avanços da ciência, estamos cientes que nos encontramos literalmente posicionados na inconstância dos movimentos heraclíticos. Sabemos, por exemplo, que estamos, palavra por palavra, assentados sobre placas tectônicas que vez por outra se chocam, diante de um mar de desestabilizações e que podemos ser expelidos a qualquer momento em erupções explosivas do magma terrestre... mas, que até lá cooperam entre si. Temos constantes experiências que nos mostram claramente as transformações pelas quais estamos passando a todo momento..., mas como quem dorme, denuncia o efésio, preferimos ignorar o processo e ouvir apenas pensamentos isolados, buscando sem cessar uma estabilidade.

Tomando todas estas reflexões, levantarei inúmeras questões, sem, entretanto, ter a pretensão de poder respondê-las: primeiramente o que seria a lógica da contradição heraclítica? O que seria a ideia de tensão entre os opostos, ou seja, a ideia de guerra-harmonia entre forças contrárias que compõem e sustentam o cosmo em Heráclito? Qual é a diferença entre a lógica heraclítica da contradição e a lógica predominante da não contradição? Observando a natureza e as relações entre os seus sistemas seria possível compreender uma lógica que defende a mútua exclusão do contrários? Teríamos esquecido a contradição heraclítica, mais especificamente a fundamental dinâmica contraditória de vida-morte, ao nos separarmos da natureza? O que significaria essa desenfreada busca por uma verdade absoluta em si? Por que buscamos o estável quando só temos o instável? Por que separamos o inseparável e desconectamos o interconectado? Que pensamento contemporâneo seria este de isolamento das forças opostas cosmológicas, de separação do “eu” do “outro”?

O quão atual seria a reflexão heraclítica sobre o viver-morrer quando vivenciamos um desequilíbrio ambiental entre o quente-frio, a ameaça de um radical aquecimento global, a mutação climática e o desrespeito pelo diferente? Contabilizamos diariamente as vidas-mortes na guerra global contra o coronavírus. O quão importante seria para os humanos compreender atualmente a interdependência do eu com o outro? O quão importante seria exercer uma filosofia como uma atividade disposta a problematizar o tempo presente? Seria plausível tentar repensar a filosofia heraclítica como um exercício de um diagnóstico dos nossos tempos? Seria possível repensar a perspectiva ético-política

das reflexões heraclíticas, trazida por Alexandre Costa (1999), e reconsiderá-las a partir das atuais circunstâncias?

Levantadas essas questões, impõem-se ainda outros problemas: Por onde e como começar a analisar a filosofia de Heráclito? Por onde penetrar um pensamento que defende a ideia de um cosmo circular sem princípio e sem fim, cujas forças tensionadas entre si, entrelaçadas por movimentos simultâneos, não podem existir sem os seus opostos? Seria como entrar em uma roda gigante que nunca para. Como se daria a investigação de um pensamento tão fora do eixo da curva do pensamento ocidental predominante? Qual seria a porta de entrada conceitual para explorar o tão pouco investigado pensamento labiríntico heraclítico sobre a guerra-harmonia vida-morte?

Como na roda gigante, podemos entrar em qualquer cabine, não faz diferença. Acredito que não haja, a priori, uma porta principal a ser aberta neste círculo heraclítico, há na verdade muitas portas. Logo, conclui-se que qualquer escolha inicial de análise que se faça será apenas uma opção metodológica. Heráclito nos traz uma filosofia sem primados e sem privilégios causais e desse modo seria anti-heraclítico estabelecer este ou aquele conceito, esta ou aquela polaridade, como sendo o de maior importância e que devesse deste modo ser analisado prioritariamente.

Posto isso, decido por destacar neste trabalho, como um dos temas principais, exatamente a noção de relação, inseparabilidade e simultaneidade entre os opostos, mais particularmente o par vida-morte e a tensão entre estes contrários, em duas modalidades retratadas por Heráclito, na compreensão de Alexandre Costa (1999), *thanatos-zoe* e *thanatos-bios*, e a sua relevância na compreensão da filosofia do efésio como um todo. É preciso que se entenda que vida e morte em Heráclito não se diz de uma única maneira. Haveria, desse modo, dois termos “vida” com significados e compreensões diferentes, que aparecem nos fragmentos e que são traduzidos, um deles por *zoe*: como por exemplo no fragmento 18 D/K 2: *Embora sendo o logos comum, a massa ‘vive’ como se tivesse um pensamento particular* (em forma de substantivo, mas também em formas verbais como encontramos aqui neste exemplo), e outro tipo de vida traduzido por *bios*, como, por exemplo, encontramos no fragmento 57 D/K 62: *Imortais mortais, mortais imortais, ‘vivendo’ a morte destes, morrendo a vida daqueles*, ambos termos, *zoe* e *bios*, se compondo com *thanatos*, compondo conseqüentemente também dois tipos de morte. Lembrando sempre a afirmação de interconectividade e interdependência descrita

claramente no fragmento 22 (D/K 10), no qual o efésio reafirma, mais uma vez, a paridade dos opostos e a importância da dimensão processual, relacional e de inseparabilidade dos contrários: *Conjunções: completas e não completas, convergente e divergente, consoante e dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas.*

A título metodológico, na busca por uma maior compreensão das reflexões de Heráclito sobre a dinâmica vida-morte, surgem questões que seriam fundamentais para esta pesquisa: o que significaria então afirmar que há em Heráclito dois tipos de vida e dois tipos de morte? A que tipo de mortes estaria Heráclito se referindo, que tipo de vidas estaria ele descrevendo e o quão importantes seriam estas reflexões para a compreensão de sua filosofia? O quanto que a compreensão dos dois pares de opostos *thanatos-zoe* e *thanatos-bios* ajudaria a elucidar o que possivelmente seria a concepção de morte-vida em Heráclito? Como se daria a morte de *bios* no pensamento heraclítico e o quanto esta reflexão estaria evidenciando a dimensão humana de sua filosofia? Lembrando sempre que estamos falando de um pensador do processo, como já vimos anteriormente, de um pensador da relação, o que significaria afirmar que Heráclito não estaria tendo uma visão de mundo a partir de “coisas” estáticas e separadas, mas sim a partir de uma dinâmica, ou seja, vida e morte não teriam um lugar específico no espaço, não teriam uma particularidade, não persistiriam no tempo e nem seriam “coisas” fixas, estáveis e desconectadas, já que este seria um paradigma da “substância” e não do processo, como diria Vieira (2020). Heráclito estaria, portanto, já no seu tempo, tentando mudar o modo de ver o mundo, lendo o cosmo como um processo.

Deve, desse modo, ficar claro que ao destacar essa dupla de opostos vida-morte, não estarei de modo algum lhe conferindo nenhum grau de particularidade e importância na reflexão de Heráclito. Estarei aqui neste trabalho destacando sim a relevância da composição vida-morte na compreensão do devir heraclítico, sem querer estabelecer nenhum tipo de hierarquia de importância entre as polaridades e muito menos trazer uma concepção de “coisas” separáveis como se fossem uma sequência de entidades isoladas, o que seria reduzir o mundo heraclítico a coisas bem delimitadas, concepção esta que não caberia no pensar heraclítico.

Mesmo envergando uma enorme liberdade de movimento pelas reflexões de Heráclito, ou seja, portando a priori o consentimento para passear livremente pelo enredo do seu pensamento, opto, como já mencionei, por adentrar, aqui, uma porta já aberta e

explorada e por eleger um caminho conceitual metodológico já percorrido pelo professor Alexandre Costa (1999), que penetrou uma dessas trilhas labirínticas ao fazer uma leitura do *logos* heraclítico para em seguida analisar o que poderia vir a ser a tensão vida-morte na concepção da lógica heraclítica da contradição.

Costa (1999) estabeleceu a ideia do *logos* heraclítico como a sua entrada principal na análise do pensamento do efésio e será exatamente desta mesma maneira que orientarei metodologicamente a minha pesquisa apresentando este conceito que possui uma absoluta originalidade em Heráclito e que acredito ser de grande relevância na compreensão de sua filosofia como um todo e mais particularmente no que se refere às polaridades vida-morte. Seriam muitas as alternativas para um entendimento deste importante conceito em Heráclito, e assim sendo, seria muito interessante fazer uma comparação entre elas, mas nesta pesquisa me proponho a acompanhar a trilha aberta por Costa e opto por me abster de analisar outras possibilidades de compreensão do *logos* heraclítico.

Veremos, ao longo de toda esta minha análise do pensamento de Costa, que a compreensão do que venha a ser o conceito de *logos* em Heráclito é indispensável para o entendimento de noções fundamentais de seu pensamento, tais como tensão, composição, equilíbrio, instabilidade, movimento, guerra, harmonia, inseparabilidade, interconectividade e particularmente a dimensão humana ético-política na relação vida-morte. É, portanto, sempre importante que se volte a lembrar que em Heráclito o conceito de *logos* é o conceito central de suas reflexões e que muitas são as alternativas de suas interpretações. Ficará claro que opto por compreender o *logos* heraclítico como linguagem.

De meu ponto de vista, se mostrou fundamental que fosse evidenciada como também protagonista a dimensão humana nas reflexões de Heráclito, em especial a partir da análise do conceito heraclítico de *thanatos*, na sua perspectiva *thanatos-bios*. Acredito que ficará visível como esta dimensão atravessa todo o seu pensamento, o que lhe valerá um capítulo inteiro para a sua análise.

A obra de Alexandre Costa (1999) instala-se sobre o conceito de morte em Heráclito, e assim sendo, sua leitura estabelece-se, aqui, como o fio condutor que orientará o meu caminho na busca por uma clareza a respeito do que seriam na reflexão do efésio as noções de processo, relação, composição, tensão, instabilidade,

inseparabilidade e interconectividade, mais especificamente entre os pares de opostos vida-morte e tudo-um.

Tendo sempre como norte as reflexões de Costa, sendo elas a minha trilha principal, pretendo ainda tomar outros atalhos e explorar algumas rotas no labiríntico pensar heraclítico, explorando possíveis novos acessos, seguindo outros passos que se aventuraram a analisar os fragmentos como um todo, na busca por uma possível menção ao conceito específico de morte. Buscarei, nas análises mais gerais da obra de Heráclito, interpretações de fragmentos que estejam em uma relação mais evidente com o conceito de *thanatos*. Esta foi a maneira que encontrei de estabelecer uma bibliografia secundária que se relacionasse com a leitura de Costa. Desse modo, percorrerei, ao longo da minha pesquisa, análises de outros autores que também, assim como Costa, evidenciam a dimensão humana na interpretação dos fragmentos, mas sempre retornando à trilha central deste trabalho, baseado na via principal que norteia esta pesquisa, que são os sentidos de *logos* e *thanatos* heraclíticos explorados por Costa (1999), único autor do meu conhecimento, como já salientei anteriormente, que fez uma leitura singular e específica da relação dos conceitos *logos* e *thanatos* e dos pares vida-morte em suas duas modalidades, *thanatos-zoe* e *thanatos-bios*.

Ao longo deste trabalho, e mais diretamente na conclusão desta investigação, me aventuro a fazer possíveis correlações, que se impuseram como inevitáveis, entre o pensamento de Heráclito e concepções contemporâneas específicas, tal como, por exemplo, a noção de desequilíbrio ambiental e crise e colapso climático, como consequência da distração e ignorância humana a respeito de um ponto fundamental apontado pelo efésio, que seria a negação da noção de interdependência e inseparabilidade cosmológica e ainda a questão de morte ética no desrespeito à alteridade e no fazer e deixar morrer tudo aquilo que não seja eu.

Opto por destacar logo de início a dimensão humana da filosofia heraclítica e a partir desta premissa ilumino a noção de *logos* heraclítico e a seleciono como sendo a porta de entrada no pensar do efésio, por compreender a importância da inédita afirmação de Heráclito, de que se escuta o *logos*, isto é, o *logos* heraclítico é linguagem, ou seja, a reflexão de que há um discurso no processo, isto é, o cosmo fala, tudo está falando. E, a partir desta constatação de *logos* como a linguagem do mundo surgirá a questão que me interessa neste estudo, a qual chamarei aqui de “a fala mais explícita” do cosmo, talvez,

para nós, a mais estrondosa que é a ruidosa fala da morte. Assim sendo, partirei do conceito do *logos* heraclítico para chegar na simultaneidade da composição vida-morte, associando a importância do conceito de *logos* na compreensão do conceito de *thanatos* em Heráclito.

Sem querer estabelecer uma primazia, talvez possa afirmar que o cosmo não fala sobre a morte, o cosmo “grita” a respeito da morte e esse “grito” teria para Heráclito, já adiantando, uma dupla dimensão: 1) A expressão de uma morte universal, comum a tudo e a todos, contínua, mas também fatal, e, ainda dentro desta primeira dimensão, a morte por alteridade, que seria para o efésio o aspecto de *thanatos* em contraste com *zoe*. 2) Haveria, entretanto, na leitura de Costa, uma segunda expressão, desta vez um aspecto da morte exclusiva e específica ao humano que se contrasta com *bios* e que se concretizada nos transformaria em uma espécie de “morto-vivo”, ou seja, uma morte em vida do humano, entendida aqui como uma morte de valores éticos, a morte ética. Heráclito estaria, desse modo, se referindo a um humano que mesmo estando vivo para *zoe*, com todas as suas funções biológicas em pleno funcionamento, sofre o que seria “a morte em vida”, a morte de *bios*, a morte decorrente da não-homologia, um sentido figurado, metafórico, que em Heráclito aconteceria com seres humanos dormentes e “ignorantes”.

Ao longo desta investigação, ao me embrenhar nos fragmentos heraclíticos espero alcançar minimamente um entendimento do que poderia significar, para o efésio, este ininterrupto e incessante “grito da dinâmica vida-morte”, mais especificamente relacionado à noção de morte ética, o que apontaria evidentemente para a forte presença de uma dimensão humana no pensamento do filósofo.

Esta reflexão de Heráclito a respeito de vida-morte, à primeira vista, pode nos parecer uma ideia banal e óbvia e de fácil compreensão na medida em que experimentamos cotidianamente uma fala perseverante de vida-morte em tudo e em todos. Estamos todos cientes de que iremos morrer, notamos com uma certa clareza as transformações e as constantes mudanças ao nosso redor. Deveria, portanto, estar claro que vida-morte é um processo próprio do vir-a-ser cosmológico e que é de fundamental importância compreender que essas mortes, *thanatos* em contraste com *zoe*, são essenciais para que as forças de transformação e de invenção prossigam seus fluxos ao longo do processo do devir. No entanto, veremos, como Heráclito aponta, a existência de humanos distraídos, que apesar das evidências se recusam a escutar, adequadamente, a

mensagem que a sua própria natureza está expressando. Na visão do filósofo, a massa, como surdos, não estaria escutando com a devida atenção a fala do cosmo, ou seja, não estaria ouvindo o *logos* comum/universal, fato este que acabaria por trazer consequências éticas dramáticas.

Desde o primeiro capítulo desta dissertação, veremos sob a ótica de Costa, que de acordo com uma dimensão ética, Heráclito estaria apontando a morte de *bios* como uma das mais complexas esferas do conceito de *thanatos* heraclítico, a qual estaria denunciando na existência humana, e apenas na humana, um tipo específico de morte, isto é, a possibilidade de estarmos “mortos” mesmo estando vivos, a possibilidade de não estarmos compreendendo o nosso lugar no mundo e como ele funciona. Neste contexto espero estabelecer uma afinação com a escuta do pensamento heraclítico no intuito de tentar compreender o significado desses diferentes aspectos de *thanatos* em Heráclito, ressaltando, entretanto, logo de saída, a presença de uma dimensão humana como uma marca do pensamento do efésio.

Antes, porém, de entrar na pesquisa propriamente dita, faz-se necessário marcar, já nesta introdução, algumas questões que norteiam minha investigação, a começar pelo termo “A lógica da contradição” já no título desta dissertação. É necessário explicitar este tema, por ser um termo bastante delicado e por isso mesmo ser muitas vezes mal compreendido. Esta frase, “lógica da contradição”, é um termo cunhado por Alexandre Costa quando se refere à “lógica heraclítica” e seria, de fato, a imagem do que seria o cosmo para Heráclito, um jogo de forças contraditórias, um processo de contradições. Se tradicionalmente temos a lógica da não-contradição, a lógica heraclítica seria justamente o que na lógica *stricto sensu* seria visto como um absurdo, mas que será acolhido e encontrará perfeitamente um lugar na filosofia de Heráclito, na qual os opostos não se repelem, mas se relacionam intimamente e tem-se, desse modo, uma lógica da contradição na qual o sentido é o da composição, da simultaneidade e da relação, e não o da mútua exclusão.

Muito pelo contrário, em Heráclito a contradição é uma contração que é inclusive exemplificada por Costa, como sendo a mesma contração que, por exemplo, presenciamos no movimento do coração dos seres que devêm, e que bem representaria o pulsar da contração do cosmo. Sístole-diástole movimentos do coração que bombeiam o sangue para dentro e para fora, contraindo-expandindo, em um processo de movimentos

opostos incessantes. Um exemplo poético e claro que nos ajuda a perceber o que estamos falando quando entendemos a contradição heraclítica como contração, que não seria uma exclusão, mas sim uma composição, uma constante relação entre forças que se complementam, o que representaria o modo de funcionamento do processo cosmológico heraclítico que se apresenta como um deslocamento perseverante de expansão-contração, de vida-morte. Contradição heraclítica como relação e composição, ou seja, nada semelhante à noção da “lógica dominante da não contradição” que ao invés de compor com o oposto, o excluí.

Estarei, portanto, falando aqui de uma lógica antitética, de uma lógica da contradição heraclítica. Marcel Detienne (1981) se refere a uma lógica da ambiguidade que poderíamos pensar se seria ou não o mesmo que a lógica da contradição de Heráclito. Seria necessário, entretanto, desenvolvermos uma análise mais detalhada dos termos contradição e ambiguidade e refletir mais profundamente a respeito de suas diferenças e semelhanças. Seriam contradição e ambiguidade a mesma coisa? Desta maneira, sem poder me ater mais demoradamente nesta questão, opto por usar aqui o termo contradição e abandonar o termo ambiguidade de Detienne, que poderá ser mais aprofundado em uma pesquisa posterior. O termo contradição é, sem dúvida, um conceito fundamental desta dissertação e espero poder observá-lo mais detalhadamente ao longo desta pesquisa. Na busca por um melhor entendimento do que possa vir a ser esta lógica, na medida que se faça necessário, desenvolverei outras colocações desta específica questão.

Relevante seria, ainda, apontar que a busca por uma possível leitura do pensamento de *thanatos* em Heráclito, nesta pesquisa, não tem a esperança e nem a intenção de por meio de respostas chegar a conclusões e muito menos elaborar teorias. Muito pelo contrário, a tarefa deverá ser desenvolvida através de arrolamento de dúvidas e ainda mais indagações. Sendo heraclítica, esta dissertação lidará com muitos movimentos de incertezas e de instabilidades, seguindo os seus instáveis processos, suas variadas escutas, assim como os do cosmo heraclítico. Ao adentrarmos o pensamento de Heráclito, como faremos a seguir, uma coisa é certa: é fundamental nos desvencilharmos da noção de uma lógica e de um pensamento racional dominantes e historicamente estabelecidos, no qual estamos profundamente acostumados a mergulhar. Não é com certeza uma tarefa fácil, mas ao ler Heráclito se faz necessário “libertar o pensamento” de uma lógica que entende a contradição como um absurdo. A lógica da contradição

heraclítica é todo um modo diferente de pensar, de ouvir, de sentir, e é, repito, a lógica na qual o sentido é o da relação, da composição e não o da mútua exclusão dos opostos.

Dito isso, prossigo, mais uma vez, para a importante questão que é o uso, nesta dissertação, de aspas no termo “verdade” em Heráclito, já que defendo a ideia de não haver nenhum ponto fixo que possa determinar e estabelecer ali uma verdade. Como já foi rapidamente mencionado acima, o uso do termo grego *hé aletheia*, a “verdade”, será unicamente entendido em Heráclito sob o aspecto do discurso.

Acredito não ser nunca demais reforçar que estarei aqui sublinhando a linha de interpretação que não destaca a verdade em si, mas somente a verdade no discurso. Espero alargar esta visão do que seria a noção de “verdade” em Heráclito, ao longo do trabalho, ao desenvolver mais adiante e mais especificamente a questão da circularidade do pensamento heraclítico no que se refere ao cosmo, à qual também já me referi brevemente acima, e, a qual inviabiliza por completo a noção de uma “verdade” em si, uma “verdade” fixada em algo, uma vez que em Heráclito, o ser, e o em si, ou seja a “verdade” só se daria, nesta leitura, sob a dimensão da fala. Veremos que o cosmo heraclítico, por estar em constante e incessante movimento, ou seja, num processo de “sempre sendo” impossibilita a existência de uma fixidez em Heráclito, ou seja, de uma verdade, de um “É”.

Concluo esta introdução resumindo que pretendo, portanto, investigar algumas reflexões de Heráclito, mais especificamente as noções de inseparabilidade, interconectividade e simultaneidade dos opostos vida-morte, sob uma dimensão humana e a partir da relação e composição desses opostos específicos buscar descrever o cosmo heraclítico sob a ótica da lógica da contradição; isso significa dizer que ao longo da investigação levantarei questões que não serão “verdadeiramente” respondidas, o que estaria coerente e acolhido pela visão heraclítica, ou seja, haveria infindáveis e múltiplas interpretações e todas somente no nível do discurso. Estamos, desse modo, inseridos na dimensão da fala humana, individual, ou seja, no *logos* humano/particular, que como veremos, pertence à dimensão da multiplicidade de compreensões.

Esta pesquisa pretende, portanto, como também já me referi anteriormente, ser uma jornada através do labiríntico e fragmentado pensar heraclítico, sobre a dupla de opostos vida-morte, a partir de um reexame das interpretações e traduções de Costa (1999, 2012), mas também ao mesmo tempo uma andança por algumas escutas individuais dos

fragmentos de Heráclito como um todo, tais como as leituras de Bruno Snell (2012), Damião Berge (1969), Dennis Anthony Rohatyn (1973), Patrícia Curd (1991), Charles Kahn (2009), Celso Vieira, (2010, 2013, 2020), Antônio Donato Nobre (2011), Giovanni Casertano (2012), Marcel Conche (2017), André Laks (2013) e Constantine Vamcavas (2009), que analisaram os fragmentos heraclíticos.

Acredito que possa já de saída adiantar que a noção de morte permeia toda a obra de Heráclito e está entranhada em toda a lógica de seu pensamento. Entretanto, esta afirmação talvez seja surpreendente para alguns, por encontrarmos apenas em 15 fragmentos, em um total de 131 que chegaram até nós, ocorrências literais da palavra morte e seus derivados, e em quase todas elas como um termo metafórico. A noção de morte teria em Heráclito o seu uso como morte real, física, como o desaparecimento fatal e final de um ser, mas é importante repetir que o seu uso metafórico surge como um traço determinante na elaboração de sua reflexão, ou seja, morte como um processo, um motor natural e contínuo de alteração e transformação de tudo e de todos, como um fator muitas vezes invisível e secreto, mas sempre crucial e necessário à manutenção da dinâmica do cosmos; e ainda como alteridade, o outro como a minha morte e eu como a morte do outro; e por último a morte ética.

Somente a título de informação listo abaixo os fragmentos nos quais as palavras “morte-morto-cadáver-morrer” aparecem literalmente em Heráclito, seguindo a tradução, ordenação e enumeração de Alexandre Costa (2012), seguida da numeração tradicional de Diels/Kranz (D/K).

Fr. 35 D/K 21: ***Morte** é tudo que vemos acordados; sono, tudo que vemos dormindo.*

Fr. 36 D/K 26: *O homem toca a luz na noite, **morto** para si, a vista extinta; mas, vivendo, toca o **morto**, dormindo, a vista extinta; vigilante, toca o adormecido.*

Fr. 37 D/K 96: ***Cadáveres**, mais do que excrementos, devem-se jogar fora.*

Fr. 38 D/K27: ***Morrendo**, aguarda os homens o que não esperam nem lhe parece.*

Fr. 39 D/K 62: *Erguer-se sobre o que é presente e tornar-se vigilantemente guardiães dos **vivos** e dos **mortos**.*

Fr. 40 D/K 48: *O nome do arco, **vida**; sua obra, **morte**.*

Fr. 42 D/K 88: *O mesmo é **vivo** e **morto**, acordado e adormecido, novo e velho: pois estes, modificando-se, são aqueles e, novamente, aqueles, modificando-se, são estes.*

Fr. 53 D/K 76: *A **morte** da terra é tornar-se água e a **morte** da água tornar-se ar e a do ar, fogo, e vice-versa.*

Fr. 54 D/K 36: *Para os vapores, tornar-se água é **morte**; para a água, tornar-se terra é **morte**; mas da terra nasce água; da água, vapor.*

Fr. 55 D/K 77: *Para as almas é prazer ou **morte** tornarem-se úmidas.*

Fr. 56 D/K 77A: ***Vivemos a morte** delas e vivem elas a nossa **morte**.*

Fr. 57 D/K 62: ***Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte** destes, **morrendo a vida** daqueles.*

Fr. 58 D/K 24: *Aos **mortos** de Ares prestam honra deuses e homens.*

Fr. 63 D/K 29: *Uma só coisa contra todas escolhem os melhores, a glória eterna dos **mortais**; a massa, porém, está empanzinada como o gado.*

Fr. 64 D/K 121: *É legítimo que todos os efésios adultos **morram** e que os menores abandonem a cidade, eles que expulsaram Hermodoro, o mais valioso dos seus, dizendo: “de nós, nenhum será o mais valoroso, senão que o seja algures e entre outros”.*

Estes seriam acima, portanto, os fragmentos heraclíticos que envolvem explicitamente o termo morte e que poderiam ser considerados, em uma análise inicial, como sendo naturalmente o *corpus* de fragmentos desta dissertação, isto é, sentenças a serem examinadas mais de perto. Entretanto, isto não irá acontecer nesta pesquisa, visto que não podemos esquecer que há ainda outros critérios que podemos estabelecer ao analisarmos a noção de morte implicada na reflexão de Heráclito. Por exemplo, a observação dos fragmentos nos quais não são usados diretamente os termos *thanatos* e seus derivados, mas que trariam explicitamente ou implicitamente a noção de morte como quando a ideia de *Hades* é trazida no fragmento 41 D/K 15: *Se não fosse para Dionísio a procissão que fazem e o hino que entoam com as vergonhas, realizariam as coisas mais vergonhosas, mas é o mesmo Hades e Dionísio, a quem deliram e festejam.*

Podemos ainda lembrar de outros fragmentos como os que trazem ideias de ‘vapores’ e ‘fogo’ sem trazer diretamente o termo *thanatos*, mas que também

implicariam, nesta minha leitura, na polaridade heraclítica de vida-morte. Por exemplo no fragmento 29 D/K30: *O cosmo, o mesmo para todos, não o fez nenhum dos deuses nem nenhum dos homens, mas sempre foi, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se segundo medidas e segundo medidas apagando-se.* Fr. 52 D/K 126: *As coisa frias esquentam-se, o quente esfria-se, o úmido seca, o seco umidifica-se.*

Importante ressaltar ainda a família específica do termo “vida”, que se desdobraria, como já mencionei, em dois termos, *zoe* e *bios*, que também serão analisados ao longo desta pesquisa e que estariam estabelecendo respectivamente dois tipos de morte em Heráclito. Além disso serão trazidos e examinados ao longo de toda a dissertação outros fragmentos os quais entendo também estarem trazendo esta questão do processo vida-morte, independentemente de trazerem ou não os termos específicos.

Parece evidente que esse contraste entre “vida” e “morte” é uma contradição importante em Heráclito que transita por toda a sua obra. Entretanto, as abordagens e os critérios usados nas análises dos fragmentos heraclíticos que envolvem a noção de *thanatos* podem ser variados. Há pesquisadores que separam e analisam os fragmentos de acordo com suas especulações particulares e outros que discorrem sobre o tema de uma maneira geral. Edward Hussey, para dar um exemplo, no seu texto *Heraclitus on Living and Dying* (1991), traz a possibilidade de Heráclito ser um teórico sistemático que estaria desenvolvendo em sua obra uma teoria geral da alma que teria, na sua interpretação, uma conexão direta com a sua teoria do cosmo. Trago Hussey aqui, nesta introdução, com o intuito de ilustrar um outro critério de pesquisa e linha de investigação diferente dos usados nesta pesquisa. Hussey estaria fazendo uma abordagem que procura descrever como Heráclito expressa a oposição vida-morte através de uma variedade de palavras, ou seja, destaca a questão linguística, analisando vários termos e fazendo conexões com a *Teogonia* de Hesíodo e com os poemas de Homero em uma análise específica, questionando ainda se as noções heraclíticas de vida e morte seriam estado ou processo, na visão do efésio. Hussey faz uma abordagem dos fragmentos de Heráclito trazendo ao mesmo tempo uma expectativa de determinar o que o *thanatos* heraclítico estaria denotando e ainda relacionando-o, diretamente, ao contexto poético Hesíodo-Homero. Já de saída posso adiantar que nesta minha leitura não haverá nenhuma dúvida de que Heráclito seja um pensador do processo, o que colocaria completamente fora de qualquer perspectiva desta dissertação a hipótese de vida-morte em Heráclito serem estados.

Vemos, portanto, que podem ser variadas as abordagens e os critérios de análises da dinâmica vida-morte em Heráclito.

Logo, minha abordagem e meu critério de análise serão diferentes já que pretendo elaborar uma especulação filosófica mais geral que abranja a ideia de que, ao caracterizar o filósofo como um pensador do processo, consolida-se a leitura de que Heráclito estaria ao longo de toda a sua obra estabelecendo a ideia de um devir cosmológico eterno, constante e absolutamente cooperativo entre os seus componentes, e que teria a dinâmica vida-morte como o seu talvez mais importante e crucial motor, no qual o mundo seria visto sem particularismos e sem substâncias isoladas do todo. Heráclito estaria trazendo uma nova maneira de compreensão do cosmo, um novo olhar sobre o lugar e a atitude do humano. O mundo para Heráclito não seria constituído por “coisas” ou partículas e este será o ponto central do pensamento heraclítico no qual irei me concentrar. Destacarei as noções de inseparabilidade e interdependência dos contrários, enfim, a interconexão de tudo e de todos. Os fragmentos heraclíticos serão percorridos com absoluta liberdade ao longo deste trabalho, sem nenhum método específico ou sistema pré-estabelecido de divisão. Eles aparecerão e irão sendo analisados na medida em que a reflexão for se desenvolvendo sem nenhum critério e listagem pré-concebidos, o que irá espelhar a ideia de que o processo vida-morte em Heráclito estaria absolutamente infiltrado em todo o pensamento heraclítico, e por isso não haveria de se fazer separação de suas ideias por temas ou sentenças. Pretendo ir ainda mais além ao estabelecer uma conexão do pensamento heraclítico com a filosofia e a ciência atuais que me parece já estar abandonando a visão substancial que prevaleceu por algum tempo, uma vez que as partículas são hoje vistas mais como oscilações do que como estados e “coisas”.

Digo isso para lembrar que a linguagem e as interpretações humanas são múltiplas, mais ou menos afastadas do *logos* comum/universal, como diria Heráclito, e esta minha reanálise do trabalho de Costa (1999) seria uma escuta minha, única e singular de um trabalho também único e singular, cuja originalidade, se é que existe, estaria apenas na minha maneira particular de reordenar, jogar luz ou abandonar certas ideias, certos temas e interconexões feitas por Costa. Por si só, a “desordenação original” dos fragmentos heraclíticos talvez já propicie a multiplicidades de leituras do cosmo heraclítico que estaria ainda por cima em contínua alteração.

Finalizando esta introdução, ressalto mais uma vez que analisarei de início o tema da dimensão humana no pensamento heraclítico, para em seguida entrar na parte central deste trabalho que versará sobre o processo específico da relação vida-morte e suas singulares modalidades heraclíticas, *thanatos-zoe* e *thanatos-bios*, na leitura específica de Alexandre Costa (1999), para finalizar com uma possível visão heraclítica das noções de inseparabilidade e interdependência e do possível lugar do humano no cosmo de Heráclito. Por fim, farei algumas considerações finais nas quais tentarei trazer reflexões de filósofos contemporâneos a respeito das nossas atuais circunstâncias, no intuito de fazer uma leitura de nossos tempos com os óculos de Heráclito.

2. - A dimensão humana na reflexão heraclítica

Fr. 3 (D/K 34): Não sabendo ouvir, não sabem falar.

Lembramos que Heráclito de Éfeso, (cerca de 540 a.C - 470 a.C.), encontra-se delimitado historicamente entre os pensadores “pré-socráticos”, termo este que é uma criação moderna e bastante controversa, mas que remete basicamente à ideia de que existiria uma ruptura entre a filosofia de Sócrates e a que lhe precedeu. Para muitos, na Filosofia grega haveria uma linha divisória entre o antes e o depois de Sócrates, ou seja, teria havido a transformação de uma filosofia da natureza para a filosofia do homem e da ética humana. Haveria antes de Sócrates grandes narrativas “sobre a natureza”, ou seja, os “pré-socráticos” estariam buscando uma compreensão da “maneira como o universo, os astros e a terra se formaram, e logo depois, o tratamento de problemas mais técnicos ou especializados como a delimitação das zonas terrestres, a inclinação dos polos, a distância e a grandeza dos astros, a luminosidade da lua, os fenômenos meteorológicos e terrestres, como chuvas e granizos, sismos e mares, a aparição dos seres vivos e sua reprodução, a diferenciação sexual dos embriões, o mecanismo da vida fisiológica, sono e morte, sensação e pensamento e eventualmente, o desenvolvimento da vida em sociedade”. Em resumo: uma cosmogonia e uma cosmologia (Laks, 2013, p.20).

Não custa lembrar, entretanto, que a filosofia pré-socrática não é uma manifestação repentina do despertar do espírito grego, mas sim o resultado culminante de um longo período de desenvolvimento e maturação da mente grega. Além disso, é também fundamental assinalar que Heráclito e Parmênides marcaram um importante ponto de desvio no curso do pensamento “pré-socrático”, uma vez que apesar de viverem em lados opostos do mundo grego os dois pensadores estariam bebendo da mesma fonte ao questionar os profundos significados do *ser* e do *vir-a-ser*. Para Constantine J. Vamcavas (2009), seus pensamentos ultrapassaram os limites de suas heranças filosóficas, marcando a origem da filosofia, indicando a questão do “ser”, do “vir-a-ser” e do conhecimento. Cada um a partir de sua perspectiva particular traz respostas para esses três importantes pontos que desde então desafiam a filosofia e as ciências naturais até os dias de hoje (Vamcavas, 2009, p.101).

Heráclito, é importante lembrar, viveu em tempos extremamente problemáticos, um período de revoluções, de grandes mudanças nas formas de governo, guerras e catástrofes

naturais. Grandes confrontos culturais entre grandes poderes e grupos étnicos influenciariam profundamente o pensamento de Heráclito. Vamcavas (2009) nos lembra em sua leitura dos fragmentos de Heráclito que o infindável conflito de seu tempo, no qual a queda de um marca a ascensão do outro, e vice-versa, faz lembrar as “enigmáticas” palavras de Heráclito: Fr. 57 (D/K 62): *Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte destes, morrendo a vida (zoe) daqueles*. Para Vamcavas, a sua época diz muito a respeito do que Heráclito reflete: Fr. 21 (D/K 53): *De todos a guerra é pai, de todos é rei; uns indica deuses, outros homens; de uns faz escravos, de outros, livres*. Sob esta ótica ético-política fica difícil não relacionar os tempos da época de Heráclito aos nossos tempos também complexos, repletos de grandes conflitos de toda ordem, mas deixarei essas comparações para mais adiante.

Apesar de haver uma volumosa literatura secundária a respeito dos fragmentos de Heráclito, o número de trabalhos que se ocupa especificamente de sua filosofia “política”, até que eu saiba, é bem limitado, muito mais restrito ainda se buscarmos estudos que analisem a dimensão ética na tensão específica entre as polaridades vida-morte. Há, entretanto, com certeza, quem considere indiscutível a orientação política permeando o pensamento de Heráclito, como por exemplo, Dennis Anthony Rohatyn, (1973), que destaca em sua obra *Heraclitus: Some Remarks on the Political Fragments*, questões de corrupção que aconteciam na cidade natal de Heráclito, Éfeso, a qual se manteve sob ocupação persa durante todo período de sua vida: Fr. 66 (D/K 125^a): *Que não vos faltasse a riqueza, efésios, a fim de que fosse desvendada a vossa maldade*. Para Costa, este é um dos inúmeros fragmentos a ilustrar a diferença entre o homem em acordo com o *logos* e aquele que vive em desacordo, o que seria o humano que vive uma vida ética e o “ignorante” que tem uma escuta inadequada e desse modo se afasta do *logos*. (2012, p. 186).

Há, ainda quem questione a dimensão humana no pensamento do efésio: Estariam os pensadores “pré-socráticos” falando apenas de questões materiais e físicas da natureza? Teria sido Sócrates o precursor das indagações a respeito das virtudes, das “coisas humanas” e do “bem do homem”? Ou poderíamos considerar Heráclito como um filósofo político, que estaria tentando, antes mesmo de Sócrates, compreender a extrema dificuldade que o humano tem em decifrar a si próprio e a sua relação com o mundo? Diogenes Laertius, 9.15, reforça a ideia de um Heráclito político ao negar que suas reflexões sejam a respeito de natureza, já que sua obra seria dividida em três discursos,

um sobre o Universo, outro sobre Política e o terceiro sobre Teologia, e que o material sobre natureza teria sido colocado em suas reflexões apenas como um paradigma. Assim sendo, constatamos que existem controvérsias a respeito desta linha divisória, “pré e pós-socráticos” que coloca uma separação entre os “físicos da natureza” e o Sócrates humanista. Há muitos estudiosos que defendem, como Laks (2013), que os chamados “pré-socráticos” não especulam apenas sobre a causa dos fenômenos naturais e que Sócrates não é um só. Sócrates teria tido também, em seus primeiros tempos, uma fase naturalista (ibidem, p.24).

Por outro lado, cabe aqui neste ponto talvez pontuar que Heráclito poderia sim ser chamado de “filósofo da natureza” e ao mesmo tempo ser um pensador político que se pergunta a respeito do lugar do humano no mundo e de suas virtudes e não virtudes. Se compreendermos, como Costa nos coloca, um Heráclito que “ouve” a fala do cosmo, que destaca a importância da escuta do *logos*, que não se vê separado da natureza e que localiza no modo de escuta das coisas a sabedoria humana, encontramos nele a mistura da “filosofia da natureza” com a filosofia ético-política. Heráclito, veremos ao longo desta pesquisa, é compreendido aqui, nesta leitura específica, como o filósofo que estabelece a escuta como definidora do bem-pensar e da virtude humana. Haveria, pois, para o efésio, aquele que escuta adequadamente a natureza e aquele que é surdo para a sua fala, aquele que separa os contrários e que desse modo tem uma escuta errônea e aquele que compreende a inseparabilidade. Heráclito seria, portanto, sob esta ótica, um filósofo que indaga a respeito das virtudes e não virtudes humanas a partir da escuta que cada indivíduo tem de si e da natureza que com ele se relaciona intimamente. O humano sábio seria, portanto, aquele que possui a escuta adequada da fala da natureza, portador da sabedoria de escutar o *logos*, do bem-pensar, e da virtude.: Fr. 9 (D/K112): *Bem-pensar é a maior virtude, e sabedoria dizer coisas verdadeiras e agir de acordo com a natureza, escutando-as*. Deparamo-nos, neste fragmento acima, com a controvérsia já mencionada anteriormente a respeito da noção de verdade em Heráclito, mas devemos ficar atentos para o fato de que o filósofo coloca “as coisas verdadeiras” no nível da fala, ou seja, o bem pensar e a sabedoria seriam “dizer” coisas verdadeiras. Mas, é fato que logo em seguida surge o “sabedoria é agir de acordo com a natureza”. Confirma-se portanto, controvérsias a respeito da noção de verdade em Heráclito, dependendo da escuta de cada um. Continuarei a defender a ideia de uma verdade heraclítica apenas no nível do discurso, sob a ótica de não haver nada determinado e fixo no devir cosmológico, ou seja,

a ideia de que o humano estaria localizado sempre no movimento entre o afastamento-aproximação da sabedoria do *logos*, isto é, não conheceria nunca um ponto firme e inabalável, ou seja, não teria acesso à “verdade em si”.

Descendente de uma família aristocrática está claro para Vamcavas que Heráclito logo percebeu a política corrupta estabelecida e renunciou a seus privilégios herdados e se retirou para um estilo de vida solitário, em busca de uma vida silenciosa de significado mais profundo. Heráclito não apenas apontou a inseparabilidade dos sistemas do cosmo e a unidade dos opostos, mas viveu a contrariedade em sua própria vida e reflexões. (Vamcavas, 2009, p.102).

Verificamos, portanto, que para Laks, Rohatyn e Vamcavas e também para Costa está claro que existe um discurso sobre o humano na filosofia heraclítica. Mais ainda, Costa defende que Heráclito é efetivamente um lugar relevante da teoria política grega, sustentando dessa forma que uma evidente reflexão ético-política já esteja acontecendo no período “pré-socrático”. Mesmo tendo acesso a apenas alguns poucos fragmentos da sua obra, enxergamos, entranhado em todo o pensamento heraclítico, uma incontestável reflexão ética, espiritual e política.

Também Bruno Snell (2012) julga que os conceitos fundamentais de Sócrates pressupõem um longo desenvolvimento de uma reflexão ética que já vinha se desenvolvendo como um processo que começara muito antes dele. Se Sócrates empenhou-se com todas as forças para indagar o que era o bem, e se no fim teve que confessar a sua ignorância, devemos admitir que ele conseguiu estabelecer muitas coisas acerca do bem e da virtude: “Suas afirmações, prossegue Snell, vão juntar-se, porém, por múltiplos fios, às ideias daqueles que o precederam. Pois antes que as palavras “virtude”, “bom” e “mau” chegassem até Sócrates, elas já haviam passado por muitas bocas e mentes e, portanto, eram expressas e entendidas em múltiplos sentidos...”. Há como que numa teia o entrelaçamento de ideias que se confundem todas de tal maneira, as quais vão se aclarando ou se tornando mais complexas ao longo do processo do devir cosmológico. Para Snell, muitas ideias haviam se embaralhado a tal ponto que a compreensão de noções tais como “virtude” e o “bem” já são para Sócrates algo muito mesclado e complexo (2012, p.163-164).

Para Snell, “é condição da história viva do espírito que as velhas formas sempre retomem nova vida e se transformem, em seguida, em si mesmas”. Nisso a vida espiritual

assemelha-se à vida *tout court*, pois também na natureza a vida se perpetua em formas sempre novas” (2012, p.247). Snell fala aqui de transformações constantes, retomadas de novas vidas, olhares de volta para o passado, velhas formas se renovando, mortes-renascimentos... nada mais heraclítico. Há, entretanto, nos lembra ainda Snell, uma grande diferença entre a vida orgânica da natureza e a que chamamos de vida espiritual/ética. Nas plantas, nos animais e no humano, as formas vivas só podem surgir através da geração, enquanto na tradição ética espiritual formas de pensamento que vieram antes de nós ganham novas vidas quando *refletimos* sobre elas.

E é exatamente uma nova vida que Heráclito de Éfeso ganha quando refletimos hoje a respeito de seu pensamento e procuramos nos fragmentos que restaram de sua obra alguma semelhança com o que estamos vivenciando nos tempos de hoje. Nada mais atual, e facilmente reconhecível nesse começo de século XXI, do que a noção heraclítica do século VI a.C., da concepção do humano “morto-vivo”, a noção de morte de *bios*, em Heráclito. Vivemos uma época de humanos zumbis, humanos “presentes, mas ausentes”. E é curioso notar que nesta leitura poderíamos dizer que há algo que não muda no cosmo: a ignorância humana. Pelo menos não mudou até os dias de hoje, pois continuamos surdos e ausentes para a “verdadeira” natureza da realidade: Fr. 4 (D/K 34): *Ignorantes: ouvindo parecem surdos; o dito lhes atesta: presentes, estão ausentes*. Encontramos aqui o emprego do termo “ignorantes” em Heráclito “e mais uma vez a ignorância está associada ao não saber, ao não saber ouvir... os que não sabem, ouvem, mas ouvem a partir da surdez. Embora ouçam, não ouvem efetivamente e por isso parecem surdos” (Costa, 2012, p.171). Apesar de estarem presentes, estão surdos, estão ausentes, apesar de estarem vivos, estão “mortos” eticamente.

Basta um breve giro pelas reflexões heraclíticas e já ficará difícil não associar o pensamento de Heráclito à vida caótica que vivemos hoje, uma crise ética que parece se agravar intensamente com o passar dos dias, como descreve André Duarte: “uma política de invisibilização do sofrimento e do luto de uma parte considerável da população, tomada literalmente como não enlutável... parcelas inteiras da população condenadas à condição de cidadãos matáveis ... em nome da manutenção das garantias de privilégios e de direitos exclusivistas de certos grupos sociais...” (2020, p. 17). A instalação do humano vivo, porém “morto” para a ética: “Mortos-vivos” diria Heráclito. Duarte segue: “... a pandemia escancarou nossas crônicas deficiências no plano ético-político....” (pg.23). Fr. 66 (D/K 125^a): *Que não vos faltasse a riqueza, efésios, a fim de que fosse desvendada a*

vossa maldade. Heráclito traz, mais uma vez, “uma contrastante comparação entre os melhores, os *aristoi*, e a massa ignara, os *polloi*....” oferecendo mais um exemplo “dos equívocos e absurdos protagonizados pela ignorância dos “mortos-vivos” (Costa, 2012, p.186). Esta leitura acima talvez possa nos levar a crer que estamos falando de um Heráclito aristocrata, mas ficará bem claro mais adiante neste texto a posição de justiça social e de democracia do filósofo.

De volta à fala de Snell (2012) que vimos acima, quando o autor aborda a questão das formas de pensamento antigo que são retomados de tempo em tempo, reconheço esse processo de vida-morte ético/espiritual que se passa nas nossas atuais circunstâncias, e claramente associo a sua leitura às reflexões de Heráclito, no que se refere às diferentes dimensões de vida-morte.

De acordo com a leitura de Costa (1999), haveria uma primeira modalidade de morte heraclítica, que seria *thanatos* associado à *zoe*: seria o processo de vida-morte de todos os seres que devêm, a noção mais cotidiana e conhecida por todos nós do que seria vida e do que seria morte, a morte pelo desaparecimento, ou seja, a morte fática, aquela que irremediavelmente transforma algo em outro algo completamente diverso, como, por exemplo, a transformação do humano no cadáver. Além desta morte fática, ainda associada ao termo *zoe* haveria a noção de vida-morte no sentido das modificações que vão se sucedendo em tudo e em todos, as alterações lentas dos nossos corpos, as mudanças nos nossos fluxos mentais, as constantes variações nas situações, nas ideias, nas opiniões. E por último a morte por alteridade, que significaria afirmar que eu sou a morte do outro e o outro é a minha morte, isto é, eu sou tudo o que você não é e você é tudo o que eu não sou.

Um segundo tipo de relação vida-morte, ainda na leitura de Costa (1999), seria *thanatos* associado à *bios*, uma morte exclusiva do humano, a morte de ideias virtuosas, a morte da solidariedade, da generosidade, da empatia, da compaixão, a morte de normas e regras morais. Esta seria uma morte ética, uma morte de formas de pensar éticas, corretas, nobres, mortes de escutas adequadas e virtuosas, que poderiam, como diz Snell, ser ou não ser conservadas na memória e poderiam, por assim dizer, ser ou não reanimadas, recuperadas, reavaliadas de acordo com a escuta do humano... Pensamentos que podem ou não ganhar novo sentido ético e espiritual, pensamentos do bem-pensar (Snell p. 247). Seria o que, como veremos mais adiante nesta pesquisa, Heráclito estaria

chamando de surdez humana para a fala do *logos* comum/universal. Esta morte ética é o ponto central desta pesquisa e será melhor e mais detalhadamente desenvolvido mais adiante.

Para muitos pensadores, entretanto, esta tese de Costa da diferença entre *zoe* e *bios*, dividida e bem estabelecida deste jeito nos próprios fragmentos heraclíticos, não se sustenta. Porém, eu não entrarei aqui neste mérito, uma vez que não tenho conhecimento filológico nem conhecimento da língua grega para concordar ou discordar dos seus argumentos. Dito isso, o que na verdade mais me interessa destacar aqui seria a tese da noção de morte ética em Heráclito. Me entusiasma as noções heraclíticas de dormente, desmemoriado, surdo e ignorante eticamente, ideias tão enfáticas e presentes nos fragmentos heraclíticos, independentemente de dividirmos ou não os dois termos gregos *zoe* e *bios*. Confesso, todavia, que me encontro seduzida pela tese de Costa de estabelecer a divisão filológica entre *zoe* e *bios*, já que ela se encaixa como uma luva no meu intuito de falar da morte ética em Heráclito e a relacioná-la às atuais circunstâncias pandêmicas - “pandemônicas”.

Neste entendimento, independente da questão filológica, o humano seria o único ser vivente capaz de compreender e viver uma vida ética de empatia e de compaixão pelo outro, pelo diferente, mas, pelo contrário, “age como quem dorme”. Não reconhece o privilégio de possuir o “bem-pensar” e de ser capaz de compreender a totalidade do cosmo e a importância da cooperação mútua neste mundo do “tudo-um”. Heráclito estaria, desse modo, trazendo esta noção de morte em vida, de morte de *bios*, que seria o humano que estaria vivendo sem ética, sem ouvir a natureza, sem respeitar o outro: fragmento 18 (D/K 2): *Embora seja o logos comum, a massa vive como se tivesse um pensamento particular, sem cuidar, sem preservar e sem considerar o diferente, ou seja, sem compaixão. O morto-vivo, aquele ser humano egoísta, que não coopera e que está somente preocupado consigo mesmo e com seus familiares e os mais próximos. O ser humano ausente que tem um pensamento binário e não percebe que tudo na natureza funciona por cooperação. O morto-vivo que não compreende que não há ser insignificante no cosmo e que todos importam.*

Esta tese de morte ética em Heráclito me interessa sobremaneira, ainda mais, quando procuro reafirmar a dimensão humana no pensamento heraclítico. É bem verdade que esta noção seria sustentada filosoficamente e hermeneuticamente, ou seja, por uma

simples interpretação do texto, se fazendo deste modo desnecessária a leitura filológica para se compreender a presença de dois tipos de morte e dois tipos de vida nos fragmentos heraclíticos. Parece estar claro em Heráclito este humano ignorante que dormindo em seu sono particular acaba por separar o que não pode ser separado, desconectar o que não pode ser desconectado e principalmente não ouvir aquilo que deve ser ouvido, e desse modo se perder no caminho como um desmemoriado que sem guia, ou com o guia errado, não sabe mais por onde seguir. Ficaria fácil, portanto, de qualquer maneira, defender a dimensão humana e a ideia de morte ética no pensamento do efésio, mesmo sem a divisão *zoe* e *bios* estabelecida por Costa.

Fica então claro que a morte ética em Heráclito se sustenta hermeneuticamente mesmo que não se concorde com a divisão entre *zoe* e *bios* feita por Costa. Todavia, esta divisão será mantida neste trabalho uma vez que me apoio na leitura de Costa e faço na realidade uma análise de sua interpretação; mas principalmente por acreditar ser plausível esta possibilidade de Heráclito já ter compreendido a vida humana tão separadamente marcada por dois tipos de vida e dois tipos de morte e ter desse modo estabelecido filologicamente a divisão. A dimensão humana heraclítica me chamou particularmente a atenção, principalmente pelas circunstâncias atuais que me proporcionaram um mergulho forçado no pandemônio contemporâneo brasileiro e global, os quais aliados ao percurso labiríntico dos fragmentos heraclíticos e das singulares compreensões de Costa acabaram por permitir que fosse feito um trabalho orgânico, o que só fez enriquecer esta pesquisa. Provavelmente este trabalho teria sido outro se não tivesse sido escrito neste ano pandêmico de 2020. A mistura da pandemia com o pandemônio ético-político contemporâneo e com a noção de morte ética em Heráclito acabou por dar uma vitalidade ainda maior no pensar a dinâmica vida-morte.

Volto agora à fala de Snell, que nos lembrou como antigas tradições podem ser em parte conservadas, em parte abandonadas, e em parte até mesmo animadas de um novo espírito dentro de uma multiplicidade de interpretações humanas. Levanto, assim sendo, a possibilidade de que, sob esta ótica, Heráclito possa ganhar uma nova vida nesse começo do século XXI, nesses tempos repletos de conflitos ético-políticos protagonizados também por zumbis, que aqui, nesta leitura, seriam relacionados com a ideia heraclítica dos “mortos-vivos”, baseado no conceito de *thanatos* como contraste a *bios*, e que seria o que estamos entendendo como morte ética.

Talvez possamos afirmar que a fragilidade da dúvida, o questionamento direto do aparecimento dos fenômenos no cosmo e ao mesmo tempo a tentativa de compreender a extrema dificuldade que o humano tem em entender a si próprio e ao mundo tenham sido algumas das inovações dos primeiros filósofos e será justamente esta vertigem surgida ao longo da Antiguidade e que nos inquieta até os dias de hoje, que buscarei analisar aqui através da observação do processo vida-morte nos fragmentos heraclíticos. Procurarei salientar no decorrer da análise do pensamento de Heráclito como os primeiros filósofos tinham como foco de observação o aparecimento direto do cosmo, mas como também observavam o mundo dos sentidos e da sensibilidade humana. Tentarei, ainda, iluminar minimamente a reflexão heraclítica, de início através da verificação de seu conceito único e singular de *logos* e posteriormente de sua reflexão a respeito da tensão vida-morte. Procurarei realçar um Heráclito que pensa a virtude, o bem-pensar, a escuta adequada do outro e da natureza, a sensibilidade e a compreensão do lugar do humano no mundo, ou melhor dizendo, o lugar do humano na cidade, na polis: fragmento 65 (D/K 114): *O que é então o saber deles senão diafragma? Enternecem-se com os cantores dos Demos e têm a multidão por mestre, não sabendo que a maioria é má e a minoria é boa. Fragmento 89 (D/K 44): É necessário o povo lutar pela lei como pelas muralhas.*

Buscarei ao longo desse trabalho refletir sobre um pensador complexo e profundo que está notadamente falando fora do costume até mesmo de sua época, e que sugere um ânimo e um entendimento singular do mundo, o que acabou por lhe colocar em uma condição de “obscuridade” até hoje raramente compreendida. Digo “obscuridade”, entre aspas porque me coloco entre os leitores de Heráclito que enxergam em seu pensamento justamente o contrário do que poderia significar escuridão e confusão. A obra de Heráclito é uma prosa aforismática e poética sim, não no sentido de ser em versos, mas no sentido de ser simbólica e metafórica, e suas reflexões demandam tempo e muita atenção, daí o autor ser conhecido como de difícil leitura e compreensão. Damião Berge nos lembra que Sócrates, ao ser interrogado por Eurípides sobre a sua opinião a respeito do efésio, teria respondido: “O que dele vim a compreender é magnífico; penso que deve sê-lo também o que não entendi; aliás é preciso ser alguém mergulhador de Delos para lhe alcançar o sentido” (1969, p.9). Há ainda, segundo Berge, um dizer anônimo, conservado por Diógenes Laércio, em sua obra *A Vida de Heráclito*, que revela a sua fama de “obscuro”: “Sua leitura não é fácil, é tão penosa que, mal abrimos o rolo papiráceo, tornamos a fechá-lo, apressadamente. Entretanto, devemos tratar de vencer a

resistência daquelas folhas, recorrendo a um mestre iniciado em seus segredos, e veremos os tenebrosos enigmas transformarem-se em luz resplandecente” (*apud* Berge, 1969, p.10). Berge continua trazendo a ideia de que a “obscuridade” era sentida pela maneira como Heráclito se expressava e pela profundidade de suas reflexões, trazendo assim a natureza enigmática a qual nos deparamos ao analisar a sua obra. Surge aqui mais uma questão: Por que as reflexões de Heráclito inquietariam tanto o humano, a ponto de suas reflexões serem deixadas de lado e consideradas confusas e incompreensíveis?

As reflexões heraclíticas estabelecem um mundo de instabilidade e consequentemente trazem intranquilidade e inquietude para o humano distraído que busca “verdades” em si e certezas nas quais se apoiar. Na obra de Heráclito, nos deparamos com a falta de um chão firme, o que faz com que nos apressemos em fechá-la, como descreveu Laércio. Penso que ainda não aprendemos a viver sem o chão que o efésio nos tira, já que Heráclito insiste em nos lembrar que não há nada firme e fixo que nos possa dar um suporte e segurança. Um pensador que insiste em iluminar em tudo e em todos a instabilidade da guerra-harmonia, em afirmar um eterno e incessante jogo de equilíbrio-desequilíbrio cosmológico, em ressaltar a constante insegurança e contradição da dinâmica vida-morte... não poderia esperar ser facilmente ouvido.

Veremos como que na presente leitura do que possa vir a ser a cosmologia heraclítica tudo é demasiadamente inquietante para que seja reconhecida e admitida facilmente pelo humano, e daí para atribuir-lhe o título de “obscuro” é um passo. Heráclito não parece ser um autor que se consiga reconhecer de imediato, aliás nada é imediato em Heráclito, e desta forma, a “obscuridade” é compreendida por alguns como uma confusão do próprio pensamento do autor, enquanto outros, que enfrentam o abismo diante do qual nos põe Heráclito, dirão que isso tem a ver com a grande potência luminosa de suas reflexões que certamente fogem da desorganização mental humana e, portanto, são difíceis de serem apreendidas, uma vez que poucos somos aqueles que se dão até mesmo ao trabalho de procurar ouvir o *logos*.

3. - O *logos* heraclítico

Fragmento 2 (D/K 1) 1⁵: Desse logos, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo este logos...

Ao iniciar o percurso através do labiríntico e fragmentado pensar heraclítico, Costa apresenta Heráclito como o Filósofo do *Logos* ⁶, conceito único e singular do efésio e que terá, como veremos, nesta leitura, uma estreita relação com a noção de morte no pensamento do autor. É claro que poderíamos também classificá-lo com outras ideias de seu pensamento, como, por exemplo, o filósofo do movimento, filósofo do devir, como o filósofo da lógica da contradição, ou até mesmo como o pensador da guerra-harmonia entre os contrários, mas destinarei, assim como Costa, um lugar de destaque ao conceito de *logos* heraclítico.

Para entendimento e interpretação do pensamento de Heráclito prossigo, portanto, esta investigação observando o peso e magnitude desse conceito de *logos*, uma vez que todas as ideias presentes no seu pensamento estão intimamente atreladas a esse conceito. Sabemos que será a partir do *logos* heraclítico que a palavra *logos* se tornará “a palavra” da filosofia já que não há, pelo menos que se saiba, de Tales até Xenófanos e Pitágoras, o uso filosófico do termo. Sabe-se também que imediatamente após Heráclito esse conceito do *logos* se modifica e torna-se a “lógica conceitual” no pensamento pós-socrático, platônico, e mais tarde o “*logos* divindade”, ou seja, Deus, na teo-logia dos pensadores cristãos. No entanto, nesta pesquisa, me debruçarei principalmente sobre a interpretação do *logos* heraclítico, como um modo absolutamente original e inédito de pensar, em uma era pós-homérica, pré-platônica e pré-cristã.

Costa nos lembra que para começarmos a compreender o que seria o significado tão raro e inusitado do conceito de *logos* heraclítico, é importante iluminar outra grande ideia em Heráclito que é a ideia de harmonia, a concepção de que nada no mundo pende só para um lado, tudo tem dois lados. Para Heráclito, portanto não há o absoluto, não há a pureza de um lado só, de um “verdadeiro” ser. O puro ser em Heráclito é inconcebível,

⁵Serão usados nesta pesquisa os fragmentos de Heráclito, traduzidos, reordenados e comentados por Alexandre Costa em seu livro *Heráclito: Fragmentos Contextualizados* (2012). O primeiro número é o da ordenação de Alexandre Costa e o número entre parênteses é o da ordenação padrão de (D/K) de Diels/Kranz.

⁶ Para uma pesquisa mais aprofundada sobre este conceito ver a reflexão de Anthony A. Long em *Heraclitus on Measure and explicit emergence of rationality*, (2009).

ou seja, qualquer pureza, qualquer “verdade fixa em si”, qualquer certeza não se sustenta na reflexão heraclítica. Por outro lado, segue Costa, há em Heráclito o conceito de guerra que é compreendido como sinônimo de harmonia, e que expressa a noção de simultaneidade, de tensão, noção fundamental no pensar heraclítico: tudo no mundo é tensionado. Heráclito estaria, portanto, apostando na radicalidade das tensões entre as coisas. Fr.5 (D/K 51): *Ignoram como o divergente consigo mesmo concorda: harmonia de movimentos contrários, como o arco e da lira*. O que temos, então, é uma relação entre antíteses, uma relação guerra-harmonia, uno-múltiplo, tudo-um e o *logos* é quem mantém essa relação fazendo concordar o que discorda, em um jogo de reunião-separação.

Na leitura de Costa (2012), “há três momentos a destacar na esfera traçada pelo jogo de reunião e separação promovido pelo *logos*: A, B, e A-B; multiplicidade, unidade e relação; tudo, um e tudo-um. A comunidade do *logos* consiste, portanto, em abarcar e gerir esses três momentos. Pois bem, o *hífen* do terceiro momento, A-B, a tensão entre os polos opostos, este hífen recebe o nome de harmonia” (p.172). Veremos, desse modo, que todos os contrários serão unidos neste trabalho através de um hífen. Vida-morte, tudo-um, guerra-harmonia.... Talvez possa-se questionar o uso da tradução do termo harmonia em vez de paz, seria portanto guerra-paz, como de fato é traduzido no fragmento 23 (D/K 67: *Deus: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome, mas se altera como fogo quando se confunde à fumaça, recebendo um nome conforme o gosto de cada um*. Acredito, porém, que o importante neste momento é estabelecer principalmente a ideia de tensão, o movimento de ir-vir, de afastar-aproximar, seja guerra-harmonia, seja guerra-paz.

Vieira (2013), em sua leitura de Heráclito, destaca uma característica estrutural no estilo do discurso de Heráclito, a qual ele chamará de *bow composition* e que será apresentada como uma técnica narrativa do efésio que revelará exatamente esta tensão relacional entre os polos opostos e que acaba por espelhar a complexa concepção heraclítica de mundo. Em sua obra, segue Vieira, Heráclito estaria demonstrando na própria construção estrutural de seu texto como funcionaria a estrutura do cosmo, ao escolher colocar em uma mesma frase palavras com significados contrários: *o que concorda discorda de si mesmo... como o discordante consigo mesmo concorda...* Esta estratégia estilística seria, portanto, a exteriorização formal dos complexos pensamentos de Heráclito, isto é, uma maneira de colocar na estrutura do seu texto a mesma estrutura da sua lógica da contradição. Heráclito estaria elaborando a sua escrita de tal maneira que

as primeiras e as últimas palavras pudessem compartilhar uma mesma raiz, mas com sutis sufixos e prefixos diferentes, a fim de retratar na disposição das palavras a tensão cosmológica entre os contrários, que ao mesmo tempo em que se relacionam se rejeitam sutilmente. Ao empregar tal estrutura para descrever a realidade do cosmo, Heráclito estaria imitando a ordem cosmológica na sua ordem das palavras, apresentando, portanto, uma analogia entre o discurso e a natureza. Com isso Heráclito já estaria fornecendo a seus ouvintes a possibilidade de aprender a interpretar a própria realidade (Vieira, 2013, p. 473).

Assim como as palavras se tensionam nas sentenças de Heráclito, tudo e todos estão em incansável e incessante tensão no cosmo heraclítico, *como a tensão do arco e da lira* e será exatamente esta noção de tensão que nos levará à noção do *logos* heraclítico como a própria forma pela qual a linguagem se organiza, uma vez que ela se constitui através da tensão existente no cosmo. Já vimos que, segundo Costa, para Heráclito tudo no cosmo é linguagem, tudo é fala, o ser fala, tudo fala e o *logos* heraclítico é a fala das coisas. Vemos, todavia, por outro lado, que para Vieira, em uma abordagem digamos assim mais matemática, mais física, haveria no *logos* heraclítico o sentido de medida e proporção. Encontramos nestas duas leituras duas dimensões das reflexões de Heráclito, humana e física, reforçando sempre a unidade de dois lados. Nada mais heraclítico do que encontrarmos interpretações e leituras que se relacionam e se tensionam. Temos, portanto, aqui, pelo menos dois sentidos diferentes para o *logos* heraclítico, linguagem e medida. Apesar de interpretarmos, neste trabalho, *logos* como linguagem, acredito ser importante fazer estes contrapontos que acabam por reforçar as contradições de Heráclito ao serem colocadas lado a lado duas escutas de um mesmo conceito, e até mesmo duas colocações diferentes, não só de dois de seus comentadores, como Costa e Vieira, mas também contradições do próprio filósofo.

A natureza fala, tudo é linguagem e no próprio discurso de Heráclito a sua fala acontece através de um jogo de palavras contrárias, exatamente como a natureza se comporta. Assim sendo, Vieira traz a leitura de que “a relação entre texto e realidade seria uma relação de imitação, Heráclito teria escolhido falar em um estilo enigmático para transmitir um assunto enigmático: ‘a natureza ama se esconder’” (2013, p. 473). A leitura de Vieira de que haveria uma relação imediata entre a estrutura de estilo do discurso de Heráclito que contrapõe palavras de significados opostos como uma imitação da

contraposição das polaridades cosmológicas sugere a semelhança entre o discurso e o cosmo.

Chegamos aqui a uma questão fundamental: O Ser como linguagem em Heráclito. “Uma gota caindo está falando”, exemplifica Costa, “uma árvore está o tempo todo falando, fala que ela faz fotossíntese... fala que frutifica na primavera, que suas folhas caem no outono” Por isso, para Heráclito, tudo é *logos* e *logos* é a linguagem do mundo, as coisas falam e elas falam de si, e a sabedoria é escutá-lo. Costa segue: Ser é linguagem, o que é diz e ao dizer é. O que é diz; mesmo estando calada, eu digo, só pelo fato de ser eu já falo, ser é linguagem. Surge neste ponto uma questão: quais seriam os meios pelos quais o humano teria acesso a esta sabedoria que está expressando uma fala, um saber diante dele? Como se daria de fato esta escuta, este entendimento? Para Celso Vieira, em alguns fragmentos parece indicada uma dimensão cognitiva para se entender os processos cósmicos: fragmento 76 (D/K 107): *Para homens que têm almas bárbaras, olhos e ouvidos são más testemunhas*. Para Costa, de fato tudo depende do humano, da sua atenção na lida com o que está sempre diante dele, e Heráclito estaria chamando os sentidos de testemunhas exatamente porque são eles que testemunham o *logos*. Fica então mais uma questão a ser levantada: haveria um processo intelectual na apreensão do conhecimento e da sabedoria em Heráclito? Podemos falar que haveria cognição envolvida nesta compreensão do discurso cosmológico? Podemos também citar outro fragmento que estaria tratando destas dimensões cognitiva e sensível e que nos levaria também a este mesmo questionamento: fragmento 77 (D/K 55): *Do que há visão, audição, aprendizado, eis o que eu prefiro*. Estudiosos dos fragmentos do efésio admitem que Heráclito se contradiz e que muitas vezes surgem mesmo incoerências heraclíticas que ao mesmo tempo louvam e maldizem os sentidos, nos levando a crer ou não na existência de uma dimensão cognitiva na apreensão do *logos*. Nada mais heraclítico do que as próprias contradições encontradas nos próprios fragmentos.

Mais uma questão que se coloca: se o *logos* comum/ universal é a linguagem do cosmo, como estamos defendendo aqui, o que ele estaria dizendo? Arrisco afirmar que uma das falas seria a de que o ser estaria dizendo incessantemente que ele é movimento, que ele é um incansável devir. Portanto, sob esta leitura, para Heráclito o mundo fala. E a fala do mundo é o *logos*. Mas como seria o mundo heraclítico? O que é o mundo, como o mundo atua? Para compreender como o cosmo heraclítico opera, na leitura de Costa, é preciso considerar que nós humanos vivemos em um espaço concreto onde o aparecer e

o acontecer sensorial acontece, e ainda compartilhamos este espaço com outros seres, não apenas humanos, mas os mais variados tipos de seres, como os animais, os vegetais, os minerais, enfim, com o outro, com tudo aquilo que podemos ver e sentir como coisas concretas, exteriores, materiais, visíveis e tangíveis que se apresentam no plano dos fenômenos. E, é neste cosmo material e concreto, neste espaço físico, que a *physis* e o *logos* se expressam. O que seria a *physis* para Heráclito? Costa prossegue: A *physis* heraclítica seria a “lei” que determina o modo como as coisas se comportam e se mostram a cada momento, seria a “lei”, que reserva para cada ente o seu modo distinto. A *physis* na cosmologia heraclítica seria a harmonia invisível, interna e não tangível que determina e que dá as regras e o modo de ser não aparente de cada coisa visível no cosmo. A *physis* heraclítica seria, portanto, a presença que se oculta e se resguarda.

Sabemos que o discurso de Heráclito fica sempre mais claro quando usamos o recurso da linguagem figurada e Costa (1999, p. 26) nos traz mais uma metáfora da cosmologia heraclítica, a metáfora da planta: imagine uma planta, que possui as suas partes visíveis, tangíveis e aparentes, as folhas, os galhos, as flores... que possuem uma cor, um cheiro, uma textura, isto é, um material concreto que podemos tocar e perceber através dos nossos sentidos: assim é o cosmo. Entretanto, não há na planta apenas o que vemos e sentimos exteriormente, há algo acontecendo internamente e de maneira oculta dentro da planta, mas que não podemos entrever ou ver. Há um constante e incessante movimento de vida-morte dentro da planta que não pode ser visto, percebemos sensorialmente apenas o seu exterior, o que se apresenta e aparece materialmente, não percebemos qual é o movimento que está acontecendo, se de renascimento ou de degeneração, se ela está indo na direção da morte, ou na direção do renascimento. Não conseguimos ver nenhum de seus movimentos de transformações e modificações internas que a fazem florescer, frutificar, morrer... Não é possível entrever ou ver a *physis* apesar de ela estar estipulando a regra que determina o modo como a coisa se comporta e se mostra a cada momento em cada movimento. A *physis* não se mostra, ela é uma presença que se reserva e se resguarda.

Haveria, portanto, duas perspectivas, dois aspectos no cosmo heraclítico, o visível-invisível, o aparente-oculto, o tangível-não tangível, o externo-interno... o cosmo e a *physis*. Verifica-se, desse modo, a lei da unidade dos opostos, mas que não pode ser percebida sensorialmente. A inseparabilidade e a interconectividade dos contrários não são visíveis. É nesse momento que chegamos na noção do *logos* comum/universal

heraclítico: o *logos* é comum, porque tanto o cosmo como a *physis* vêm a ser segundo o *logos* comum/universal que abarca tudo e todos e constrói a ponte entre os contrários, põe em contato a *physis* e o cosmo, abarca o visível e o invisível, é a harmonia invisível e não tangível que tudo completa, o *logos* comum/universal seria o discurso da *physis* através do cosmo.

Destaco a seguir o fragmento 2 (D/K 1), como sendo um dos fragmentos mais ricos na descrição do *logos* heraclítico: *Desse logos, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo este logos, e ainda assim parecem inexperientes, embora se experimentem nestas palavras e obras, tais quais eu exponho, distinguindo cada coisa segundo a natureza e enunciando como se comporta. Aos outros homens, encobre-se tanto o que fazem acordados, como esquecem o que fazem dormindo.*

Desse lógos, sendo sempre... o *logos* “sendo sempre”: ele é contínuo e eterno, ele se oferece a todo tempo, o tempo todo.

... são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; ... “ouve-se” o *logos*, o *logos* é linguagem; mas o humano é ignorante, não ouve o *logos*; sabedoria é ouvir o *logos*; ignorância é não ouvir o *logos*; há uma incapacidade humana em ouvir o *logos*.

... todas as coisas vêm a ser segundo este logos, ...

... e ainda assim parecem inexperientes, embora se experimentem nestas palavras e obras, tais quais eu exponho, ... os humanos são inexperientes e mesmo eu expondo com minhas palavras e obras eles parecem não ouvir o *logos*.

... distinguindo cada coisa segundo a natureza e enunciando como se comporta. Apesar do *logos* estar tão presente distinguindo cada coisa... e enunciando o seu comportamento...

Aos outros homens, encobre-se tanto o que fazem acordados, como esquecem o que fazem dormindo. Os humanos são como sonâmbulos...

Sob a ótica de Costa, já compreendemos muita coisa neste primeiro fragmento, e uma delas é que: se tudo é linguagem, então ouça. Heráclito também poderia, dessa maneira, ser nomeado o Filósofo da Escuta. Ouça o que o cosmo diz, estaria afirmando

Heráclito. E é exatamente nesse momento, já no início de seu livro, D/K 1, que o efésio estaria fazendo o que poderia ser compreendido como uma provocação ético-política ao apontar, logo de início, a surdez dos humanos. O *logos* fala, o mundo está aí, concretamente, materialmente diante de nós, se expressando o tempo todo, mas os humanos não o ouvem adequadamente, eles são surdos. Como seres distraídos e ausentes eles não escutam apropriadamente o *logos* comum/universal, são desatentos para a linguagem do mundo. Como quem dorme, não ouvem com a devida atenção a fala do universo, são como indiferentes para o discurso do *logos* comum/universal. Fr.3 (D/K 14): *Ignorantes: ouvindo, parecem surdos; o dito lhes atesta: presentes, estão ausentes*. A questão é que estamos sempre muito ocupados com atividades que nos arrancam da existência, da vida, da vivência presente e assim nos afastamos da escuta do *logos*.

De sorte que a dificuldade da escuta e a ignorância humana estariam intimamente relacionadas com a noção do ser ausente heraclítico, do ser “morto-vivo”, o que Heráclito estaria chamando, aqui, de a morte de *bios*. Neste ponto da reflexão heraclítica, será necessário talvez, mais uma vez, esclarecer o raro uso heraclítico do termo “ignorante”. Ser ignorante, para Heráclito, seria, pois, ser desconectado, ser surdo para a fala do *logos*. É preciso que não se tenha uma interpretação do termo ignorante relacionado à falta de um conhecimento completo, o que conhecemos como intelectual, o que seria bastante limitador na compreensão do pensamento do efésio, uma vez que ele estaria descrevendo ignorantes como aqueles que não comungam com a fala do *logos*. Estaria se referindo a um outro tipo de conhecimento, que seria a compreensão e a escuta do *logos*, como se não abraçassem a totalidade do universo e não compreendessem talvez a sua mais fundamental concepção que seria a da unidade dos opostos.

Heráclito, ao indicar o humano ignorante, não estaria, portanto, se referindo a uma questão puramente epistêmica, da esfera do intelecto e da razão; a sabedoria para Heráclito estaria além da mente racional ordinária, intelectualizada e excessivamente pensante, dotada de um excesso de aprendizados (*polimathia*). Para Heráclito, precisamos do silêncio do intelecto, precisamos do despertar de um “intelecto” mais profundo que possa assumir o controle da escuta adequada, inclusive até mesmo para administrar o próprio intelecto.

Já vimos que, na leitura que priorizo, o processo de conhecimento em Heráclito seria pouco cognitivo e baseado mais em uma postura de “ouvir” o *logos*. Existe,

entretanto, uma linha de interpretação que defende que esta escuta precisaria ter um aspecto cognitivo, visto haver uma parte racional significativa no processo de compreensão desta linguagem cosmológica. Assim sendo, acredito que fortaleceria esta pesquisa aceitar e recomendar a leitura de um entendimento que não abandona por completo a epistemologia e que admite algum tipo de cognição especial e mais profunda na compreensão do cosmo por Heráclito. Voltemos, por exemplo, ao fragmento 76 (D/K 107): *Para homens que têm almas bárbaras, olhos e ouvidos são más testemunhas*. Em uma leitura que estaria admitindo uma concepção cognitiva heraclítica, o filósofo estaria descrevendo o quanto a visão e a audição seriam inúteis se o ser cognoscente tivesse a “alma bárbara”. Heráclito estaria sugerindo que haveria a necessidade de algum tipo de exercício cognitivo mais profundo além da escuta da fala do *logos*. Ficaria aqui em aberto que tipo de compreensão do *logos* seria esta com algumas sutis nuances cognitivas.⁷

Cognitiva ou não, a ignorância, a falta da escuta, a desafinação com o cosmo, como diria Costa, a dissonância, a falta de compreensão, o descompasso com o som da fala do mundo seria esta a morte de *bios*. O lugar do humano em Heráclito seria, portanto, o lugar do “ruído”, o lugar do desafinado, do descompassado, do dissonante. O humano estaria movendo-se em um “espaço entre” contrários, sempre, assim como o cosmo, no processo, transitando de um oposto ao outro, se aproximando-afastando, de fato entre a surdez-audição do *logos*. O humano ignorante heraclítico, seria nesta compreensão, o desafinado inquieto e angustiado, aquele que se move entre experiências opostas e não pode nunca sossegar. Heráclito estaria, portanto, sob esta ótica, se assumindo como um mobilista em tudo, não só na cosmologia, mas também na sua contemplação do ser humano como o ser que se movimenta, como o ser que transita entre a sabedoria-ignorância, entre a surdez-audição do *logos* comum/universal.

Dito isto, é, portanto, importante que se entenda o ser ignorante em Heráclito como um ser distraído, desatento, sonolento e inexperiente, o ser surdo para o que acontece ao seu redor, o ser que “*não recorda por onde passa o caminho*” (fr.103 D/K71), o ser desmemoriado. O ser que não se conecta, nem mesmo consigo próprio e muito menos com o mundo no qual habita, o ser que se vê isolado, sem ser. O ser que “presente, é ausente”, o ser que possui um *logos* humano/particular, ou seja, tem a capacidade de escuta do *logos* comum/universal, mas como quem dorme não o escuta.

⁷ Ver Nussbaum, Martha C., *Phyche [Greek] in Heraclitus*, *I Phronesis*, 17, 1972.

Aquele que inexperiente parece não se interessar em compreender nem o mundo e nem a si mesmo. Heráclito afirma: (Fr. 106 D/K101) *Eu busco a mim mesmo*. Buscar a si mesmo, em Heráclito, não seria privilegiar o “eu”, muito pelo contrário: (fr.1 D/K 50) *Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um*. Buscar a si mesmo em Heráclito “é buscar compreender o lugar do homem na *lógica* do tudo” (Costa, 2012, p.194) e fundamentalmente concordar ser tudo-um, apreender a interconectividade e a inseparabilidade das coisas que perfazem a sustentação do cosmo. Este fragmento 1 (D/K 50): *Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um*, é considerado por muitos comentadores como uma das sentenças que definiria muito bem a filosofia heraclítica, no sentido de trazer a importância das noções de inseparabilidade e interconectividade heraclíticas, o tudo-um. Veremos com mais clareza a importância deste fragmento D/K 50 para o que nos interessa nesta pesquisa.

Heráclito estaria, desse modo, há 2500 anos atrás se referindo a humanos ignorantes que não sabiam mais para onde iam e que tinham esquecido para onde deveriam ir, humanos que desconsideravam o *logos* e que eram *ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem*: fr. 2 (D/K1): *Desse logos, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo este logos, e ainda assim parecem inexperientes, embora se experimentem nestas palavras e obras, tais quais eu exponho, distinguindo cada coisa segundo a natureza e enunciando como se comporta. Aos outros homens, encobre-se tanto o que fazem acordados, como esquecem o que fazem dormindo*.

A noção de ignorância/surdez humana, relacionada diretamente à não escuta do *logos*, permeia, portanto, toda a reflexão heraclítica à qual tivemos acesso. Particularmente o fr. 2 (D/K 1), que acabo de citar mais uma vez acima, e que venho destacando até aqui, no qual o filósofo descreve bem não só o conceito de *logos*, mas também esta questão da surdez humana, e é interpretado, até que se saiba, por todos os estudiosos de Heráclito como sendo a possível introdução, uma das primeiras de suas colocações, ou seja, parte do trecho de abertura de seu livro e deste modo talvez possamos entendê-lo como uma das suas mais completas afirmações a respeito do conceito de *logos* e da difícil relação entre o homem e o *logos* comum/universal.

Abrindo aqui um parênteses, talvez, faça-se necessário ressaltar uma questão que surge já no início do fr. 2 (D/K 1), que foi analisado acima. Ao iniciar sua sentença com

o pronome demonstrativo *desse*: *Desse logos...*, estaria Heráclito se referindo a uma noção já definida por ele anteriormente, ou seria apenas um conectivo da própria fala de Sexto Empírico que lhe está citando? Não temos como saber ao certo se este demonstrativo é original de Heráclito ou se é uma conexão da construção de frase do Sexto Empírico. Mas, me interessa sugerir aqui que o demonstrativo é heraclítico, já que o autor segue afirmando uma exposição sua *tais quais eu exponho...* e ainda continua ao longo de sua sentença se utilizando de outro demonstrativo *... se experimentam nessas palavras* Faria, portanto, sentido afirmar que o demonstrativo seja parte do fragmento heraclítico, o que não assegura, entretanto, filologicamente que seja dele, o que reforça a dúvida se seria apenas um modo do citador ligar a fala dele à fala original de Heráclito.

Reescrevo abaixo o contexto do fr.2 (D/K1) por acreditar ser importante destacar o trecho da citação de Sexto Empírico, que emoldura a reflexão de Heráclito, neste fragmento e que afirma, em *Contra os matemáticos*, VII, 132-133 o seguinte: *Esse logos universal e divino, do qual participamos e pelo qual nos tornamos seres dotados de logos, é o critério da “verdade”, segundo Heráclito. Por isso, o que acontece de universal a todos é digno de confiança (uma vez apreendido pelo logos universal e divino), e o que diz respeito a um indivíduo singular é, por raciocínio inverso, não confiável. Demonstrando a maneira como se acerca do tema, ele assim afirma no início de sua obra: Desse logos, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo este logos, e ainda assim parecem inexperientes, embora se experimentem nestas palavras e obras, tais quais eu exponho, distinguindo cada coisa segundo a natureza e enunciando como se comporta. Aos outros homens, encobre-se tanto o que fazem acordados, como esquecem o que fazem dormindo.* (Costa, 2012, p.39). Importante destacar mais uma vez um comentador que concebe a noção de verdade em Heráclito como sendo o critério do *logos* heraclítico.

Entende-se, portanto, pelo contexto da fala de Sexto Empírico que emoldura a fala de Heráclito, que somos seres dotados de *logos*: “... nos tornamos seres dotados de *logos...*”, mas que mesmo sendo dotados de um *logos*, que possui um tempo indeterminado, num ato contínuo (sendo) e reiterado (sempre), sem fim e sem começo, ou seja, um *logos* “sendo sempre”, mesmos assim somos ignorantes. O *logos* está ali diante de nós, “sendo sempre”, falando sempre, mas mesmo sendo “seres dotados de *logos*”, o ignoramos. Heráclito estaria apontando para o fato de que a natureza está diante de nós, se mostrando claramente, falando como ela é e como nós somos, já que fazemos

parte dela, mas distraídos com outras coisas particulares estamos passando pelo mundo olhando para fora, para os confins do universo ou então para o nosso próprio umbigo, em uma jornada do “eu”, “meu”, “mim”.

Dessa maneira, Heráclito estaria estabelecendo, já nas primeiras passagens de seu livro, a posição do humano na cosmologia heraclítica: o lugar da ignorância, o lugar do ruído, estaria descrevendo o humano como aquele que não silencia para poder ouvir, o ser cheio de certezas e que assim sendo não valoriza a escuta do mundo. Estaria claro, para Heráclito, que somos seres dotados de um *logos* humano/particular, capazes de conhecer um outro *logos*, o comum/universal que está bem diante de nós aparecendo e se mostrando a todo momento, mas mesmo assim o ignoramos, não o escutamos.

Veremos que esta é uma ideia que costura todos os fragmentos, tornando-se até mesmo repetitiva, como iremos notar ao longo deste trabalho. Cito mais uma de suas sentenças que se refere a esta ideia: Fragmento 15 (D/K 16): *Como alguém escaparia diante do que nunca se põe?* Costa (2012) acredita que neste fragmento surge a questão do encontro do *logos* humano/particular com o *logos* comum/universal, no qual Heráclito estaria trazendo “o caráter cotidiano e sensório do *logos* (...) (o sol), uma vez que o *logos* está presente, de uma forma ou de outra, em todas as coisas porque tudo define”. O *logos* comum/universal, a fala do cosmo, seria para Heráclito como um sol que, sendo sempre, nunca se põe. Mas, “a despeito desse contato perene e irrevogável, que com o seu “nunca se põe”, repete o “sendo sempre”, estranhamente, afasta o homem da fala do cosmo, impedindo assim a homologia” (p. 176). Não podemos escapar do sol como não podemos escapar da fala do *logos* comum/universal que está diante de nós, mas mesmo assim, surpreendentemente, o ignoramos.

Dentro desta lógica heraclítica de que se escuta o *logos* comum/universal, isto é, de que o humano está diante de um aparecimento, concreto e tangível, que se expressa diante de si, destacarei a seguir mais uma vez o pensamento de Heráclito, desta vez sob a ótica de Charles Kahn (2009). Uma outra leitura, diferente, mas convergente em alguns pontos com a de Costa que acabei de descrever acima. Kahn tem as suas próprias traduções dos fragmentos de Heráclito, as quais serão apresentadas neste capítulo, evidentemente diferentes das traduções de Alexandre Costa, as quais analisamos acima. Também usaremos a partir de agora, enquanto estivermos nos referindo à interpretação

de Kahn, a sua própria ordenação seguida entre parênteses pela ordenação padrão de Diels/Kranz (D/K).

Sigo com a análise do fr. 1 (D/K1), desta vez sob a ótica e nas traduções individuais de Kahn (2009), que separa o fragmento I (D/K1) em três partes e as analisa uma a uma:

I (D/K1). Parte 1. *Embora este logos (discurso) seja eternamente válido, os homens são sempre incapazes de compreendê-lo, tanto antes quanto depois de tê-lo ouvido.*

Para Kahn, não é de se estranhar que Heráclito inicie a sua reflexão já se queixando de que os seus ouvintes são incapazes de compreender o *logos* (o discurso do cosmo), uma vez que, para o autor, assim como para muitos analistas das reflexões heraclíticas, o efésio possui a linguagem enigmática como seu meio preferido de expressão. A questão diz respeito à reputação de Heráclito, que, como já mencionado, é visto por muitos como misterioso e de difícil compreensão.

Não obstante, o que realmente intriga Kahn é “a insistência de que os homens demonstrem não compreender não apenas ‘uma vez que ouvem o seu discurso’, mas mesmo *antes* de tê-lo ouvido. Como se pode esperar que eles o compreendam antes de ouvi-lo? Isso só faz sentido se o *logos* de Heráclito representar uma verdade que sempre esteve ali o tempo todo: se, como o fogo, o *logos* sempre foi, é e será (Kahn, 2009, p.126). Já nesta primeira análise de Kahn nos deparamos com a noção de “verdade”, no texto do autor sem aspas, o que estaria trazendo a ideia da existência de uma “verdade” em Heráclito. Noção esta que, como já vimos, não é contemplada na visão de Costa, mas que não deve ser abandonada tão rapidamente na visão de outros autores, como vemos aqui em Kahn e já vimos em Celso Vieira, que recomenda que a noção de verdade em Heráclito não seja tão apressadamente descartada. Temos então uma desafiante sugestão a ser analisada, que seria a suposição de que haja em Heráclito uma noção de verdade na concepção de conexão de opostos. Onde se conclui, preliminarmente, que haveria, sob alguma medida, uma noção de verdade heraclítica, subentendida em sua reflexão a respeito da unidade, do tudo-um.

Apesar de encontrarmos divergências a respeito da noção de “verdade” em Heráclito parece que encontro também nesta primeira análise concordâncias entre as

escutas de Kahn (2009) e de Costa (2012) a respeito do início do livro de Heráclito e da sua noção de *logos*. O *logos heraclítico* tem, para ambos os autores, dois “níveis”, ou melhor, dois “aspectos” de discursos, não sendo meramente as palavras proferidas pelo homem Heráclito, mas sendo também, ao mesmo tempo, uma fala que sempre esteve ali o tempo todo, como afirma o efésio no fragmento 29 (D/K30), no qual faz uso do elemento fogo como metáfora do cosmo, o qual não tem começo nem fim e que “sempre foi, é e será”, (...) “acendendo-se” e “apagando-se”, ou seja, nascendo e morrendo “segundo medidas”. Talvez seja plausível afirmar, neste ponto, uma convergência entre o entendimento de Kahn e a análise que vimos anteriormente de Alexandre Costa, a qual observa que haveria em Heráclito um *logos* particular/humano (o dizer do humano, o dizer de Heráclito) e um *logos* comum/universal (a linguagem dos fenômenos do cosmo).

Sigo, agora, para a análise da segunda parte do fragmento, segundo Kahn:

I (D/K1), parte 2. *Embora todas as coisas se passem em acordo com esse Logos, os homens são como quem não tem experiência quando experimentam lançar-se nas palavras e obras que eu agora empreendo, distinguindo cada coisa segundo a sua natureza (phýsis) e dizendo como ela é.*

Assim como para Costa, também para Kahn, nesta segunda sentença, na continuação do fragmento I (D/K1), acentua-se em Heráclito “a tensão entre os dois aspectos do *logos*— as palavras concretas de Heráclito e seu conteúdo eterno... o *logos* entendido como lei universal é justaposto à referência de Heráclito à sua própria exposição, numa enfática primeira pessoa do singular – *hokoion ego diegeumai* (‘que eu agora empreendo’)” (Kahn, 2009, p.127). Também para Kahn é importante destacar o dito em Heráclito que os homens têm a experiência em questão, mas são como quem não tem experiência. “Embora todas as coisas se passem em acordo com esse *Logos*...” mesmo que tudo se passe segundo esse *logos* os homens não conseguem “fazer nada com suas palavras (*epea*), nem com as obras (*erga*)... ainda que Heráclito ‘diga tudo como é’ e coloque cada coisa em seu lugar, ‘segundo a sua *phýsis*’” (Kahn, 2009, p. 128).

Finalizando a análise de Kahn:

I (D/K1), parte 3. *Mas os outros homens, pelo contrário, esquecem-se do que fazem em seus momentos de vigília, exatamente como se esquecem do que fazem durante o sono.*

Finalizando a sua interpretação do primeiro fragmento, Kahn nos traz, aqui, uma informação a mais ao fazer uma ligação da imagem do sono, que se apresenta de maneira clara no primeiro fragmento, com a ideia de alienação cognitiva. O que estaria em questão, para Kahn, seria a “concepção paradoxal da condição humana como um estado da mais profunda ignorância, em face de uma verdade que é (ou poderia ser) imediatamente acessível....” (Kahn, 2009, p.128). Com esta análise, Kahn parece querer trazer a própria visão filosófica de Heráclito que é “inspirada pelo novo estudo científico do mundo”, fazendo com que Heráclito aqui esteja dirigindo-se a “uma “verdade” de tipo completamente diferente em relação à ciência jônica de sua época” (Kahn, 2009, p.128).

Kahn acrescenta, ainda, que é fundamental lembrar que “o idealismo sensório” que Heráclito “postula, depende no sentido histórico e psicológico da nova ciência do seu tempo, assim como de estudos meticulosos ligados à geometria da visão”. Todavia, o que parece mais importante aqui, para o autor, é que a filosofia de Heráclito, ou melhor, “a sua posição filosófica enquanto tal não depende, no sentido lógico, de nenhum tipo de conhecimento técnico, como talvez possa-se imaginar tenha sido o conhecimento dos primeiros filósofos jônios, como Tales e Anaxímenes. Pelo contrário, a filosofia de Heráclito, “envolve uma completa reinterpretação do significado de todo o conhecimento científico.” (Kahn, 2009, p.129).

Kahn traz para esta pesquisa, a partir de sua exploração do primeiro fragmento, I (D/K1), uma visão específica do que seria o conhecimento para Heráclito, ou seja, “as questões de cognição” para o efésio seriam “inseparáveis das questões de ação e intenção, questões de vida-morte”, isto é, inseparáveis de questões éticas. A surdez que Heráclito tanto denuncia, segue Kahn, “é a dos homens que ‘não sabem o que estão fazendo” (p. 130). O objeto do discurso de Heráclito seria para Kahn a vida do humano “e não a teoria do conhecimento e da percepção”, como era para seus contemporâneos. Para Kahn, a introdução do livro de Heráclito, o fragmento I (D/K1), sem demora, logo de cara, “caracteriza a vida humana em termos epistêmicos como um quase fracasso em tornar a própria experiência significativa”. A preocupação de Heráclito de imediato já no começo de sua fala, segue Kahn, já na introdução de sua obra, “é menos com a estrutura da realidade do que com a extrema dificuldade”, que o humano tem em compreender esta estrutura (p. 130).

Trata-se de uma importante colocação de Kahn, na qual o comentador destaca que, ao contrário de seus contemporâneos jônios, Heráclito estaria afirmando “a extrema dificuldade” que o humano tem em compreender o espaço que ocupa no cosmo, ou seja, discernir o mecanismo, a engrenagem na qual está inserido e consequentemente ter um entendimento a respeito do seu lugar no mundo. Fica aqui, nas análises de Kahn, mais um reforço à dimensão humana, que tanto insisto em ressaltar na reflexão heraclítica. Ao mesmo tempo, essas análises nos trazem mais questionamentos: Como estaria Heráclito compreendendo a “engrenagem do cosmo”? O que estaria Heráclito ouvindo que nenhum de seus contemporâneos queria ou conseguia ouvir? Qual seria, segundo Heráclito, o lugar do humano no mundo? Ao alertar a respeito da extrema dificuldade do humano em ouvir o *logos* comum/universal estaria Heráclito denunciando a dificuldade e a imensa angústia do humano ao se deparar com a inescapável dinâmica vida-morte na qual tudo e todos estão irremediavelmente aprisionados, já que a dinâmica vida-morte parece ser uma clara mensagem que o cosmo está transmitindo?

Para Kahn, a grande “obscuridade” heraclítica, que ele chama de enigma, se basearia no fato de que efetivamente o efésio estava inserido em um contexto de pesquisa de teoria do conhecimento de sua época, mas que estava com certeza mais interessado em analisar “questões de vida-morte”, denunciando, assim, a falta de sensibilidade, isto é, “o fracasso do humano em tornar a própria experiência significativa.” Para Kahn, segundo Heráclito, o lugar do humano no mundo seria o lugar do erro, da ignorância e da dormência a partir do momento que ele não consegue escutar com atenção a mensagem do *logos* comum/universal. Mais uma vez, me reporto aos dias de hoje, já que nada é mais contemporâneo do que “a falta de sensibilidade e o fracasso humano em tornar a própria experiência significativa”.

Vê-se, portanto, já na análise das primeiras sentenças da obra de Heráclito, fr. 2 (D/K 1), feitas por Costa e por Kahn, o quanto a sua filosofia possui um caráter ético-político. Já na introdução de seu livro há o destaque para o humano e o quanto estaríamos vivendo no erro. O efésio, concordariam Costa e Kahn, parece querer logo na abertura de seu discurso alertar para o equívoco e impreciso conhecimento que o humano está tendo do mundo e como que a ignorância e a dormência humanas estão diretamente ligadas à negação e à insistência em não ouvir o *logos* comum/universal e consequentemente na negação de enxergar a si mesmo como parte inseparável da natureza.

Marcel Conche, outro comentador do pensamento heraclítico, vai ainda mais longe na sua análise do primeiro fr. 2 D/K 1, nos lembrando, logo no início, que provavelmente Heráclito inicia a sua escrita já como um filósofo experiente que teve vários interlocutores, que já tinha dado aulas e tido contato com muitos outros filósofos e estudiosos de sua época e que neste fragmento introdutório faz um balanço de suas experiências e uma vigorosa constatação: *Desse logos, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo este logos, e ainda assim parecem inexperientes, embora se experimentem nestas palavras e obras, tais quais eu exponho, distinguindo cada coisa segundo a natureza e enunciando como se comporta. Aos outros homens, encobre-se tanto o que fazem acordados, como esquecem o que fazem dormindo.*

Para Conche (2017), Heráclito estaria, aqui, afirmando que ele escutou o *logos* comum/universal e que entendeu o seu discurso, que é o discurso da verdade eterna, que expõe a lei fundamental da natureza, que é a lei da unidade dos opostos. A lei do tudo-um, a lei da inseparabilidade e da interconectividade dos contrários. Heráclito ouviu o *logos*, e estaria declarando isso na introdução de seu livro. Estaria constatando que aqueles que também ouviram o *logos* não o compreenderam nem antes nem depois de o terem escutado, porque, ignorantes, possuem um pensamento binário, se enxergam separados e, mesmo estando diante da lei fundamental da unidade dos opostos, continuam com suas palavras e obras a separar os contrários, não vendo que se não houvesse a noite não saberíamos o que significa o dia, se não houvesse injustiça não saberíamos o que significa a justiça... Para Marcel Conche, Heráclito estaria explicando a constituição de tudo no mundo, mostrando a oposição dos opostos, por exemplo: os vivos são aqueles que vão morrer, o saudável é aquele que pode ficar doente, o jovem é o futuro velho... Mas os seres humanos não gostam de pensar negativamente, segue Conche, especialmente aqueles que não ouvem com atenção as palavras de Heráclito e que vivem como se dormissem, nunca tendo sequer tentado acordar. O que eles fazem acordados lhes escapa, isto é, eles não são conscientes da lei da unidade dos opostos que de qualquer forma e inevitavelmente lhes governa (p. 74-75).

Antes, porém, de prosseguir analisando a falta de audição do *logos*, este equívoco humano denunciado por Heráclito e a sua conexão com a tensão vida-morte, faz-se necessário aqui, ainda, relembrar que nem sempre o conceito de *logos* heraclítico é entendido como a fala do devir cosmológico, como vimos até aqui. De fato, a partir do

efésio esse conceito seguiu diferentes caminhos interpretativos ao longo dos séculos, sendo reinterpretado muitas vezes, tornando-se mais tarde um conceito de grande relevância para a filosofia, mas não sem antes ter tomado vários rumos. Nem todos os seus tradutores entenderam, por exemplo, como Costa, Kahn e Conche, o *logos* heraclítico como sendo a linguagem do mundo que está a todo tempo “gritando” a sua lei eterna e fundamental do ciclo de tensões relacionais entre os contrários. É certo que nesse ambiente de pesquisas e de múltiplas especulações dos primeiros filósofos, a reflexão de Heráclito a princípio não é imediatamente clara e única, sendo aberta, portanto, naturalmente, a inúmeras compreensões.

Neste sentido, fazendo então um breve desvio da rota principal desta pesquisa, percorrerei a seguir outra leitura do *logos* heraclítico, uma das mais tradicionais, que é a interpretação do Frei Damiano Berge, que apesar de ser uma leitura bem diferente daquela que estamos defendendo neste trabalho, merece ser aqui destacada por representar um tipo de interpretação influente e dominante não só no pensamento cristão como em quase toda leitura ocidental de Heráclito.

Para Berge, autor de um livro que investiga o conceito de *logos* em Heráclito, intitulado *O Logos Heraclítico – Introdução ao estudo dos fragmentos*, é importante ressaltar que o pensamento de Heráclito se encontra a par tanto de teorias científicas como de um pensar abstrato, o que estaria até aqui em perfeita concordância com as leituras já vistas acima. A novidade, porém, encontramos na declaração de Berge de que as teorias de Heráclito estariam “demonstrando força intuitiva e aptidão para o transsensível” (1969, p.70). Nesta sua afirmação, encontra-se o cerne de toda a sua compreensão do que venha a ser o *logos* heraclítico.

Diferentemente de Costa, Vieira, Kahn, Casertano e Conche, Berge eleva o *logos* de Heráclito a um nível transcendente, o que difere de todas as reflexões dos comentadores vistos até aqui nesta pesquisa. Berge destaca que no primeiro período da atividade reflexiva de Heráclito não lhe interessavam a ciência e nem tampouco as abstrações como tais, uma vez que o que verdadeiramente atraía o efésio eram os problemas de sua cidade e de seu povo. “Clarividente, ele percebe o perigo a ameaçar-lhe o porvir: de um lado a insuficiência do ensino e da formação da mocidade; de outro o entorpecimento e baixa ética dos que entende serem o vulgo, que, no momento dispõe-se do poder”. Heráclito estaria, portanto, segundo Berge, reagindo contra os governantes no

intuito de “orientar o pensar e o agir daquela juventude pelo *logos* profundo, induzindo-a a compreender e seguir este *logos*” (p.70).

Em um primeiro momento, ao entrarmos em contato com as declarações de Berge, parece que ele estaria compreendendo a preocupação do efésio com um perigo que estava por vir, no sentido de uma ameaça à formação da juventude, o entorpecimento e a baixa ética dos governantes, como uma reflexão absolutamente ético-política de Heráclito, mas logo Berge parece desviar o foco de sua atenção, da questão política para a questão divina, transcendendo o devir cosmológico, chegando então à noção de *logos* como divindade.

A partir desse entendimento, encontramos na leitura de Berge uma interpretação bem específica do *logos* heraclítico que seria a menção a uma “aptidão para o transsensível” o que é posteriormente entendido como o “*logos* divindade”, ou seja, Deus, na teo-logia dos pensadores cristãos. A questão da ética que Berge parece, inicialmente, atrelar ao conceito de *logos* ao associá-la à orientação do pensar da juventude, torna-se depois o entendimento de um *logos* transsensível, o que difere bastante da interpretação que venho trazendo. A ideia do *logos* como um “princípio inteligente e vital de tudo e de todos”, que estaria além do sensível, o qual todos deveriam reconhecer e seguir. Desta forma, o *logos* heraclítico me parece ser compreendido por Berge como o princípio que indicaria o comportamento humano reto, no sentido de que apontaria a direção da atitude ética humana correta, sendo que, entretanto, estabelecido por uma força superior, que ultrapassaria o mundo sensível. Isto posto, verifico que, ao contrário do que foi visto em Costa, Kahn e Conche, Damião Berge defende que Heráclito, ao partir de um fato sensível, o conduz para o transsensível (p.78). Há, portanto, para Berge, a busca por um saber transcendente, divino, em Heráclito.

Está claro que o pensamento de Heráclito, como já vimos, é uma descida a profundidades espantosas, como bem afirmou Sócrates, “um avanço audaz para dentro de um mundo de incógnitos, acesso intrépido a zonas arriscadas”. Quem o seguisse, lembra Berge, “havia de estar alerta, vigilante e disposto a enfrentar toda espécie de incompreensões e de resistências. Ora, o homem medíocre detesta o estado de prontidão. Recusa a marcha para dentro do ignoto. Prefere o distanciamento de riscos e imprevistos. Adora a euforia esquecida de problemas cruciais. Apraz-se, como diz a terceira frase do fr. 1 D/K1, do papel do inconsciente que, analogamente a quem dorme, não percebe como está perto dele, na vida cotidiana, o *logos* com suas exigências.” (Berge, 1969, p. 77).

Vemos aqui como também Berge se refere a uma lógica heraclítica única e singular que nem sempre é de fácil compreensão. Berge, assim como Conche, também descreve o impasse humano em enfrentar dificuldades e a grande resistência ao se deparar com a lei fundamental da unidade dos opostos que lhe traz à lembrança a sensação de instabilidade e negatividade que ele tenta tão vorazmente evitar. Retorno a minha reflexão central a respeito de *logos* como linguagem, depois de ter feito este rápido desvio a título de ilustrar meu trabalho com um pensar diferente do que seria este complexo conceito heraclítico.

Cabe observar, com bem nos lembra Costa, que “seria impossível e mesmo ingênuo querer elaborar um conceito fechado do *logos* heraclítico, aprisioná-lo em uma máxima, retê-lo em uma sentença. Não, não é isso que se pretende.” (1999, p.14). Muito pelo contrário, a complexidade da reflexão contida no conceito de *logos* heraclítico permitiria visões e apropriações das mais variadas ao longo de toda a história da filosofia. Celso Vieira (2010), por exemplo, para citar mais um autor que se debruça sobre o pensamento de Heráclito, também destaca o fragmento 2 (D/K 1) como central na compreensão da noção do *logos* heraclítico e nos traz outras leituras do conceito. Vieira destaca a crítica formal feita por Aristóteles, no livro *Gamma da Metafísica* ao fragmento 2 (D/K1), que questiona se o “sempre” estaria se referindo aos humanos, que seriam sempre ignorantes, ou ao *logos* que existiria sempre, trazendo novamente a “enigmática” reflexão heraclítica como uma questão.

I (D/K1). Tradução de Kahn: Parte 1. *Embora este logos (discurso) seja eternamente válido, os homens são sempre incapazes de compreendê-lo, tanto antes quanto depois de tê-lo ouvido.*

I (D/K1). Tradução de Costa: *Desse logos, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo este logos....*

Não podemos esquecer, segue ainda Vieira, que a Aristóteles interessava chamar a atenção para a “obscuridade” do texto heraclítico, ou seja, a falta de clareza que ele encontrava nas palavras do efésio. Vieira (2010) ainda nos lembra que, além de não podermos aprisionar o termo *logos* em uma definição precisa, seria impossível “traduzir a palavra *logos* como Heráclito originalmente intencionou”, daí encontrarmos variadas leituras e interpretações. Para Sexto Empírico, por exemplo, o *logos* “seria uma razão que funciona sempre para o humano compreender a realidade e que, além disso, seria uma

entidade divina”. “As interpretações mais antigas de Heráclito que sobreviveram, sejam elas anteriores ou posteriores ao estoicismo, parecem supor uma compreensão etimologicamente tardia de *logos*, no interior da qual o termo ultrapassaria o mero sentido de discurso, encaminhando-se na direção de uma discursividade/racionalidade.” (2010, p.14).

Desse modo, vê-se que para Aristóteles o *logos* seria a “razão” que nos permitiria compreender o mundo, ou uma razão eterna, caso se aceite a contradição da leitura do ‘sempre’ como significando a eternidade do *logos*. Para Sexto Empírico o *logos* também diz respeito a uma “razão” que seria fundamental na compreensão humana do mundo, mas ao contrário de Aristóteles essa razão estaria além do sensível, ou seja, seria uma Razão com letra maiúscula, uma Razão divina. Também para Hipólito e Clemente, o termo evoca a Razão divina que ordena o mundo. Há, desse modo, nesses filósofos, a identificação de *logos* com uma espécie de racionalidade. (Vieira, 2010, p.16).

Isto posto, constata-se que a realidade não é rígida. As opções estão abertas, está tudo aberto, e são diversas as interpretações individuais do *logos* heraclítico. Como já vimos, Celso Vieira aponta que não devemos esquecer de um importante aspecto do *logos* heraclítico, que seria o aspecto matemático. Vieira estaria reforçando esta dimensão física das reflexões de Heráclito ao ressaltar que seria interessante lembrar que o *logos* do efésio não se apresenta só como um conceito discursivo, mas também é usado como medida, e as medidas, nesta tese de união dos opostos em Heráclito, são muito importantes. O fogo heraclítico, por exemplo, segue Vieira, ganha medidas e perde medidas; e será exatamente neste conflito entre os opostos cósmicos que a noção de medida se apresenta como crucial na compreensão da questão ontológica, cosmológica ou metafísica. Esta ótica matemática seria um aspecto do campo semântico da palavra *logos* que acredito que deva ser tratado aqui, ainda que eu esteja sublinhando que o foco central de minha pesquisa seja o campo humano em Heráclito. Podemos ainda compreender, segue Vieira, que uma vez que os processos ocorrem no cosmo e influenciam os seres humanos, as diferenças entre medidas também interferem no comportamento humano. Fragmento 101 (D/K 118): *Brilho: alma seca, a mais sábia e melhor*. Neste fragmento o aspecto físico aparece como um aspecto importante para o comportamento ético do ser humano.⁸

⁸ Sobre a importância da medida para a concepção do *logos* heraclítico ver Long, 2009.

Talvez possa apontar que esta é a realidade aberta do mundo que espelha a realidade das múltiplas leituras e interpretações que os filósofos fazem dele, o que Heráclito chamaria de multiplicidade de leituras do *logos* particular/humano. Sob um pensar heraclítico, podemos nos levantar e construir visões filosóficas da realidade de acordo com a maneira que cada um a escuta. Há, portanto, diferentes visões, diferentes escutas, uma multiplicidade de percepções e interpretações e não podemos pensar que o que escutamos, o que vemos a nossa frente é a única escolha.

Para os pensadores cristãos o *logos* heraclítico possui um caráter transsensível, o *logos* é Deus, é a palavra reta e divina a ser ouvida; para Aristóteles haveria uma espécie de racionalidade, já antecipando o pensamento científico ocidental que se consolidaria mais à frente, enquanto que para Costa, Kahn e Conche, três tradutores de Heráclito que citei até aqui, o *logos* heraclítico possuiria, de fato, uma descomplicação comovente, uma vez que seria tão somente a simplicidade da linguagem da vida, a linguagem dos fenômenos que expressa naturalmente e sem esforço o comportamento do devir cosmológico. As coisas falam o que elas são, só é preciso saber escutá-las. A única coisa que deveríamos fazer é prestar atenção, escutar o *logos*, escutar o outro, para aprender como funcionamos no mundo, ter consciência de que existe uma teia complexa e invisível que conecta todos os seres vivos, através de uma lei fundamental da unidade dos opostos.

Retorno, portanto, agora, à trilha principal desta investigação, que compreende o *logos* comum/universal como a fala do cosmo, volto à reflexão de que para Heráclito, tudo e todos no cosmo estão expressando o que são. Abandono a multiplicidade das diversas leituras do *logos* heraclítico e volto a seguir o meu fio condutor, isto é, a rota traçada por Costa, que compreende que, para Heráclito, ser é linguagem. Podemos escutar a fala da natureza e mais ainda, podemos nos aproximar dela e compreendê-la se desenvolvermos uma audição atenta e apurada.

A título de ilustração, trago mais uma metáfora de Costa: Tudo é linguagem, o nosso próprio corpo se expressa, o corpo humano fala. As células de nosso corpo estão incansavelmente se expressando. O pulmão está sendo pulmão e se expressando como pulmão e não pode haver um comportamento de osso no pulmão... o coração se expressa de outra maneira, expandindo-se e retraindo-se a seu jeito... São, desse modo, diferentes falas conjugadas, que são todas únicas e que criam o todo-um do organismo humano, falas que se interconectam, se relacionam e se complementam simultaneamente, e assim

seria, para Heráclito, tudo no cosmo. Tudo sendo movimento entre opostos que se compõem, tudo e todos em incessante tensão com o outro, com o seu oposto, e assim transcorre a natureza cósmica heraclítica.

Mas, para perceber esse devir em tudo, é preciso desenvolver uma audição afiada, uma vez que nem tudo é dado de maneira clara, visível e tangível. Há o dentro-fora, o visível-invisível, a contração-expansão, a vida-morte... Desse modo, para Heráclito, se o humano não desenvolver, ou melhor, não praticar esse aspecto sutil de percepção ele não compreenderá que tudo está aberto e livre, se manifestando de acordo com a sua lei interna de comportamento, de acordo com a sua *physis*, de acordo cada um com a sua natureza. Os fenômenos surgem-cessam, vivem-morrem incessantemente e essa é uma das mensagens do *logos* comum/universal: vida sendo morte, morte sendo vida.

Talvez Heráclito esteja nos mostrando que seria exatamente neste ponto do problema, a grande questão humana que é a sua inquietação e seu profundo medo diante da fala do cosmo que está nos apontando a insegurança da guerra-harmonia entre os contrários viver-morrer. Como ouvir o incessante processo e a consequente instabilidade do “sendo sempre” de vida-morte? Como aceitar ouvir que o nosso lugar no mundo é o lugar do espaço entre opostos, entre vida-morte? Nosso lugar é o lugar do hífen. Não é fácil viver no espaço entre os opostos, não é fácil aceitar que o nosso lugar é o lugar do movimento e da relação.

O inseguro, surdo, distraído e sonolento ser humano opta, em vão, por negar a instabilidade, se recusa a ouvir a fala do *logos*, vive como quem dorme e busca inutilmente uma inalcançável fixidez. Carrega a angústia de estar sendo arrastado sem controle pelas flutuações das tensões opostas do devir do mundo, prefere a surdez e a ausência. Apesar de literalmente viver a morte a cada instante, busca parar o devir, busca interromper e estancar o fluxo, insiste em tentar se fixar, e desse modo se recusa a ouvir o *logos*. Mas para Heráclito não temos outra saída, é preciso ouvir o que o *logos* está dizendo: não podemos impedir o devir, não há como estabelecer nada, já que tudo que aparentemente esteja se estabilizando vai, mais cedo ou mais tarde, encontrar agentes que o arrastem para outro lugar. Não há uma posição fixa na qual possamos nos agarrar: esta seria a lei universal do *logos* heraclítico.

Conche (2017) nos lembra que Heráclito teve seus ouvintes e que suas palavras estão ecoando até hoje. Seu discurso a respeito da expressão fundamental da natureza e a

necessidade de ouvirmos o que se passa ao redor com atenção e experiência nos aponta que tudo acontece de acordo com o *logos* comum/universal: ... *todas as coisas vêm a ser segundo este logos...* Para o comentador dos fragmentos do efésio, Heráclito mostra que para entendermos a constituição de cada coisa é necessário compreender a dinâmica da oposição. Mas os humanos, ressalta Conche (2017, p.75), não querem saber das palavras de Heráclito, não ouvem o efésio e assim sendo suas contemplações se perdem no vento... e assim, os humanos existem distraídos, já que preferem viver inconscientes da lei que os governa.... *são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem...*

Uma pergunta surge para Conche: teriam os humanos a capacidade de compreender a lição de Heráclito? (fr. 12 D/K 17): *Não pensam tais coisas aqueles que as encontram, nem mesmo quando aprendidas as reconhecem, mas a si mesmos lhes parece.* A maior parte dos humanos, segue Conche, vive uma vida prática: eles são trabalhadores, sapateiros, vendedores, lavradores, pescadores... vivem sem se interrogar a respeito de sua natureza, não lhes é razoável pensar o “real”. Acredito que Conche estaria aqui se referindo ao humano distraído que, apressado e ocupado com seus afazeres e fluxos mentais particulares, não ouve e não compreende a sua própria natureza e, mergulhado no ruído do “eu”, “meu”, “mim”, acaba por não perceber, por não ouvir a interdependência, a interconectividade e a unidade e cooperação dos opostos. Mas, felizmente, segue Conche, haveria aquele que ele chama de “caminhante solitário”, o que anda pelas florestas, que silencia, que busca compreender que lei é essa que tudo muda, que vida é morte, que morte é vida e que nada poderá estancar o eterno devir, e será exatamente este andarilho que Heráclito convida a escutar a sua lição (p.71).

Donde a conclusão de que há um estranhamento nesse encontro entre o *logos* comum/universal e o humano, apesar de ser um encontro cotidiano e sensório que se passa o tempo todo e em todas as situações, fr. 13 (D/K 97): *Cães ladram somente para quem não reconhecem. Desatentos, lassos e alheios, os homens apesar dessa lida contínua, não reconhecem o logos e por isso ‘ladram’ para ele como se um estranho fosse.* (Costa, 2012, p.176). Charles Kahn junta a este fr. 13 (D/K 97), analisado acima por Costa, um outro fragmento 14 (D/K 87): *Lasso, o homem em tudo se deixa desvanecer diante do logos,* e faz uma rica e oportuna comparação entre eles. Ambos realçam a problemática questão do encontro entre o homem e o *logos* que é, de fato, um ponto fundamental do pensamento de Heráclito. Do mesmo modo que os cães reagem negativamente na presença de estranhos, os seres humanos distraídos o fazem diante da fala do cosmo, na

presença do *logos* comum/universal estranham o desconhecido e não reconhecem a estrutura cósmica de si mesmos e do lugar no qual habitam. O humano tolo, segue Kahn, tem uma lentidão, uma incapacidade de compreender o *logos*; “o expressivo termo *blax anthropos* que surge no fragmento D/K 87 parece ter significado de “burro” ou “lento”, tanto quanto “tolo” ou “imbecil”, o humano estaria, portanto, perante um grande desafio, talvez maior do que a sua capacidade de compreensão, e “terrificado”, “assombrado”, “excitado” e “balançado” diante de tal instigação “perde a cabeça” e não entende “nem o discurso de Heráclito nem o padrão cósmico que ele reflete, sendo levado a uma reação inapropriada – alarme, desgosto ou simples irritação – pela sua própria incapacidade de reconhecer aquilo com que se vê defrontado” (Kahn, 2009, p. 269).

O humano distraído parece ser tomado por um sentimento de terror diante de argumentos, provas e reflexões que abalem as suas crenças nas quais ele vive “firmemente” apoiado, se recusa a ouvir qualquer fala que desmorone as suas “certezas”, se apavora com a leve possibilidade de que as suas crenças possam ser destruídas. O homem tolo e desatento tem medo da filosofia e da verdade, afirma Conche, e ele jamais será encontrado entre os ouvintes de Heráclito; a fala do *logos*, o discurso da verdade eterna de Heráclito o assusta (2017, p.76-77). O efésio é aquele que não fala como todos, é aquele que atrai hostilidades daqueles que se unem em volta de ideias isoladas. Heráclito é aquele que se levanta na assembleia dizendo a sua posição contrária a todos, causando pios ou latidos da multidão que esbraveja as suas “certezas” individuais (ibidem, p.140).

Para Heráclito seria fundamental entender que a natureza não está separada de nós, mas o humano tolo parece ter perdido esta percepção, de alguma maneira este conhecimento lhe escapa. Insistimos em separar os contrários, em pensar de maneira binária, querendo entender a vida separada da morte, a justiça separada da injustiça, eu separado do outro.... Mesmo estando interligados a todos os sistemas do cosmo, sonolentos, vivemos como se fôssemos seres isolados de todo o processo, insistimos em separar o que não pode ser separado, separamos o eu do outro, o todo do um... Todavia, a ideia de isolamento e de individualismo só se dá na mente do humano desatento, dando-lhe a falsa percepção de que tudo se esgota no seu restrito e fictício reino isolado do humano.

É preciso revisar as reflexões, diria Heráclito: é preciso escutar a lei fundamental do universo, o *logos* comum/universal. Enxergamos a natureza, os animais, as plantas, as

árvores, os outros humanos separados de nós, quando de fato todas as manifestações fazem parte de um único conjunto de sistemas. Estamos todos inseridos nos ambientes de todos os seres, com diversas construções particulares-coletivas e é preciso observá-las, escutá-las para elucidá-las. É preciso escutar o *logos* e compreender ser tudo-um. Precisamos nos entender como inseparáveis uns dos outros (fr.1 D/K 50): *Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um.*

O humano consolida o que pensa e chega a um “saber” através de seus sentidos e isso é comum a todos, uma vez que (fr. 78 D/K 113): *O pensar é comum a todos.* Há, porém, para Heráclito, uma diferença entre os pensares humanos: “há o pensar conforme o modo da ignorância e o pensar conforme o modo do saber” (Conche, p. 188). Fr. 9 (D/K 112): *Bem pensar é a maior virtude, e a sabedoria dizer coisas verdadeiras e agir de acordo com a natureza, escutando-a.*⁹ Heráclito faz uma íntima relação entre a natureza e a audição, o que significa dizer que há um bem-ouvir associado a um bem-pensar. O não saber é o ouvir mal, evidenciando com isso que é o modo da escuta o que define o homem e também o que ele diz: “... escutar a natureza é a causa primária da sabedoria e do bem-pensar, maior das virtudes, ou seja, nada mais é do que a *homologia*” (Costa, 2012, p.173).

Para Marcel Conche, o que realmente importa na reflexão heraclítica é pensar exclusivamente sob o manto da verdade do *logos* comum/universal, sem preocupação com aquilo que possa significar para o seu próprio interesse particular ou utilidade. É a uma nova excelência do humano que Heráclito está se referindo, não mais à virtude do herói homérico e seus atributos e dons particulares. Haveria, portanto, uma grande novidade na fala do efésio. Dizer a verdade, manter um discurso verdadeiro seria pensar todas as coisas como governadas pela lei da unidade dos contrários. Seria compreender que não há primazia entre eles, perceber na escuta do *logos* o eterno “sendo sempre” do equilíbrio-desequilíbrio entre um-outro, entender o tudo-um e concordar que o cosmo é regido por essa lei. Um equilíbrio, uma harmonia que segundo o *logos* nasce-morre exatamente da oposição. Mas, segue Conche, para que essa dinâmica seja compreendida, Heráclito estaria dizendo que é preciso esquecer os ruídos humanos isolados e ouvir a fala do *logos*, a fala da natureza (p. 60).

⁹ Ver Schluderer, L. R., *Speaking and Acting the Truth: The Ethics in Heraclitus*, 2017, para uma interpretação deste fragmento.

Surge, então, mais uma questão: mesmo com toda a atenção humana voltada para a natureza, associando um bem-ouvir a um bem-pensar, seria possível para Heráclito haver uma homologia total? Alcançaria o *logos* humano/particular a total concordância com o *logos* comum/universal? A resposta, para Heráclito, parece que seria não. Dentro da lógica da contradição heraclítica não haveria a possibilidade de uma homologia total da mesma maneira que não haveria a surdez total, não havendo o primado nem para um lado e nem para o outro; o que haveria seria o movimento, a relação. Tudo no cosmo heraclítico estaria funcionando sob um jogo de eterna e incansável interconectividade entre forças opostas e o humano estaria localizado exatamente neste “espaço entre”, no movimento incessante e inescapável entre os polos opostos. Para o humano restaria apenas a pretensão, a intuição e o empenho em coincidir aquilo que ouve com o *logos* comum/universal, já que, para Heráclito ele jamais entraria em plena concordância com a fala do cosmo. O lugar do humano “sendo sempre” o lugar do trânsito.

E talvez possamos afirmar que seria justamente esta a grande dor humana, a dor de estar na transição, a dor de não conseguir deter as inescapáveis mudanças para um lado e para o outro, a dor de não poder interromper o processo do aparecer-desaparecer, do acender-apagar, a dinâmica do viver-morrer. Mas estas circunstâncias não deveriam nunca ser um motivo de desistência. No pensamento de Heráclito o papel do humano seria o de sempre se empenhar pela homologia com o *logos* comum/universal.

4. - Vida-morte em Heráclito

Fr. 15 (D/K 16): Como alguém escaparia diante do que nunca se põe?

Assim como podemos considerar o *logos* “a palavra das palavras” em Heráclito, também podemos considerar a importância do par de contrários vida-morte levantando, a título metodológico, a hipótese de que ele possa também ser descrito como “a polaridade das polaridades” na lógica do devir heraclítico, que está sempre acontecendo, desenrolando-se, ocorrendo, processando-se, morrendo-renascendo e desse modo transformando tudo. Destaco nesta pesquisa a dinâmica vida-morte na reflexão de Heráclito, no sentido de ser um fenômeno mais do que evidente no processo do “sendo sempre”, na dinâmica do devir de forças contrárias, que se revezam, que gritam estridentemente “vida-morte-morte-vida...” como sendo um discurso explícito e incontestável do *logos*. Tudo no cosmo e em nós vive-morre-vive-morre, a olhos vistos, a cada milésimo de segundo, incessantemente. Desse modo, reservo especificamente esta polaridade como objeto principal de minha análise.

Já vimos que Heráclito aponta o *logos* como o discurso do “aparecimento”, o discurso do cosmo e da lei que determina o seu comportamento, a *physis*, ou seja, a fala dos fenômenos, isto é: o mundo possui uma linguagem, a qual deveríamos ouvir com bastante atenção, no intuito de entender o nosso lugar no mundo. Heráclito propõe um silêncio das vozes internas particulares do “eu”, “meu”, “mim”, para que possamos ter uma escuta mais apurada da linguagem dos fenômenos ao nosso redor e consequentemente nos entendermos melhor.

Isto posto, compreendido o que seria o *logos* heraclítico na leitura de Costa, mais questões se colocam: O que o *logos* comum/universal estaria dizendo? E quais seriam essas nossas vozes internas do *logos* humano/particular que tanto destoam da fala do cosmo? Que fala seria esta que estamos ignorando? Se a fala do cosmo, o *logos* comum/universal, está constantemente diante de nós como “um sol que nunca se põe”, fr. 15 (D/K 16), *Como alguém escaparia diante do que nunca se põe?*, por que nos recusamos a ouvi-la? Com o que estamos nos distraindo a ponto de ignorarmos aquele que seria, para Heráclito, o mais importante ensinamento que deveríamos escutar? Há de haver uma explicação para esta recusa, para esta insistente surdez humana e uma das

hipóteses que poderíamos levantar seria a de que a “principal” fala do cosmo tem sido impactante para o humano.

Heráclito nos diz que vivemos em um mundo absolutamente instável, movediço e em constante oscilação, que estamos inseridos em um jogo de vida-morte, em um ininterrupto deslocamento de nascer-morrer e esta é a constatação mais angustiante e inquietante que o ser humano se depara, ou melhor tenta evitar de se deparar. Entretanto, esta é uma das falas fundamentais do *logos* heraclítico que estaria nos transmitindo o modo de comportamento do mundo no qual vivemos: o modo do “sendo sempre” do devir heraclítico.

No entanto, recusamo-nos a admitir que estamos sem o chão firme da “verdade em si”, sem a certeza da afirmação da “verdade é”, custamos a acreditar que nada controlamos, que não podemos conquistar a morte, não podemos e não poderemos nunca escapar do ciclo natural de infinitas modificações e desaparecimentos do processo vida-morte, já que é justamente este ciclo que estaria definindo o devir. Mas, é importante ressaltar que quando estamos falando de morte não estamos falando somente da morte fática final, mas de sucessivas mortes de situações, ideias, pensamentos, modificações diárias e incertezas infinitas do que vem pela frente, das dinâmicas de instabilidade-estabilidade e de incerteza-certeza de quando e como essas mudanças acontecerão. Heráclito estaria nos lembrando que não temos e nem nunca teremos o controle deste eterno, incessante e desconhecido devir que tudo desequilibra-equilibra incansavelmente. Sob esta ótica, Heráclito estaria apontando a transformação incessante e contínua como sendo sempre parte fundamental da fala cosmológica, mas, mesmo assim, a maioria dos humanos inexperientes e tolos, segue Heráclito, não parecem estar preparados para ouvi-la.

A constatação de que nós e nossos entes queridos vão morrer-viver a qualquer momento nos traz angústias imensas. A segurança-insegurança do eterno movimento que se fixa e se solta, as modificações constantes e diárias que nos assolam, as incertezas-certezas e a total-parcial impossibilidade de controle e comando da direção de nossas vidas e de nossos pensamentos nos fazem ansiar por solidez, fixidez e estabilidade. Buscamos separar o inseparável, queremos vida sem morte, justiça sem injustiça, eu sem o outro...

É evidente que não precisamos nos esforçar muito para reconhecermos que tudo está nascendo-morrendo a nossa frente, a nossa volta e até dentro de nós mesmos, de nossos corpos e de nossas mentes, nossas ideias, nossos pensamentos, nossas dúvidas e nossas certezas... Nada é mais claro do que esta fala de contrastes do devir que, querendo ou não, escutamos diretamente e continuamente, mesmo sem ter que prestar muita atenção. Podemos contemplar e perceber sem esforço este movimento, esta tensão de polaridades em nossos próprios corpos físicos, ou seja, não é por falta de evidências que ignoramos esta fala do *logos*, não é por falta de conhecimento das polaridades que estamos surdos para este processo cosmológico de fluxo contínuo de vida-morte-vida-morte, como um curso imprescindível da existência humana.

Mas, mesmo sendo esta fala tão gritante e ostensiva nos recusamos a escutá-la, insistimos na desatenção da dinâmica do tudo-um. Heráclito estaria, portanto, denunciando este estranhamento entre o *logos* comum/universal e o *logos* humano/particular. O humano ainda não teria compreendido a lei fundamental da unidade dos contrários e ainda estaria tendo um pensamento binário, separando inadequadamente a vida da morte, sem reconhecer de fato que após a morte de todos os seres há um renascimento, já que ver a morte de algo que estava antes vivo é bem mais fácil do que ver que o que está morrendo também está nascendo ao mesmo tempo.

Giovanni Casertano, outro intérprete da reflexão heraclítica nos lembra que a problematização e a teorização do fenômeno “morte” mostraram desde os primórdios da cultura filosófica grega antiga uma falsa aparência de homogeneidade das respostas a essa questão que é um dos mistérios mais terríveis do ser humano. O que é a morte? O que significa morrer? Acredita o autor que estariam em Heráclito e nos pré-socráticos as bases teóricas e os fundamentos sobre os quais se sustentaram as postulações que construíram as principais explicações sobre o fenômeno morte no pensamento ocidental. (2012, p.185). Esta indicação de Casertano vem para reiterar o que já havia sido mencionado anteriormente, quando vimos que Bruno Snell descreveu o entrelaçamento dos pensamentos dos filósofos gregos antigos por múltiplos fios que se juntam em uma teia de ideias que se confundem e que desembocam em reflexões ainda mais complexas ao longo de todo o processo de construção do pensamento filosófico ocidental até os dias de hoje. Vê-se, portanto, que tudo no cosmo obedece, dessa forma, a uma dinâmica de rede de entrelaçamentos.

Casertano ainda nos lembra que de Tales a Platão se constrói toda “a problemática, complexa e dialética”, que acompanha a reflexão do período pré-socrático sobre a morte: “o ordenamento teórico, aparentemente ‘gélido’, racionalista abstrato, mas que na realidade constitui o horizonte conceptual indispensável para qualquer reflexão ulterior que não pretenda ser simples e banalmente uma consolação (Jônios, Eleatas, Atomistas); a relativização dialética, que pode levar a uma visão dramática da presença do ser humano no mundo (Heráclito), ou então levar a uma confiança otimista na ação humana que constrói algo que, só se transcender as individualidades, se poderá chamar ‘imortal’ (Empédocles)”. Casertano segue em sua reflexão reafirmando que foram todas estas problemáticas acerca da morte e da imortalidade levantadas pelos pré-socráticos que abriram as portas para a grandiosa perspectiva platônica (p. 186).

Poderíamos, evidentemente, aqui examinar mais profundamente estas reflexões pré-socráticas, mas ao eleger Heráclito como o filósofo central desta investigação a respeito da noção de *thanatos*, busco compreender, especificamente, qual reflexão delicada foi esta, que dramaticidade heraclítica seria esta, ou seja, o que significaria a dimensão “dramática” de morte em Heráclito. E indo ainda mais além, tentarei talvez compreender quais teriam sido os caminhos tomados pelas dramáticas postulações heraclíticas sobre a morte as quais poderiam estar evidentes, ainda hoje, no pensamento ocidental contemporâneo, particularmente nestas difíceis duas décadas do início do século XXI, nas quais a questão vida-morte se apresenta com evidência e grande complexidade, mais especificamente nestes tempos de pandemia do coronavírus.

Voltando a Casertano, o autor situa a morte em Heráclito como a medida dos acontecimentos de todos os fenômenos e destaca que é notadamente a simultaneidade que ocorre na tensão vida-morte que é a grande novidade trazida pelo efésio: “... nascimento e morte, para Heráclito, serão a mesma coisa: indicam a realidade de cada momento do ser; nele, somente se realizarmos uma obra de abstração, podemos distinguir, separar e contrapor os dois momentos.” (2012, p. 222). Ocorre, portanto, uma simultaneidade na relação vida-morte, o que significa dizer que é ela que de fato sustenta por composição as forças opostas que se complementam-repelem no incessante movimento simultâneo de guerra-harmonia.

Ao avançar no labirinto heraclítico, seguindo a rota explorada por Casertano, abandono a trilha da transcendência percorrida por Berge (1969) e retorno à interpretação

do autor na qual o *logos* heraclítico não é Deus. Para Casertano o *logos* é união, simultaneidade e relação entre os opostos. Me encontro, desse modo, de volta à trilha central desta investigação que entende que em Heráclito o divino não é uma coisa nem outra, nenhum dos lados da polaridade, mas sim a relação entre elas: fr.23 (D/K67) *Deus: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome, mas se altera como o fogo quando se confunde a fumaça, recebendo o nome conforme o gosto de cada um*. “O divino não é o dia e a noite, a guerra e a paz, mas sim a unidade que entre eles vigora” (Costa, 1999, p. 39). O divino é “dia-noite”, “guerra-paz”, “vida-morte” ... “O divino representa a unidade cósmica.” (idem). O divino para Heráclito seria desse modo a unidade, o tudo-um, a unidade dos opostos, a vida-morte. Em uma leitura distinta e até oposta à de Berge (1969), para Marcel Conche o divino para Heráclito é dia noite, inverno verão. Deus, portanto, só pode ser Natureza. Não transcendência, mas os contrários imanentes. Deus é... guerra paz, fome saciedade e o humano está inserido nesse processo da Natureza que inclui todos os contrastes. Mas, nos lembra Conche, são os opostos que são nomeados por Heráclito, não a própria Natureza; da mesma forma que é a fumaça e não o fogo em si. A natureza, em Heráclito, se esconde atrás dos contrários como o fogo atrás da fumaça. (2012, p. 91-92).

Na visão de Casertano, haveria uma *relativização* em Heráclito visto que há uma *generalização* do conceito de morte. Tudo estaria em transformação porque se nasce e se morre a cada instante e a coexistência, a simultaneidade de vida-morte “continua a ser a tradução, em termos de experiência humana, de um modo que é eternamente estável, mas nunca é realmente o mesmo”. (2012, p.223). Observa-se, mais uma vez, dentro do pensamento circular do eterno movimento, a noção de contradição que tanto caracteriza a lógica heraclítica. Para Heráclito, por conseguinte, “a própria vida é contraste, é vida-morte. Mas não tanto o contraste entre aparecer e desaparecer do ente face à permanência do todo, mas sim o contraste como a lei da vida, que vale e se manifesta *dentro* de cada ente. E, então, a vida e a morte são apenas *um* aspecto *dual*, um dos aspectos duais daquele único *logos* que fala para todos os homens, mas que apenas poucos conseguem escutar.” (Casertano, 2012, p. 223).

O *logos* heraclítico sendo, portanto, contraste, sendo guerra (fr. 20 D/K80), *é necessário saber que a guerra é comum e a justiça, discórdia, e que todas as coisas vêm a ser segundo discórdia e necessidade*. Na análise de Costa, o uso do verbo ‘saber’, nesse fragmento, é exato: “é necessário saber”, pois “só o saber, a *homologia*, pode reconhecer a comunidade, a união e a separação” (1999, p. 177).

Fr. 21 (D/K53): *De todos a guerra é pai, de todos é rei; uns indica deuses, outros homens; de uns faz escravos, de outros livres.* Todos possuem um pai comum: a guerra como elemento de comunicação, mas que sempre preserva a diferença, a oposição.

Fr. 17 (D/K72): *Do logos com que constantemente lidam, divergem, e as coisas que a cada dia encontram revelam-se lhes estranhas.* Para Casertano, este fragmento estaria realçando a questão do encontro entre o humano e o *logos*, atestando o estranhamento que geralmente esse encontro provoca, a dificuldade da escuta, a divergência (ibidem, p.176). O humano estranhando aquilo que está mais do que evidente, estranhando aquilo ao qual ele está intimamente associado: estranhando a guerra-harmonia do processo vida-morte. O humano se inquietando por estar no espaço entre os contrários, o humano se inquietando por se ver inexperiente para ouvir o lugar da relação e não o da fixidez de um só lado.

“Ouvir, é bem possível que seja este o verbo mais recorrente dentre todos aqueles que constam em meio às relativamente poucas palavras de Heráclito. Ouvir o *logos* como a porta para a sabedoria do bem-pensar.” Ouvir o *logos* como a porta para a compreensão do instável processo vida-morte. E o motivo pelo qual esta aparente preponderância da audição se verifica talvez se refira ao traço mais marcante e à ideia mais decisiva do pensamento do efésio: a concepção da natureza (*physis*) do mundo (cosmo) como linguagem. Numa palavra, uma palavra, o *logos* (Costa, 2013, p.79). Faz-se necessário, todavia, analisar outras afirmações de Heráclito que desmontariam esta leitura de preponderância do “ouvir” em seu pensamento, quando, por exemplo, nos deparamos com o fragmento 75 (D/K 101a): *Os olhos são, de fato, testemunhas mais precisas do que os ouvidos.* Estas contradições em Heráclito, as quais encontramos em todos os níveis de suas ponderações, talvez cheguem para corroborar a noção de instabilidade do cosmo heraclítico e reforcem, ainda, a tese da não existência de uma verdade em si.

Fragmento 12 (D/K17): *Não pensam tais coisas aqueles que as encontram, nem mesmo quando aprendidas as reconhecem, mas a si mesmos lhes parece.* Para Kahn, Heráclito estaria reiterando, inúmeras vezes, que a maioria dos homens não pensa as coisas como as encontra e assim não reconhece o que experimenta e acaba por acreditar apenas nas suas próprias ideias transitórias, binárias, particulares. O não entendimento como a condição cognitiva do humano, a surdez, a ausência, a distração (2009, p. 133). O humano não ouve o *logos*, não ouve a dinâmica vida-morte como lhe é dita, prefere

elaborar suas próprias fantásticas teorias particulares e “nem mesmo quando aprendidas as reconhecem”. E este seria, portanto, o ponto primordial a ser compreendido, já que, mais do que nunca, vivemos um tempo no qual a natureza não é ouvida. Não importa o quão evidente se apresentem as falas da natureza, não importa o quão evidente se apresentem a degradação e os seus pedidos de socorro.

Para o humano distraído não está claro que diante da linguagem escuta-se, para ele escapa que todo evento da ordem da natureza comunica e diz algo, ele parece não perceber que “a *physis* revela-se como linguagem, transmitindo o seu conteúdo, expondo o seu comportamento” (Costa, 2013, p. 80). As reflexões do efésio a respeito da falta de escuta do humano se repetem, sem cessar, ao longo dos fragmentos, reflexões que sempre acabam por voltar a um mesmo ponto inicial, como em um ciclo repetitivo e incessante: O cosmo fala e o humano distraído não presta a devida atenção ao que ele está falando. E nesta sua mensagem, a fala a respeito do incessante e inescapável jogo de viver-morrer é “sendo sempre”.

4.1 - Thanatos-zoe

Fr.40 (D/K48): O nome do arco, vida; sua obra, morte.

Sabemos que a morte de tudo e de todos poderá chegar a qualquer momento e de diversas maneiras, não precisa nem mesmo estar doente, jovens morrem saudáveis, velhos doentes demoram a morrer, o processo invisível-visível de degeneração está “sendo sempre” em tudo e em todos. Nossas mentes são uma torrente de pensamentos que vêm e somem, nascem e morrem sem nem mesmo sabermos para onde vão. Para onde foram os pensamentos já pensados, quais pensamentos estarão por vir? Não sabemos. Não temos controle, o processo transcorre sem comando, não conseguimos fixá-lo, hoje pensamos de um modo, amanhã de outro. Cada processo de vida-morte tem o seu tempo particular, já não nos reconhecemos mais hoje como já fomos há algum tempo e o desaparecimento final chega muitas vezes sem nem mesmo dar sinal, não temos nem mesmo como saber quando e de que maneira a morte fática irá chegar, não conseguimos perceber a morte contínua e não é nada fácil lidar com o devir e o processo contínuo e eterno de vida-morte. Esta não é uma situação fácil, Heráclito diria: “temos um problema”. Este tema do desaparecimento é um tema muito amplo e tratado vastamente na filosofia e mereceria um mergulho mais profundo, o qual não será feito aqui, já que opto por navegar superficialmente sobre este conceito de morte por desaparecimento em Heráclito.

Assim disposto e entendido, para os propósitos desta pesquisa, é sempre importante repetir que Heráclito, quando se refere a *thanatos*, não está só falando do fim da vida dos seres vivos, mas sim, de um incessante acender-apagar de um fogo simbólico que rege toda a vida e que tudo transforma. Ainda mais fundamental é considerar que Heráclito estaria apontando, sobretudo, para uma “morte que mata o humano em vida”, o que particularmente interessa quando queremos puxar um fio das reflexões heraclíticas para as atuais circunstâncias. A partir desta interpretação, na singular leitura de Costa, já vimos que Heráclito estaria denunciando a existência de um humano sem sabedoria, um “morto” ambulante, um ser dormiente e desinteressado que, apesar de poder pensar, não toma posse do bem-pensar: o morto para *bios*. Nunca é demais repetir que a “sabedoria” a que o efésio estaria se referindo, aqui, não seria, como já vimos anteriormente, uma sabedoria apenas sob um aspecto cognitivo, epistemológico, mas um tipo de surdez para a fala do *logos*

comum/universal. Partindo, portanto, exatamente da compreensão do *logos* heraclítico retira-se a compreensão do conceito de *thanatos*: veremos que a morte, em Heráclito, como diria Costa, é atingida pelo toque *definidor* do *logos*. Encontramos, então, uma íntima relação entre *logos* e *thanatos*. Vida-morte, como todos os pares de opostos, estão relacionadas e ao perguntar por uma é inevitável que se pergunte pela outra, uma vez que vida-morte, em Heráclito, compõem um todo, complementam-se, guardando unidade-diferença.

“A conjugação de *thanatos-zoe* corresponde, pois, ao caráter *sym-dia* do *logos*, ou seja, ao caráter reunião-separação, conjugação-distinção, unidade-diferença.” (Costa, 1999, p. 59). Mais uma vez retomamos ao fragmento 1, D/K 50: *Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um*. Já entendemos, portanto, que Heráclito prescreve que se ouça o *logos* comum/universal e não ao *logos* particular/humano, “ouvindo não a mim, mas ao *logos*”, ou seja, devemos ouvir a linguagem do cosmo e não as vozes particulares do humano, e desse modo compreender uma de suas mais essenciais falas: o caráter *sym-dia*, o caráter primordial de reunião-separação do cosmo. Ser sábio, pois, para Heráclito, é “escutar do próprio *logos* comum/universal a revelação de sua natureza fundamental: ser tudo-um”. Ouvindo o relato da natureza, afirma Heráclito no fragmento D/K50, iremos compreender a inseparabilidade e a interconectividade, o que significaria dizer que somos dependentes uns dos outros, que há uma cadeia interna e invisível que tudo une, uma trama na qual estamos irremediavelmente inseridos e que, como em uma teia de aranha, em mais uma metáfora de Costa, o movimento de um lado implicaria em um movimento do outro. Não há o outro sem o um, reunião sem separação, não há nada que possamos fazer que não implique em uma ação na direção do outro, não há o eu sem o outro, não há vida sem morte, nem morte sem vida.

No sistema cosmológico heraclítico tudo é impermanente e todos os seres estão interligados através de suas variantes opostas; o particular-coletivo são interdependentes. Cada ser faz do seu jeito, cada ser tem a sua fala, cada ser se expressa através de sua própria inteligência e o humano através de seu *logos* particular. Mas, estamos todos inseridos em uma única teia individual-coletiva, que é o cosmo no qual habitamos, no qual não há o um sem o outro, no qual tudo-um. E o desafio humano parece estar sendo viver sem compreender como funciona este jogo. Surdo para a inescapável dinâmica de vida-morte separando o que não pode viver isolado. Heráclito estaria apontando para

inseparabilidade dos sistemas cosmológicos como sendo o suporte de sustentação da rede da vida-morte.

A sabedoria seria, então, para Heráclito, justamente ouvir e compreender que há algo fundamental sendo dito pela natureza, ao qual deveríamos prestar bastante atenção para podermos bem-pensar. A reflexão heraclítica estaria indicando um caminho que aponta para a necessidade de o humano parar de “dar ouvidos ao mundo enganoso de suas falsas impressões e ao bulício da idiossincrasia.” (Costa, 2012, p.169). O humano deveria, isto posto, diminuir o ritmo dos ruídos de sua mente e silenciar, no intuito de desenvolver uma audição mais apurada do relato do *logos* comum/universal, buscar desenvolver uma sensibilidade para de fato, quem sabe, um dia concordar com a grande revelação do *logos*: a de que tudo-um. A sabedoria da inseparabilidade, a sabedoria de que vida é morte e morte é vida, a sabedoria de que estamos todos unidos em uma mesma energia e que o todo depende do um e o um depende do todo. Esta seria a sabedoria para o efésio.

Costa ainda sublinha, na noção de sabedoria para Heráclito, um ponto importante quando nos lembra que “o *logos* não é nem apenas o tudo nem apenas o um, e nem mesmo o um que reúne o todo (...) o *logos* abarca unidade-multiplicidade, conservando-as enquanto tais ao mesmo tempo que lhes impõe o mútuo contato, (...) o *logos* é tanto união quanto separação; é ainda a própria relação entre esses dois momentos, o comum, o todo, o tudo-um. E por ser esta a natureza essencial do *logos*, todas as coisas não têm como deixar de manifestar a tensão do uno-múltiplo, a composição unívoca das antíteses, indicando assim perenemente sua procedência, origem e manutenção: o *logos*.” (p. 169).

Kahn destaca, por sua vez, que o mesmo fragmento de Heráclito, Fr. 1(D/K 50) *Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um*, é uma das sentenças “mais potentes de todo o conjunto de fragmentos”, já que para o autor Heráclito estaria dizendo: “ouçam não *a mim*, mas ao discurso que está dentro de sua alma, e ele lhe dirá tudo”, ouvir ao *logos* implicaria, para Kahn, em compreender “a concepção da ordem do mundo como uma linguagem cheia de sentido que é ouvida com maior ou menor compreensão”. Essa reflexão, segue Kahn, traz o uso de *homologeîn*, “concordar”, “falar junto com, dizer a mesma coisa”. Saber ouvir, portanto, significa pensar bem, falar de acordo com a fala universal, concordar. A sabedoria para o efésio consistiria nessa adequação do privado-público, pessoal-universal, a linguagem do cosmo se transforma num “símbolo da estrutura unificadora do mundo que a sabedoria apreende.” (2009, p.

179-80). Todas as coisas são uma. Heráclito estaria inaugurando assim, na filosofia ocidental, a noção da unidade dos opostos e a comunidade do *logos* heraclítico. Seria, deste modo, que a “composição unívoca das antíteses” surge com uma enorme clareza e força no contraditório vida-morte mostrando a sua absoluta interdependência. Todas as coisas são compostas e esta unidade seria a tese constante e repetida inúmeras vezes ao longo de toda a reflexão heraclítica. “É o caráter do *logos* a impregnar todas as coisas, mesmo a vida, mesmo a morte.” (Costa, 1999, p. 60).

Surpreendentemente para o humano, seria no mundo imediato das coisas que encontraríamos as respostas de todas as perguntas a respeito das vidas e das mortes no mundo. Seria através da observação da dinâmica da natureza e da escuta do relato do *logos* comum que poderíamos entender o nosso lugar no complexo mecanismo do devir. Está ali, dado pela *physis*, enunciado pelo *logos*, presente no cosmo. Verdade, sabedoria, conhecimento, realidade – nenhum desses domínios podem ser separados desse jogo que não permite nenhum tipo de fixidez e estabilidade objetiva. E a escuta através de uma atenta observação do processo *thanatos-zoe* seria a maneira de buscar e se empenhar em alcançar o conhecimento.

Neste contexto, Heráclito estaria afirmando literalmente e sendo bem claro: bastaria escutar o *logos*, a sabedoria nos está dada pelo próprio cosmo que “generosamente” nos relata o seu “sendo sempre”, o seu “tudo-um”. “No mundo imediato das coisas, o que se apresenta acerca da morte é uma evidência: tudo que vive, morre, tudo que morre, vive. Olhando, com interesse, face a face a morte-vida das coisas no mundo poderíamos compreender melhor o nosso lugar na dinâmica cosmológica. A homens e coisas *zoe* entrega-se; e, ao mesmo tempo, às coisas e aos homens *zoe* escapa. (...) a morte é uma regra, é uma lei presente na própria lei que governa todas as coisas a cada vez, a *physis*.” (Costa, 1999, p. 60). Para Heráclito, a *physis* é o que estabelece um comportamento singular para cada coisa do cosmo, o que significa dizer que cada coisa se comporta de acordo com a sua *physis*. “Só há um elemento, entretanto, comum a todas as *physeis*: *thanatos* ou, mais exatamente *thanatos* e *zoe* unidas na antítese que perfazem” (ibidem p. 60). Vemos, portanto, que segundo Heráclito tudo está sendo dado generosamente pela própria natureza, o cosmo é composto de contrários, a noite e o dia são um, a guerra-harmonia, a guerra-paz, ou seja, a constante interconectividade entre os opostos que é, de fato, o tema constante e fundamental em toda a sua obra.

A noção de unidade dos opostos, até que se saiba, desenvolvida na lógica da contradição, que une as antíteses por uma absoluta e definitiva inseparabilidade e interdependência, seria uma reflexão única e singular do efésio e ele parece estar ciente disso quando cita os grandes mestres da Antiguidade, como os sábios que apesar de sábios não reconheciam “a simbiótica relação” entre os contrários (Fr. 45 D/K 57): *Mestre de quase todos; Hesíodo; estão convencidos de ele saber a maioria das coisas, um que não reconhecia dia e noite, pois é um.* Já vimos que Heráclito denuncia o humano desatento que não escuta e, assim sendo, não apreende a dinâmica da guerra entre os contrários. Heráclito chegaria até mesmo a afirmar que nem mesmo Hesíodo, o mestre dos mestres, reconhecido por todos, percebia “a simbiótica relação entre uno e diverso, entre manutenção e renovação (...) Muitos como o desatento Hesíodo não reconheciam a unidade subsistente na diferença dia e noite”. (Costa, 2012, p. 184). Parece que, para Heráclito, até os grandes mestres haviam perdido a percepção do ambiente mágico que é o cosmo no qual habitamos, como se todos tivessem dificuldade de enxergar para lá de um certo limite além do qual Heráclito acreditava ver. Seria como se os humanos vivessem dentro de uma sensação de normalidade e de conforto nos limites estreitos de seus conhecimentos, enquanto ele parecia enxergar outras maneiras nas quais o cosmo operava.

Na escuta heraclítica, somos um só organismo, que possui elementos e sistemas contrários que se acoplam, se interligam, se desligam e se organizam sem fim nem começo. Entender a nós mesmos e a esse mundo no qual estamos inseridos supõe desenvolver uma intimidade com o relato dos seres e isso significa ouvi-los dentro de seus contextos. É urgente olhar, e na fala de Heráclito, “escutar” a nós mesmos e a tudo que nos rodeia, porque escutar o cosmo significaria compreender os sistemas dos seres vivos e seus funcionamentos de interdependência, interconectividade e cooperação. Escutar o relato do *logos* significaria procurar entender que fazemos parte de uma rede da vida e que estamos repartindo e compartilhando com todos os outros seres todos os processos contínuos de transformações de mortes-renascimentos: *thanatos-zoe*.

Heráclito estaria descrevendo o processo vida-morte como a sustentação do cosmo, como o motor, o eixo central de seus incessantes movimentos, vida-morte se mantendo dentro deste processo e todo o universo funcionando assim (Fr. 40 D/K 48): *O nome do arco, vida; sua obra, morte.* Heráclito chama de obra a morte e afirma ser o nome do arco a vida; uma complexa metáfora que associa vida-morte à arma de guerra

do arco e flecha, a tensão do arco e o resultado da arma de guerra à morte, duas tensões entre vida-morte e arco-morte, morte como a obra da vida: “o resultado da ação do arco, a morte é a obra da vida, é aquilo para que a vida constantemente *coopera*, aquilo porque a cada instante labora; a vida embala e prepara a morte. Ser o resultado não restringe a morte aqui anunciada à morte fática, mas indica a morte como um processo contínuo que, no lançar da flecha, consuma-se de todo. Vida-morte convivem e residem já na própria tensão do arco e por isso ocupam o mesmo espaço: viver já é morrer” (Costa, 2012, p. 182).

Fr. 56 (D/K 77a): *Vivemos a morte delas e vivem elas a nossa morte*. Heráclito estaria trazendo neste fragmento mais uma reflexão a respeito do longo e reversível processo no qual a morte (*thanatos*) estaria acontecendo na vida (*zoe*), isto é, estaria sendo em todo o lugar, como um traço comum de tudo. Não há um só ser, um só ente que não viva a morte. Todas as coisas vivem a morte, não só no sentido de estar em incessante e irremediável processo de nascer-morrer-nascer-morrer, em constantes transformações, mas também no sentido de viverem a morte “por estarem em perene contato com o seu diverso, com a sua alteridade.” (Costa, 2012, p. 185). *Thanatos* em contradição com *zoe*, em Heráclito, seria também morte por alteridade: somos um a morte do outro, eu sou a sua morte, eu sou tudo o que você não é. Você é a minha morte, você é tudo que eu não sou. Assim como todos os opostos, *thanatos-zoe* estão irremediavelmente operando entre si. Em vista disso, morte, para Heráclito, não é apenas algo que deu errado e que se apresenta como um acontecimento final e trágico na vida dos seres. A morte é uma “presença” constante a cada instante da vida é uma vocação do cosmo, *thanatos-zoe* partilham o espaço de um mesmo momento.

Não há, em Heráclito, como muitas vezes entendemos, uma coisa separada, “a vida” que transcorre normalmente e que de repente uma outra coisa separada, “a morte”, chega e desse modo chega “a hora” na qual as coisas desaparecem definitivamente. *Thanatos* não está separado de *zoe*. A questão não é que vivemos esperando a hora que a morte vai chegar. Para Heráclito, não há um ponto no qual devemos chegar, uma hora na qual vamos morrer, o processo é um contínuo ser-não-ser, estamos morrendo enquanto vivemos. Morremos-nascemos simultaneamente e seria, para Heráclito, justamente esta composição *thanatos-zoe*, que alimenta e sustenta o cosmo.

E seria por aí que aprendemos com Heráclito a entender o mundo de um modo inteiramente novo e a ir além das certezas cristalizadas, aprendemos a substituir a escuta particular por uma escuta da linguagem do cosmo no intuito de compreender a sustentabilidade do mundo através do processo *thanatos-zoe*. Não haveria um final repentino e datado, vida-morte se revezam em constante fluxo, tudo, para Heráclito, está transcorrendo em um curso de incertezas e renovações, e a nossa morte “radical”, final, na verdade nada mais é do que mais uma das “banais” alterações deste processo. Para Heráclito, quando morremos, no sentido do desaparecimento, não é um final, é uma transformação, simplesmente apenas mais uma etapa do fluxo *thanatos-zoe* que já vem ocorrendo desde sempre e que prosseguirá eternamente, seguindo, completando e apoiando a orientação de sustentabilidade vida-morte do cosmo.

Mas, este fluxo carrega, para o ser humano, um sentimento de muita dor e medo e assim sendo, separamos os dois opostos, colocamos a vida como separada da morte, nos recusamos a olhar a morte de frente, não aceitamos nem mesmo pensar ou falar sobre ela. Logo, imediatamente depois, que alguém morre, corremos para esconder todo o processo, ocultamos o mais rápido possível o corpo “morto” e entendemos o acontecimento como um fato trágico e pontual que implacavelmente aconteceu. A morte não é vivenciada, o cadáver é imediatamente retirado das nossas vistas e nos recusamos a assistir o processo de *thanatos-zoe* que apenas segue o curso que já vinha seguindo até aquele momento, e que de fato continua seguindo o seu curso no cadáver. O corpo aparentemente inerte continua seguindo o processo do eterno vir-a-ser. Ali no cadáver nada está morrendo sem que esteja nascendo imediatamente algo novo, já que o processo *thanatos-zoe* jamais é interrompido. A pessoa morre, mas nasce no mesmo instante o cadáver, que continua, ele mesmo, o encadeamento vida-morte-morte-vida, não há nada fixo no cadáver, o processo segue seu curso de sendo sempre, de tudo-um, de vida-morte.... (Fr. 38 D/K 27): *Morrendo, aguarda os homens o que não esperam nem lhes parece*. A respeito desta morte física fatal e final, do desaparecimento daquele humano específico que até então conhecíamos, não há, para Heráclito, nenhuma explicação: a respeito da “consumação final e incontornável não há o que dizer a não ser que sobre ela não se garantem nem se afirmam qualquer esperança ou parecer possíveis porque incertos.” (Costa, 2012, p. 182).

Para Heráclito, não há nada a ser dito a respeito da morte fática e final a que todos estão submetidos, uma vez que nada é sabido a este respeito, a não ser que estamos totalmente inseridos no acender-apagar do cosmo. Nos transformamos em cadáveres e

assim como cadáveres continuamos o processo fundamental de transformação, fertilizante, alimento para outros seres vivos... como tudo que habita a dinâmica cosmológica. Infelizmente, o vazio deste misterioso desconhecimento não poderá para Heráclito ser preenchido. Sendo o ser linguagem, para Heráclito, não há fala para a morte física final do humano que é exatamente o silêncio que nos espreita no final das contas. Na reflexão heraclítica, não há nada a ser dito sobre a morte fatal, nada a esperar, nada o que dizer sobre o não ser, apenas que ele se tornará o outro. Ao morrermos nasce o cadáver, o cadáver vive e se transforma como todos os seres vivos, dando continuidade às eternas e incessantes transformações. A grande maioria dos humanos depositam uma grande esperança na sobrevivência da alma tal qual ela se apresenta, mas Heráclito lhes tira a esperança. Não há a sobrevivência da alma individual depois da morte. Na morte o humano se encontra reduzido ao cadáver. O que ele não espera e não deseja imaginar acontece: o fogo psíquico se transforma em água e terra (Conche, 2017, p.50).

Fr. 37 (D/K 96): *Cadáveres, mais do que excrementos, devem-se jogar fora.*

Não há nem final, nem feliz. Não há final feliz no sentido daquele que gostaríamos que fosse. Há apenas tempos cíclicos, expansão-contração, nos quais tudo vai expandindo até que não haja mais como expandir e aí chega a morte, sem que possamos compreender como tudo se deu. A morte como o ato final de uma expansão e o começo de uma contração. Há tempos de crise e tempos de abundância, para Heráclito teríamos que perceber e compreender o processo. Cadáveres nada mais são do que terra e água, “mais do que excrementos, devem-se jogar fora”. Na visão de Conche, os cadáveres, para Heráclito, não têm nenhum valor porque não têm vida humana: “o que faz a vida humana é o fogo que é a alma, que morreu e se tornou água” (2017, p.137), no cadáver não há mais alma e deve assim ser jogado fora. Para os discípulos de Zoroastro, segue Conche, não podemos queimá-los, nem os enterrar, nem os jogar na água, só resta deixá-los expostos ao ar livre para serem devorados pelas aves de rapina. Para Heráclito, o cadáver seria água e terra retornando para a água e terra, completando assim um ciclo cósmico. Não havemos de nos importar com os mortos, segue o efésio, não havemos de celebrar ritos fúnebres que supõem a crença na sobrevivência da alma. Heráclito parece querer uma cidade fundada na autoridade do racional e do verdadeiro (Conche, 2017, p. 137/138).

“Nenhuma declaração de Heráclito é mais bem calculada para ofender as sensibilidades religiosas ordinárias de um grego da Antiguidade do que este desprezo pelo

culto dos mortos, conforme qualquer leitor de *Antígona* poderá facilmente reconhecer.” (Kahn, 2009, p. 328). Esse comportamento de Heráclito pode, segundo Kahn, ser explicado pelo “desejo de provocar seus ouvintes a apreciar a intuição radical que os seus antecessores não penetraram.” (ibidem, p. 329). De qualquer maneira Heráclito parece estar querendo chamar atenção para o que acontece com o humano na hora da morte, que nada mais é do que uma mera continuidade do ciclo de viver-morrer.

Além desta questão que diz respeito à continuidade do ciclo heraclítico do viver-morrer, Conche nos chama a atenção para a dificuldade de pensarmos o presente, o que significa dizer encarar o inescapável processo nascer-morrer e a ideia de finitude. Morte e solidão são os dois grandes medos que trazem a opacidade na compreensão do presente. Toda a vez que se instala, mais do que já estamos acostumados, a necessidade de pensarmos a finitude, surge um torpor, um atordoamento que nos lança na direção de construções mentais que nos distanciam de uma visão mais expansiva e de uma escuta mais apurada da “verdadeira natureza da realidade”, ou seja, uma escuta mais apurada do *logos* comum/universal. O humano não consegue defrontar-se com a morte e esta talvez possa ser a razão pela qual ele se nega a escutar a mensagem do *logos*.

Ainda na análise deste mesmo fragmento, *Cadáveres, mais do que excrementos, devem-se jogar fora* (Fr. 37 D/K 96), em uma outra leitura, o termo cadáver, em Heráclito, também poderia ser traduzido como aquele que dorme e que está em desacordo com o *logos*, como aquele que desconhece a morte contínua de tudo aquilo que estamos presenciando, cadáver, o morto-vivo, o surdo e inexperiente, e na leitura de Costa o humano sem ética e sem moral. Desse modo temos leituras desse fragmento que interpretam de modo distinto o uso do termo “cadáver”, em Heráclito, podendo ser ouvido como a morte em oposição a *zoe*, mas também, como veremos mais adiante, em oposição à *bios*.

Certo é que, em Heráclito, existiria uma íntima relação entre devir e morrer (Fr. 54 36 D/K): *Para os vapores, tornar-se água é morte; para a água, tornar-se terra é morte; mas da terra nasce água; da água, vapor*. Vê-se neste fragmento o caráter transformativo do devir, (ou do tornar-se), e o seu direcionamento à morte. Ficaria, portanto, caracterizada a co-pertinência entre morte e devir, na qual a morte fática cumpriria a vocação final-inicial do devir. Desse modo, *thanatos* quando em relação à *zoe* encontrar-se-ia, na leitura de Costa, sempre situado em torno às ideias de presença e

vocação. A presença no sentido de que se vive a morte e a vocação devido à co-pertinência entre morrer e devir. “Como pode algo ser simultaneamente *presente* e *vocacionado*? A presença é um elemento que se volta para si mesmo e em termos temporais, vive o tempo do instante; a vocação por outro lado, é uma projeção que, temporalmente, atira-se para o futuro. Como podem então presença e vocação partilhar a mesma *physis*?” indaga Costa, (1999, pg. 65-66). “Como podem ser, simultaneamente, elementos constitutivos da morte *physica*? A solução para este questionamento parece residir na coadunação entre presença e vocação, e o tempo do *Logos* aparenta ser o único acesso possível para levar a cabo essa tarefa. O tempo do *Logos* é *aion* e são seus constituintes *aei* (sempre) e o particípio-presente. Também *thanatos* parece seguir a *lógica* propiciada pela combinação desses dois constituintes”. Assim sendo, o tempo *physico de thanatos* seria uma extensão da própria *temporalidade* fundamental do *Logos* (ibidem, p. 66). O que, de fato, já vimos anteriormente como o “sendo sempre”, isto é, tudo no cosmo está em acordo com o particípio-presente e ao mesmo tempo busca a morte.

Como todos os seres, somos seres humanos vocacionados para a morte, e não é à toa que estamos sempre com a sensação de estarmos diante de um abismo, com uma constante percepção presente de calafrios, afinal, segundo Heráclito, estamos vivendo em um tempo cronológico, passado-presente-futuro, inventado por nós, em total desacordo com o tempo do “sendo sempre” do cosmo. Há, portanto, um descompasso temporal. Olhamos em volta e vemos que as realidades não são sólidas. E não é nada fácil admitir que estamos marchando na direção de nosso próprio fim. A vocação para a morte é sabida, pressentimos que podemos morrer a qualquer instante e presenciamos as transformações a olhos vistos. Mas, não queremos compreender o que significa a impossibilidade do controle e da fixidez e imersos irremediavelmente no “sendo sempre” caminhamos, surdos, na direção de um total desconhecimento. Quem sou eu? Para onde estou indo? Parece que me perco de mim mesma a cada momento, quem seria eu dentro de todo esse devir para a morte?

Mesmo que possamos perceber que estamos inseridos em um mundo que está em um eterno movimento de transformações e mudanças, parecer haver dentro de nós a sensação de que há algo ali estável e permanente. Sem olharmos para a natureza não nos atemos ao fato de que há a *presença* constante de *thanatos* e a sua *vocação* em tudo que vive. Vivemos dentro desta fluência, mas como quem dorme insistimos em ignorar o mais notório aspecto da cosmologia denunciada pelo efésio.

Para Heráclito, ao não aprendermos com a observação da natureza, nos tornamos ignorantes e consequentemente não percebemos um dos pontos fundamentais da dinâmica cosmológica que é a inseparabilidade das “coisas” no mundo. Para Heráclito não há “coisas” e muito menos “separadas” no mundo, não há substância, há processo. Inseparabilidade no sentido de fazermos parte de um todo relacional comum, sujeitos a uma lei comum e universal que nos governa: o *logos* comum/universal que fala de uma unidade e não de separação. Se ouvíssemos o *logos* comum, saberíamos que tudo e todos estão na mesma situação e intimamente relacionados, estamos tudo e todos em uma mesma cadeia de interrelações que se revezam entre forças contrárias de vida-morte-morte vida... e vocacionados para uma morte final, para um desaparecimento de fato. Tudo seria bastante diferente, diria Heráclito, se pudéssemos compreender a rede da vida, a teia das conexões, das relações e a total interdependência de todos os seres. Para Heráclito, bastaria olharmos como a natureza funciona para compreendermos o nosso funcionamento e entender que somos seres afortunados por podermos pensar e elaborar um bem-pensar, gerar uma sabedoria a partir dessa escuta. Bastaria um olhar mais atento, afirma Heráclito, uma audição mais apurada para caminharmos na direção de uma compreensão da interligação de todos os seres e principalmente da importância de cuidarmos um do outro, já que cuidando do outro estamos cuidando de nós.

Se faz, novamente, necessário ainda mais uma vez voltarmos ao fr. 1 (D/K 50): *Ouvindo não a mim, mas ao logos é sábio concordar ser tudo-um*. O homem ouve, mas o modo dessa escuta pode ser uma escuta suspeita e duvidosa, como também pode ser efetiva e legítima. Para Heráclito, não é para ouvir ao ego, dar ouvidos ao mundo enganoso dos falsos pensamentos binários individuais. Ao “calar a interferência do “eu” poderá ouvir o que o *logos* lhe diz... a sabedoria maior é ouvir o *logos* e concordar com ele. Porque ouvir é também obedecer, acatar: no que se ouve, acata-se, concorda-se. Ouvir o *logos* é estar em sintonia com o que ele diz e mostra. Não é à toa que Heráclito emprega o verbo *homologeîn*: concordar é ter o mesmo *logos*, é *homologar*.” (Costa, 2012, p. 169). Para Heráclito, a *physis* está diante de nós se revelando através do *logos*, expressando a sua natureza fundamental: ser tudo-um. Mas, na contramão de sua fala, na surdez, seguimos o caminho da separabilidade, da individualidade e do culto ao ego. Nos vemos separados da natureza, dos animais, dos vegetais, dos minerais..., entorpecidos pelo descuidado engano da inseparabilidade não percebemos ser tudo-um.

Para Heráclito, o tempo eterno e suas determinações absolutas governam o devir e toda a natureza, que não é uma essência, mas sim um processo criativo e geracional. Contudo, não há dúvida, temos um problema, a operação do processo não é visível ao olhar imediato (Fr. 8 D/K123): *Natureza ama ocultar-se*. Na análise de Conche (2017), encontramos uma possível compreensão do que seria, para Heráclito, essa ocultação da natureza. Para Conche, em Heráclito não se trata apenas de uma questão da natureza de tal ou tal coisa, mas de uma natureza universal cuja força está oculta sob a diversidade dos inumeráveis seres vivos. Sob o efeito dessa força, os seres vivos nascem, crescem e se desenvolvem, mas, a grama cresceu e nós não a vimos crescer, nossos filhos crescem, mas não os vemos crescer... O devir nos escapa, o devir foge e se esconde. O que temos diante de nós é apenas o culminar do gesto da natureza universal e não o seu gesto. Qual seria então o caminho que ela segue para gerar os seus seres? Qual seria o seu método? Heráclito, ainda segundo Conche, nos diz que a natureza opera associando e unindo os opostos que o humano separa (p. 89-90). Deste modo, um bom começo de reflexão seria ponderarmos a respeito da interconectividade e da inseparabilidade dos opostos, diria Heráclito.

Fr. 18 (D/K 2): *Embora sendo o logos comum, a massa vive, como se tivesse um pensamento particular*. Heráclito afirma que o *logos* é comum, mas que mesmo assim o humano ignora a sua fala e insiste em pensar conforme “as suas vagas impressões e íntimas preferências.” (Costa, 2012, p. 176). Sem compreender a inseparabilidade das coisas, acredita ser possível guiar-se apenas por suas ideias e pensamentos individuais, como se fosse possível cada humano viver por si só, como se a separação e o isolamento fosse algo possível no cosmo.

Na interpretação de Conche, o *logos* heraclítico não tem nada a ver com uma verdade cósmica, mas sim com um discurso verdadeiro no sentido de ser universal. O *logos*, sendo discurso, diz “A Lei e as leis universais” segundo as quais ocorre tudo o que acontece. Esse discurso é manifesto em tudo e é inteligível a todos os seres humanos, uma vez que “pensar é comum a todos” e a vocação do pensamento é o conhecimento (2017, p. 59).

Talvez possamos afirmar que, para Heráclito, o ser humano seria o que poderíamos chamar de um ser afortunado, o único ser vivo que poderia conquistar a própria mente e através do pensamento se aproximar, mais do que qualquer outro ente,

de uma compreensão da fala do *logos* comum/universal. Ele é o único ser a possuir um *logos* humano/particular, um ser que é capaz, através do pensamento, de saber da própria morte e buscar a compreensão da inseparabilidade dos contrários. Seres humanos possuem um corpo e uma mente privilegiados que lhes permitem um empenho em alcançar a compreensão da fala do *logos*. É importante nos darmos conta desta preciosidade que é ter um corpo humano e seus cinco sentidos, que são os nossos grandes tesouros, mas para isso, nos diz Heráclito, é preciso nos despirmos de escutas e visões isoladas e particulares e encontrar a fala pura do *logos*. Na compreensão da dinâmica vida-morte, *thanatos-zoe*, o humano retirará todas as camadas de compreensões errôneas que adquiriu e apreenderá o mais precioso dos conhecimentos, a sabedoria do ser tudo-um.

Fr. 78 (D/K 113): *O pensar é comum a todos*. “A partir do conhecimento promovido pelos sentidos o homem consolida o que pensa. Porque todos sentem, todos pensam: ‘o pensar é comum a todos’.” (Costa, 2012, p. 188). Para Heráclito, o humano poderia ser conduzido, melhor dizendo poderia se aproximar da sabedoria, da concordância com o *logos*, e desse modo compreender a dinâmica cosmológica, a interdependência dos seres, a dinâmica viver-morrer... ou seja, poderia ter uma escuta sábia do *logos* comum/universal e consequentemente entrar em acordo com a dinâmica de seu próprio viver, uma vez que esse saber é, para ele, possível.

Lembremos, entretanto, mais uma vez, que o bem-pensar ao qual Heráclito se refere não deve ser entendido como acúmulo de conhecimento objetivo, de erudição, cultura, estudo ou instrução. Já vimos que Heráclito cita “alguns de seus contemporâneos, tais como Hesíodo, Pitágoras e Xenófanes, homens de um conhecimento invulgar, mas que sob os olhos de Heráclito não chegavam a atingir o que ele concebia ser a sabedoria, a *homologia*.” (Costa, 2012, p. 189). Heráclito estaria indicando, dessa forma, que a mera acumulação de informação não é conhecimento, o humano pode ter estudo e instrução, e não ter compreensão. Fr. 80 (D/K 40): *Muito aprendizado não ensina saber, pois teria ensinado a Hesíodo e a Pitágoras, também a Xenófanes e a Hecateu*. Neste fragmento Heráclito estaria indicando que informação não gera conhecimento, esses sábios para ele teriam muita informação, mas não teriam adquirido conhecimento, que para Heráclito requer um tipo de *insight*. Para o efésio haveria uma estreita ligação entre a sabedoria e a compreensão da linguagem cosmológica, assim como entre a estrutura do cosmo e a

estrutura da língua. Na analogia heraclítica parece estar clara a importância da apreensão do *logos* para conquista do conhecimento (Curd, 1991, p. 531).

Os humanos possuem, então, a capacidade de pensar e conhecer, ou seja, existe a vocação humana para a *homologia*, mas, Heráclito insiste, como surdos, a grande maioria não respeita essa vocação e faz apenas um uso utilitário e prático colocando o pensar a serviço de suas necessidades particulares. Conche aponta para como estamos o tempo todo absorvidos em estabelecer regulamentos, códigos, constituições e tratados... e que para isso, é claro, há um vasto número de conhecimentos que apoiam todos esses afazeres, como as línguas, a lógica da não contradição, a matemática, o domínio de várias propriedades que sustentem as nossas múltiplas “verdades particulares”. Entretanto, essas “verdades isoladas” não têm outro interesse que não seja a sua utilidade particular. Interessar-se em ouvir o *logos*, que vai além da verdade particular, supõe uma abstração e um desapego de todo o lado utilitário da vida, a fim de que possamos viver apenas pelo “Pensar” (2017, p. 59/60).

Evitamos ao máximo o silêncio e a quietude, a festa particular é barulhenta e os ruídos e os burburinhos das escutas e das falas equivocadas acabam por abafar qualquer possibilidade de escutarmos os relatos do *logos* comum. A audição e uma possível percepção da inescapável dinâmica de *thanatos-zoe* é propositalmente a primeira escuta a ser abafada, tudo que nos traga a memória relativa à instabilidade e ao processo de vida-morte é sumariamente afastado. O humano, afirma Heráclito, vive como se tivesse um pensamento particular e fala e age como quem dorme.

Heráclito segue assim denunciando a estreita relação entre morte e devir e com ele aprendemos que essa co-pertinência envolve duas determinações: o ente morre *continuamente* e o ente morre *de fato*. “Morrer continuamente” situa-se envolto no que Costa chama de tempo cósmico. “O ente morre continuamente porque a cada instante da sua vida pertence um *é*, um *foi*, e um *será*, e mais que isso, o *é* depende do *foi* e do *será*.” (1999, p.69). No tempo cósmico o ente morre *continuamente* porque se transforma o tempo todo, mas não morreu ainda *de fato*, uma vez que morrer de fato implica em uma transformação mais radical, já que o ente como “aquele” ente desaparece. Há, desta maneira, dois tipos de transformações que possuem um modo próprio do “tornar-se”, do devir, enfim do *gignomai*, seriam dois momentos de um mesmo devir. Heráclito estaria apontando dois tipos de transformação, dois tipos de morte de *zoe*, a sucessiva que quer

dizer que o ente se modifica a cada instante, sendo a cada momento um novo ser porque se transforma, uma vez que a ele se ligam o *é*, o *foi* e o *será*, e na qual estaria acontecendo uma modificação. Haveria ainda a transformação radical, a extinção de fato, que quando acontece dá-se o que se chama de transformação *fatual* (Costa, 1999, p.70).

Heráclito toma as mudanças entre os estados físicos como exemplo desses movimentos e das modificações de todas as coisas no cosmo. Fr. 52 (D/K 126): *As coisas frias esquentam-se, o quente esfria-se, o úmido seca, o seco umidifica*. O efésio reforça a noção de inseparabilidade de tudo no mundo descrevendo as mudanças e as transformações dos estados físicos, nos lembrando de como os sistemas cosmológicos se inter-relacionam. Heráclito estaria insistindo que o cosmo é um mundo que se altera, que estamos todos condenados à mudança e que vivemos em uma instabilidade incontrolável de transformações e alterações sucessivas e além do mais, o que é ainda pior, imprevisíveis. Seria justamente o que Heráclito descreve como a composição *thanatos-zoe*. Ele compara a vida humana com as transformações que ocorrem nos estados físicos dos quatro elementos, as transformações como a erosão do próprio ente, o que Costa chama de lógica da perda-conquista e que Heráclito traz como guerra-harmonia e que também já vimos na metáfora do apagar-acender do fogo heraclítico. Para Heráclito, a ordem do devir leva para a morte, uma transformação gradual ou trágica, contínua ou repentina que é afinal o fundamento de toda a lógica heraclítica, ou seja, o devir do cosmo que revela em *thanatos-zoe* a sua mola mestra.

Todas as transformações, na lógica da contradição heraclítica, são morte, mas toda morte é gênese, viver-morrer é o mesmo. O que nasce morre, morte é nascimento, “morre a água nasce o vapor”. Seria somente uma questão de perspectiva, visto assim é morte, visto de outra maneira é nascimento. É a guerra-harmonia dos contrários, que o humano precisa apreender e compreender, a tensão que compõe-decompõe, formando e constituindo o cosmo. Do mesmo jeito as modificações dos estados físicos, do mesmo jeito as almas e os corpos dos seres humanos, do mesmo jeito as rochas, as plantas, as florestas, os mares, os animais... tudo funcionando de acordo com a dinâmica de *thanatos-zoe*. Há para Heráclito em *thanatos* o rompimento do limite de uma forma para a outra, uma transformação sempre contínua e presente, mas às vezes radical como podemos, por exemplo, assistir no rompimento da água em vapor (Fr.52 D/K 126): *As coisas frias esquentam-se, o quente esfria-se, o úmida seca, o seco umidifica-se*.

O emprego de *thanatos* e palavras afins por Heráclito em seus fragmentos aproxima o conceito de morte da ideia de um motor impulsionador das transformações dos estados físicos e de todos os fenômenos cosmológicos, assim como também o motor do devir humano, o devir de tudo (Fr.53 D/K 76): *A morte da terra é tornar-se água e a morte da água tornar-se ar e a do ar, fogo e vice-versa.*¹⁰ Quando Heráclito descreve aqui a “morte do fogo”, não poderíamos estranhar, uma vez que já que entendemos o fogo heraclítico como a metáfora do devir que nunca cessa. Essa morte, descrita no fragmento acima, é importante que fique claro, nos lembra Conche, só diz respeito às formas “particulares” do fogo, análogas à terra e à água, formas essas acabadas e particulares que são perecíveis, mas não o fogo como tal, que é em Heráclito imagem do infinito e do universal (2017, p. 120).

Fr.54 (D/K 36): *Para os vapores, tornar-se água é morte; para a água, tornar-se terra é morte; mas da terra nasce água; da água, vapor.* Na leitura de Conche deste fragmento (D/K 36), surge uma referência de Heráclito à imortalidade da alma humana. Conche traduz “vapor” como “alma” e interpreta que na morte do humano a alma e o corpo (os vapores), tornam-se água e terra, isto é, cadáver. Mas da terra nasce água e da água a alma. As almas no caminho ascendente renascem a partir da água. Mas elas nunca são as mesmas almas, como o fogo universal elas seguem um caminho indefinido, elas morrem para sempre, as que nascem são outras almas (2017, p.127-8).

Apesar de toda a complexidade e “obscuridade” que muitos encontram no pensamento de Heráclito, uma coisa, em sua reflexão, parece bem simples e conhecida: o cosmo constitui “um espaço no qual pode ser contemplada a contínua transformação de tudo, a ‘fluência’ das coisas.”¹¹ (Costa, 2012, p. 184). Constatamos claramente a morte fática radical dos animais e dos humanos, até mesmo das montanhas, dos rios, dos mares... e com um pouco mais de cuidadosa atenção temos alguma consciência das modificações mais sutis que continuamente vão acontecendo a nossa volta e em nós mesmos.

Não precisamos nos esforçar para compreender que a lógica do movimento se instala em todas as coisas e que todas elas se encontram em um processo contínuo de alteração em uma dinâmica de *thanatos-zoe*, como estaria afirmando Heráclito. E talvez,

¹⁰ É preciso notar que este fragmento é um fragmento duvidoso, no sentido de que se questiona se seria mesmo um fragmento da obra do efésio ou se seria uma leitura de suas reflexões feitas por outro autor da Antiguidade.

¹¹ Esta noção de *pantha rhei* (tudo flui) também seria uma noção bem duvidosa, a ponto de muitos comentadores reforçarem a ideia de que seria uma leitura de Platão sobre Heráclito.

por serem, à primeira vista, tão óbvias as suas palavras, elas se perdem no vento e não são ouvidas. Mas, poderíamos nos perguntar: por que seria tão fundamental escutar com mais atenção o *logos* e compreender a lógica da contradição e a inseparabilidade na qual estamos irremediavelmente inseridos? A importância dessa compreensão, diria Heráclito, seria perceber a interdependência dos processos, ou seja, o funcionamento básico do mundo ao qual pertencemos. Ao escutar o relato do *logos* verificaríamos que não há um primado de um lado nem do outro, que o que há na natureza é relação e cooperação. Heráclito estaria nos apontando que não há isolamento entre os elementos do cosmo, e ao entendermos isso, constataríamos que não há uma dominância de um ou de outro, mas que nós seres humanos somos seres tão dependentes da teia da vida quanto as demais espécies. Na rede da vida não há centro nem periferia, tudo faz parte de um todo. Esta compreensão com certeza traria uma maior harmonia e cooperação entre os humanos.

“Do sólido para o líquido o sólido morreu e o líquido surgiu” (Costa, 2012). Com este simples raciocínio Heráclito vai ainda mais além e retrata a morte como alteridade; mostra que é preciso a morte de um para que o outro viva, pois o sólido morre para que o líquido surja. Mas o que seria o mais significativo aqui, nos lembra Costa, é notar que dessa morte surge algo novo; ela implica uma gênese. “A morte *vivifica*: da morte brota a vida” (2012, p. 185). E é isso que Heráclito está nos dizendo: *thanatos*-gênese-*thanatos*-gênese... indefinidamente. E os fragmentos seguem reafirmando a lei heraclítica universal da unidade dos opostos, a lei universal da inseparabilidade (Fr. 41 D/K15): *Se não fosse para Dionísio a procissão que fazem e o hino que entoam com as vergonhas, realizariam as coisas mais vergonhosas, mas é o mesmo Hades e Dionísio, a quem deliram e festejam*. Heráclito estaria afirmando a “mesmidade”, a interpenetração, a simbiose vida-morte, ao afirmar simbolicamente que Hades e Dionísio são um e o mesmo. Fr. 42 (D/K 88): *O mesmo é vivo e morto, acordado e adormecido, novo e velho: pois estes, modificando-se, são aqueles, e novamente, aqueles, modificando-se, são estes. Thanatos-zoe* constituem um par de opostos no qual cada um de seus polos *identificam-se* ao mesmo tempo que se mantêm diferentes, pois unidos pela guerra e distintos pela justiça (Costa, 2012, p. 183). Os contrários, vivo-morto, acordado-adormecido, novo-velho, se entendem um pelo outro, se a palavra “morto” não tiver sentido a palavra “vivo” não terá sentido, o que vemos aqui é a unidade e a indissociabilidade dos contrários sendo sempre reafirmadas. Como opostos, o “vivo” e o seu contrário são os mesmos, comenta Conche ao analisar o fr. 42 D/K88 (2007, p. 96).

Heráclito, ao retratar o sistema *thanatos-zoe*, estaria descrevendo, portanto, como a natureza funciona, ou seja, o mundo na sua reflexão é um espaço no qual não há nada que se assemelhe a isolamento, separação, desmembramento... Os humanos nunca estiveram separados da natureza, isso é apenas uma escuta errada que temos. Não respiraríamos se não existissem outros seres produzindo oxigênio enquanto devolvemos o gás carbônico através da fotossíntese, só para dar um simples e rápido exemplo. Há uma inseparabilidade absoluta entre os vivos e é essa a ideia que Heráclito nos aponta o tempo todo, repetidamente em seus fragmentos. Não somos seres capazes de viver fora da teia da vida, embora, distraidamente, imaginemos que somos seres autônomos e independentes. Muito pelo contrário, continuamos basicamente sendo seres biológicos, igual a todos os outros, precisamos de ar para respirar, de alimentos para nos nutrir e vivemos a morte a cada instante como qualquer outro ser vivo. Nesta pandemia do coronavírus com a qual nos deparamos neste momento ficou mais do que clara a interdependência entre todos os seres.

Para Costa, está nítida a associação que Heráclito faz de *thanatos* com *gignomai*, ou seja, morte é tornar-se, morte é devir: fr. D/K76: *A morte da terra é tornar-se água e a morte da água tornar-se ar e a do ar, fogo, e vice-versa*. “Por ser a morte um tornar-se, uma transformação, ela indica, além de finalidade e alteridade como já vimos anteriormente, indica também uma transição (...) tudo que se transforma transita (...) um tornar-se que faz transitar um ente ao outro (...)” (p.74). Para Costa, Heráclito estaria propondo que morte é transição: ela provoca o deixar de ser de um ente, sua morte fática, mas desse *desaparecimento* surge o *aparecimento* de um outro ente. Desse modo *thanatos*, como oposição a *zoe*, em Heráclito, assume ainda o papel de transição. “Há um não ser mais, para ser o outro (...) do fim de um há o início do outro. (Costa, 2012, p.74-75, 76). A partir desta constatação de morte em Heráclito como transição poder-se-ia levantar inúmeras hipóteses do que seria essa transição que a morte propicia. O que nasceria a partir da morte fática do humano, por exemplo? Responder essa questão seria ir além do pensamento heraclítico, entretanto, o que parece claro é que há em *thanatos*, morte como oposto de *zoe*, “uma quebra de limite”, nas palavras de Costa (p.84).

Resumindo a dinâmica *thanatos-zoe*, em Heráclito, temos, ainda, a morte final, fática, resultado da finalidade de *thanatos* como a “quebra do limite da vida vital de um ente, impondo a ele um fim no tempo e no espaço, visto que *desaparece*; a morte como transição que pressupõe a quebra do limite do ente no instante mesmo em que deixa de

ser e se transforma em outro, e pôr fim a morte como alteridade que estabelece o próprio limite do ente, limite que constitui a sua finitude espacial permanente e que, se rompido decreta sua morte.” (ibidem p. 84).

Significativa é a associação que Costa faz da quebra desse limite que a morte determina. Com o corrompimento da circunferência da vida, haveria, portanto, com a morte de *zoe* uma quebra no ciclo (círculo) da vida: “... a ideia de que a vida de um ente perfaz um círculo no qual o interior é o espaço da sua própria vida e a circunferência, o limite dessa mesma vida. É pela circunferência que a vida toca a morte e é na circunferência que a morte adere à vida sem dali arredar o pé: a morte de *zoe* toca, esbarra, roça, envolve, quicá, pressiona continuamente esse limite até corrompê-lo. Na corrupção a morte fática. (...) ‘Tocar o morto’ é convivência com a alteridade e condição do *viver* ou ser **no** cosmo.” (1999, p. 81).

4.2 - Thanatos – bios

Fr. 67 (D/K 22):

Os que procuram ouro cavam muita terra e acham pouco.

No capítulo anterior procurei descrever o conceito de *thanatos* em Heráclito, em oposição à *zoe*, sob a ótica de Costa, a qual seria a noção de vida que vale para todos os seres. A seguir, apresentarei, ainda sob a interpretação de Costa, um outro termo heraclítico que não *zoe* para a palavra “vida”, que é o termo *bios*, o que implicaria em um outro tipo de oposição à morte, *thanatos*, ou seja, a relação entre as polaridades *thanatos-bios* na concepção heraclítica. Já mencionei, algumas vezes, aqui neste trabalho, este aspecto heraclítico de *thanatos*, mas a seguir analisarei com mais atenção esta singular dimensão de morte-vida em Heráclito.

O filósofo estaria descrevendo, portanto, uma excepcionalidade do humano que seria a de possuir dois tipos de vida e dois tipos de morte: *Zoe*, a vida zoológica de todos os seres vivos, que se modifica e se transforma a cada instante e que nos coloca sempre em experiências e situações que mudam o tempo todo, experiências que vão e voltam, que vão e voltam..., incansavelmente, experiências passageiras e que nos colocam em um circuito de nascimento, velhice, doença e morte, através de todas as modificações que vão se sucedendo ao longo do tempo e que poderíamos chamar de pequenas mortes, até que chega à morte do *desaparecimento* total do ser, na qual a vida, *zoe*, daquela maneira como aparece, é para sempre interrompida. Partindo-se da ideia de que esse termo *zoe* também é aplicado aos deuses, neste ponto da reflexão poder-se-ia perguntar como seriam compreendidas as vidas imortais dos deuses que nunca são interrompidas. Deixarei essa dúvida no ar para ser respondidas pelos filólogos.

E, na interpretação de Costa, haveria uma outra, a vida de *bios*, que traz como seu oposto um outro tipo de morte bem diverso da anterior que acabamos de analisar acima, e que, seria uma morte exclusiva dos humanos e que seria o que Costa denominaria de uma “morte em vida”, de uma morte ética. A vida de *bios* como uma vida de virtudes éticas e a morte de *bios* como uma vida humana sem ética.

Dou seguimento, portanto, a este estudo, destacando, mais uma vez, a diferenciação de *bios* e *zoe*, ou seja, os dois aspectos de vida em Heráclito, e

consequentemente, os dois aspectos opostos do *thanatos* humano. A morte como oposição a *bios* em Heráclito estaria estritamente relacionada ao universo humano, e assim como *thanatos-zoe*, também formaria uma estreita conjugação-oposição entre os dois opostos. *Thanatos-bios* estaria compondo uma antítese, afirmando mais uma vez a importância das noções de inseparabilidade e de interconectividade das forças cosmológicas opostas, que repetidamente surgem nas reflexões do efésio.

Seguindo Costa, destaco o fragmento 57 (D/K 62): *Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte destes, morrendo a vida daqueles*, para destacar uma questão que surge a respeito de *bios* ser ou não, para Heráclito, um tipo de vida não só característica dos humanos, mas também relacionada aos deuses. Segundo este fragmento, para Costa parece ficar claro (2012, p. 88), que *bios* não se restringe unicamente aos humanos, mas que poderia também estar associado às vidas éticas dos deuses mas definitivamente somente a dos deuses e a dos humanos e nunca a nenhum outro ser vivente. Fragmento 93 (D/K102): *Para o deus todas as coisas são belas, boas e justas; os homens, porém, consideram injustas umas coisas e justas, outras*. Quais seriam as implicações desta afirmação de Heráclito ao se pensar uma ética? Talvez possamos compreender a sabedoria ética dos deuses no conhecimento da inseparabilidade dos contrários, isto é, os deuses entenderiam a união da justiça-injustiça. Esta questão específica, entretanto, a respeito de *bios* não ser uma vida exclusiva dos humanos, mas também dos deuses, será deixada de lado neste meu estudo, por ser um desvio de rota e demandar uma longa análise, o que, portanto, demandaria mais espaço e mais tempo do que disponho nesta investigação.

Sigo, então, analisando a *bios* humana e mais especificamente a relação morte e sono em alguns fragmentos de Heráclito, o que poderia estar diretamente relacionada a essa questão específica da morte de *bios*. Costa faz uma leitura que sugere que Heráclito está utilizando os termos como “morto” e “dormente” em sentido figurado, não querendo se referir à morte fática, nem à morte por alteridade e nem tão pouco à morte contínua das modificações, mas sim “conotando frouxidão de caráter, lassidão de conduta e indolência” dos humanos (1999, p.91), e seria justamente esta leitura o ponto central de minha investigação aqui.

Fr. 39 (D/K 63): *Erguer-se sobre o que é presente e tornar-se vigilantemente guardiães dos vivos e dos mortos*. Heráclito menciona, repetidamente, e mais

especificamente neste fragmento acima, a importância da vigilância e da atenção ao momento presente, ao aqui e agora, e coloca noções de dormência, sono e desatenção em uma mesma frase associando-as à vida e à morte, o que Costa chama de “morte como metáfora da ignorância humana”, isto é, o conceito de *thanatos* que Costa estabelece como oposição à *bios*, destacando-se a ênfase que Heráclito dispensa às relações de proporção: desperto: *homologante*; dormente: *não-homologante*.” Sob esta visão, Heráclito estaria denunciando o humano distraído e “sonolento”, e o aconselhando a ficar mais vigilante. Heráclito estaria clamando os homens a “erguerem-se”.

Surgiria, desse modo, sob a ótica de Costa, o entendimento da existência de um outro tipo de vida, em Heráclito, *bios*, que expõe um tipo de vida humana cuja morte seria a morte ética, a morte de valores “morais” e que corresponderiam a um entendimento humano equivocado, ainda em vida, e que seria justamente o que Heráclito estaria descrevendo como os humanos “presentes, mas ausentes.” (Costa, 2012, p. 182). O vivo para *zoe*, mas morto para *bios*. Heráclito estaria, portanto, convocando o humano a ficar de pé moralmente, a erguer-se e tornar-se um atento vigia de homens vivos e “mortos-vivos”. Convocando o humano a despertar e a ficar atento à luz, mas não a luz do sol em pleno meio-dia, mas à luz do conhecimento, à luz que os filósofos conhecem, Heráclito estaria enfatizando a importância de estarmos ligados ao discurso eternamente verdadeiro que contém as leis do devir, as quais relatam a unidade e a dissociabilidade dos contrários (Conche, 2017, p.56).

Na realidade, Heráclito viveu em tempos conturbados, como já nos trouxe Vamcavas: “... um período de revoluções, de grandes mudanças nas formas de governo, guerras e catástrofes naturais. Grandes confrontos culturais entre grandes poderes e grupos étnicos influenciariam profundamente o pensamento de Heráclito.” (2009, p.101). Portanto, ao nos depararmos com outro tipo de *thanatos*, um “morto”, associado exclusivamente ao humano e que não condiz com *zoe* e se compõe com *bios*, infere-se lógica e dedutivamente que este “morto” representaria a morte que nega e se antepõe a *bios*, especula Costa. E se a *negação* de *bios* é o torpor, a lassidão e a indolência, sua *positividade* tem que girar necessariamente em torno de ideias opostas a estes substantivos. A essa altura da investigação, ainda não interessa a Costa conquistar um valor *positivo* para *bios*. Ele aponta, todavia, e *negativamente*, para o fato de que *bios* estaria se relacionando à conduta e às atividades humanas, e por ser específica para o homem estaria se referindo necessariamente a seu *ethos*, o que indicaria,

consequentemente, que a *positividade* de *bios* possuiria, de algum modo, uma dimensão *ética*. Confirmando-se, mais uma vez, que, para Heráclito, portanto, “o homem experimenta duas mortes ou dois aspectos distintos de *thanatos*: a referente a *zoe* em suas três modalidades já analisadas; e a referente a *bios*, o que quer que ela seja.” (Costa, 1999, p. 91-92).

Fr. 67 (D/K 22): *Os que procuram ouro cavam muita terra e acham pouco*. Este fragmento seria mais um de uma longa lista que expõe as reflexões de Heráclito a respeito de dois tipos de seres humanos, os espertos e os distraídos, os acordados e os sonolentos, os “vivos” e os “mortos” para *bios*. O que de fato Heráclito parece querer ilustrar seria a diferença entre aqueles que ouvem o *logos* comum/universal e os que não o ouvem, ou seja, a oposição entre o *homologante* e o não-*homologante*. Heráclito, dessa maneira, estaria fazendo em várias de suas reflexões uma comparação entre os sábios e a massa e será exatamente para esses fragmentos nos quais o efésio oferece exemplos “acerca dos mais diversos equívocos e absurdos protagonizados pela ignorância dos ‘mortos-vivos’” (Costa, 2012, p.186), que está direcionado um dos focos fundamentais de minha investigação.

Compreende-se, assim, como Costa, estabelece o termo “morto-vivo” e o remete à morte ética do humano, abrindo, desse modo, uma clara concordância com Casertano (2012), um dos raros comentadores, do qual tenho conhecimento, que estaria reforçando a sua interpretação a respeito da noção de morte ética em Heráclito, evidenciando a dimensão humana das reflexões heraclíticas. Encontramos em Casertano, como veremos com mais clareza a seguir, esta contraposição, indicada por Costa, entre o “melhor” e o “rebanho”, ou seja, o que Casertano chama de dois tipos de humanos diferentes que se opõem a partir de suas escolhas de vida, os que possuem um comportamento ético e os que escolhem ignorar o comportamento virtuoso os quais ele denomina de rebanho. Diferentemente de Costa, Casertano não estabelece essa divisão filológica dos termos em grego *zoe* e *bios*, mas as suas reflexões são bastante alinhadas.

Desta maneira, cabe neste momento prestar atenção à leitura dos fragmentos de Casertano, que irá enriquecer a análise de Costa de que o conceito de *thanatos* em oposição à *bios* seria a noção heraclítica de “morte como uma metáfora da ignorância humana”. Casertano começa destacando que “talvez não haja ninguém como Heráclito que tão arrogantemente tenha contraposto os melhores à maioria. Os homens não

passariam de um rebanho que tem necessidade do chicote para ser guiado, tal como todos os outros animais, selvagens ou domésticos, que vivem na terra; e os Efésios, em especial, que se atreveram a recusar a condução daquele ótimo homem que foi Hermodoro, teriam feito muito melhor se se tivessem enforcado todos.” (2012, p. 33) (fr. 64 D/K 121): *É legítimo que todos os efésios adultos morram e que os menores abandonem a cidade, eles que expulsaram Hermodoro, o mais valoroso dos seus, dizendo: de nós, nenhum será o mais valoroso, senão que o seja algures e entre outros.* Vê-se na leitura de Casertano um Heráclito que ressalta a diferença entre o humano que escuta o *logos* comum/universal e aquele que vive em desacordo, a diferença entre aquele que se aproxima e aquele que se afasta do *logos*.

Casertano segue nos lembrando que, sob esta “ótica aristocrática, a contraposição entre um, “o melhor”, e a multidão, “o rebanho”, não tem só uma valência política, estaria também abarcando uma escolha de vida, um comportamento ético, e separando dois modos de vida e de compreensão irredutíveis um ao outro à maneira de um abismo.” (p. 34). Com esta análise, poderíamos afirmar que também para Casertano, assim como para Costa, Heráclito estaria se referindo à oposição *thanatos-bios* no sentido de uma morte-vida ética humana. Vemos na leitura de Casertano a implícita noção heraclítica de “morto-vivo” destacada por Costa, sem entretanto se apoiar especificamente em uma suposta diferença entre os dois termos gregos *zoe* e *bios*. Haveria, portanto, uma diferença de método entre os dois pensadores, mas uma concordância de ideias a respeito da morte ética em Heráclito, o que seria na verdade o que importa neste meu estudo. Por estes dois ângulos, portanto, parece ter havido para Heráclito dois tipos de saberes, um que seria “o verdadeiro”, privilégio de poucos, e outro que seria um saber ilusório de uma escuta equivocada da maioria. Esta leitura a respeito da ótica aristocrática em Heráclito não seria talvez assim tão simples, já que encontramos em vários de seus fragmentos uma crítica à aristocracia de Éfeso: Fragmento 66 (D/K 125^a): *Que não vos faltasse a riqueza, efésios, a fim de que fosse desvendada a vossa maldade.*

Fr. 65 (D/K 104): *O que é então o saber deles senão diafragma? Enternecem-se com os cantores dos Demos e têm a multidão por mestre, não sabendo que a maioria é má e a minoria boa.* Compreende-se, em mais uma análise de Casertano, que ao usar os termos bom e mau, no fragmento acima, Heráclito estaria se referindo a um saber ético, ou seja, um bom ou mau comportamento ético. O saber da maioria como um saber, isolado, particular, individual e múltiplo, que tem, não ao *logos* comum/universal como

mestre, mas tem “a multidão como mestre” e desse modo confia nos cantores populares sem compreender que a multiplicidade das falas humanas isoladas não é confiável, e que é preciso ouvir a fala dos poucos que, silenciando os ruídos do “eu”, escutam a inequívoca fala do *logos* comum/universal.

Nota-se que no fragmento 65 (D/K 104), analisado acima, Heráclito está afirmando que “os muitos se opõem ao “bem”, enquanto no fragmento 63 (D/K 29): *Uma só coisa contra todas as outras escolhem os melhores, a glória eterna dos mortais; a massa, porém, está empanzinada como o gado*, os muitos se opõem aos “melhores”. Analisando especificamente este último fragmento, Conche, nota um detalhe importante a ser ressaltado aqui que é entender “bons” e “melhores” em Heráclito, como se referindo aos mesmos personagens: os nobres, mas no sentido de uma “nobreza ideal”, uma “nobreza de direito”. O que poderíamos traduzir aqui, como uma “nobreza ética”. Seria diferente, então, segue Conche, do uso desses termos na Teogonia de Hesíodo, pertencente a uma geração anterior a Heráclito, que trazia esta mesma oposição, mas compreendida no sentido de uma luta entre agitadores do povo e os ricos da aristocracia (2017, p. 31-2). Conche parece reforçar, mais uma vez, a leitura de Costa ao sugerir que Heráclito se refere a um tipo de humano que possuiria uma “nobreza de espírito”, ou “nobreza ética”, o que mais isso possa significar.

Dentro da circularidade do pensamento labiríntico de Heráclito, fica a sensação de que estamos sempre retornando ou nos deparando com as mesmas questões já visitadas antes. Heráclito estaria sempre insistindo em reafirmar o impasse do encontro entre o humano e o *logos* e a atribuição de um tipo de “resistência” que surge nesse encontro (Fr. 12 D/K17): *Não pensam tais coisas aqueles que as encontram, nem mesmo quando aprendidas as reconhecem, mas a si mesmos lhes parece*. Heráclito estaria afirmando, mais uma vez, que haveria um estranhamento, mesmo havendo “o caráter cotidiano e sensório desse contato, uma vez que o *logos* está presente, de uma forma ou de outra em todas as coisas porque tudo define.” (Costa, 2012, p. 176). E, ignorantes são os homens, “que mesmo tendo escutado o *logos*, não o compreendem, e os seus discursos e ações discordam da boa sapiência. Esses homens são, pois, a “maioria”, homens que mesmo experimentando a cada dia e em cada ocasião aquele *logos* segundo o qual todas as coisas se devem distinguir por natureza, dizendo-nos cada coisa como ela efetivamente é, não conseguem entendê-lo nem o conhecer.” (Casertano, 2012, p. 35).

Quando Casertano cita acima a ignorância como oposição à sapiência, parece estar conduzindo para sua reflexão uma ideia dos pitagóricos. Ele chega até mesmo a citá-los em seu texto, isto é, a ideia de que “o verdadeiro conhecimento se adquire somente se for baseado no intelecto. Quem age bem é bom e pode, por conseguinte, ser “ótimo”, mas só porque tem um bom intelecto, só porque usa corretamente a sua inteligência e a sua mente; pelo contrário, quem sujeita a inteligência e a mente às crenças estultas e superficiais da multidão ignorante é mau.” (2012, p. 34). Embora não pretenda desenvolver esta questão específica do humano “ignorante” em Heráclito, acredito ser importante chamar a atenção, mais uma vez, para o uso de termos mais pitagóricos do que heraclíticos, tais como “intelecto” e “inteligência” e “mente”, nas falas de Casertano a respeito do efésio. Como já vimos, seguindo a análise de Costa, o significado da palavra, “ignorante” em Heráclito, está aqui nitidamente definido: não está ligado à noção de intelecto, ou à inteligência cognitiva, mas decerto a uma distração e surdez em relação à escuta da fala do cosmo, ou seja, compreende-se ignorante como aquele que não ouve o *logos*.

Seguindo mais adiante, Casertano evidencia ainda a questão da fala humana em Heráclito: “... os homens, mesmo escutando e falando, são fundamentalmente incapazes de escutar e de falar: são como surdos, porque mesmo após terem escutado, permanecem sempre estultos, não “reconhecem” as coisas nas quais se embatem cada dia e consideram-nas “estranhas”, porque não veem o *logos* que governa todas as coisas.” (p. 35). Fr. 3 (D/K 19): *Não sabendo ouvir, não sabem falar*. Heráclito neste fragmento dá prosseguimento a sua denúncia a respeito da inexperiência humana. Desvela o humano que não possui uma visão ampla e não desenvolve uma escuta apurada e com isso acaba por adquirir um conhecimento errôneo que o inquieta e o aprisiona em uma fala também equivocada. Há para Heráclito uma ligação estreita entre a audição e a sabedoria. “A escuta determina a fala: uma vez tendo ouvido equivocadamente, tudo mais será igualmente contestável e ineficiente. O homem define-se pela escuta.” (Costa, 2012, p. 171).

Heráclito parece estar propondo que o humano contemple o espaço do cosmo, o espaço externo, a fim de determinar um exercício de olhar e escutar todas as coisas ao seu redor, todas as expressões de vida que em todas as direções estão enunciando um discurso, no intuito de reconhecer a si mesmo. Tudo fala. Heráclito parece estar repetindo incansavelmente que é preciso estar atento à fala do mundo, o que poderíamos hoje

chamar de inteligência universal (*logos* comum/universal), a qual estaria ligada a uma inteligência particular (*logos* humano/particular) que é a fala humana individual. Talvez possamos ter na composição da polaridade *logos* comum/universal-*logos* humano/particular a síntese do pensamento cosmológico de Heráclito.

Não sabendo ouvir o *logos* comum/universal, não sabemos falar o *logos* humano/particular. Heráclito sustenta que ouvimos apenas a nós mesmos, não ouvimos aos outros e muito menos ouvimos a natureza, o *logos* comum, a lei universal, e desse modo perpetuamos a ignorância e desperdiçamos a vida mergulhados em uma surda acomodação, em uma dormência, um torpor que nos prejudica a todos, uma vez que não somos seres isolados, mas interconectados um com o outro.

Heráclito ilustra impecavelmente e repete sem cessar ao longo dos fragmentos a problematização da inexperiência humana em ouvir mal e consequentemente em falar mal, chama a massa de gado e de rebanho, “uma ‘gente’ totalmente intencionada e preocupada em cultivar medíocre e anonimamente a sua sapiência particular em vez de perseguir o que é comum, ou seja, o ‘discurso comum’. Heráclito proclama a necessidade de ‘ir a fundo’, porque a verdade, a natureza, ama esconder-se.” (Casertano, 2012, p. 36).

Fica, então, a dúvida a respeito do que significaria o amor da natureza pela ocultação. Será importante analisar outro fragmento para que possamos tentar entender a respeito desta afirmação de Heráclito sobre o gosto de ocultar-se da natureza, ou seja, uma possível explicação para a não acessibilidade direta e clara do humano ao *logos* comum (Fr. 7 D/K 54): *Harmonia inaparente mais forte que a da aparente*. Heráclito não se cansa de repetir que na relação entre os contrários acontece uma inseparabilidade cosmológica, uma guerra-harmonia, e que a harmonia, aqui mais no sentido de conexão, está presente nessa tensão, assim como a guerra, interligando as antíteses. Desta maneira, neste fragmento 7 (D/K 54), Heráclito estaria relacionando dois tipos de harmonia, uma aparente e outra invisível e colocando esta última como sendo a mais forte. Costa entende que a mencionada harmonia aparente seria exatamente a natureza que ama esconder-se ou tende ao encobrimento. Seria a natureza, que apesar de aparente, não está expressa diretamente nas coisas do mundo e que por isso torna difícil a compreensão. Nada é claro e ostensivo no cosmo heraclítico, nada é explícito, e, portanto, seria necessária uma grande quietude para se ouvir o *logos* comum.

A vista disso, a escuta do *logos* comum não é tão fácil, demandaria uma atenção especial, uma audição cuidadosa, uma habilidade que parece que já perdemos ao longo do tempo, uma vez que, na dormência da ignorância, não percebemos a natureza do processo, não percebemos a inseparabilidade das entidades e a guerra-harmonia que tudo interconecta. “É nesse sentido que a *physis* ama ocultar-se: ela se apresenta nas coisas aparentes, mas precisa ser reconhecida, quase decifrada, pois não se reduz às próprias coisas. Ela é o processo, a lógica ou a lei, que ali opera e que só pode ser plenamente descortinada por aquele que vê e ouve, por aquele que sabe e concorda.” (Costa, 2012, p. 172-3). Teria esta habilidade de reconhecimento algo de cognitivo? Fica a questão.

Para Vieira, cabe lembrar que ao propor esse experimento mental Heráclito estaria nos obrigando a entrar em contato com o processo que é a coisa. É o processo que a constitui, pois se você tira o processo a coisa deixa de existir, e isso nos faz ver que o fundamental, para Heráclito, é o processo e não a coisa. É nesse sentido que Heráclito estaria dizendo que *a harmonia inaparente é mais forte do que a harmonia aparente*. As aparências, as coisas, são fáceis de serem vistas, enquanto o movimento do processo é invisível e mais difícil de ser visto. Heráclito estaria propondo que se reconheça o processo (Fr. 31 D/K 125): *Mesmo o ciceão, se não agitado, desmancha-se*. “Faltassem o movimento, a alteração, e o acende-apaga, o cosmo desmanchar-se-ia.” (Costa, 2012, p. 180). O que Heráclito estaria apontando é que é preciso silenciar o ruído das inexperiências humanas particulares para que se ouça o processo.

Heráclito estaria propondo uma mudança de perspectiva, mas, estaria ele mesmo reconhecendo que o sonolento humano não se empenha em desvelar os segredos da própria natureza, apesar de ser o único ente que possui um *logos* particular que surge da própria relação que o humano tem com o *logos* comum/universal. E, como quem dorme, perde a oportunidade de alcançar a valiosa compreensão de seu lugar no mundo. Como um morto para *bios*, como um “morto-vivo” busca, pelo contrário, no mundo das aparências, “o sucesso imediato, a riqueza, tudo o que comumente é considerado ‘o bem’ ou ‘os bens’ (...) prefere as satisfações das necessidades imediatas que os torna completamente semelhantes aos animais (...) prefere a aquisição de uma riqueza plenamente feita de bens materiais e exteriores, cuja posse não demonstra senão a exiguidade e – no fundo – o substancial vazio e infelicidade do possuidor.” (Casertano, 2012, p. 36-7).

As reflexões de Heráclito nos levam a pensar sobre as questões as quais estamos nos deparando em pleno século XXI. Estamos, mais do que nunca, vivendo, nos dias de hoje, uma dissonância entre o humano e o *logos* comum/universal. Não compreendemos o funcionamento do mundo pelo simples fato de que não paramos para contemplá-lo, porque se observássemos o modo operante de tudo a nossa volta compreenderíamos que estamos, como afirma Heráclito, irremediavelmente inseridos e em constante comunicação com todos os outros seres; entenderíamos que não há isolamento na natureza e que somos parte indissociável dos sistemas cosmológicos interconectados por forças tensionadas opostas que sustentam o equilíbrio do universo no qual vivemos. Heráclito parece não se cansar de alertar que é preciso compreender “ser tudo-um”.

Fr. 40 (D/K 48): *O nome do arco, vida; sua obra, morte*. Heráclito descreve especificamente o processo vida-morte como a sustentação de tudo e trago aqui, mais uma vez, a metáfora do arco como a expressão da antítese *thanatos-bios*: “... o arco é um instrumento formado por uma corda e pelo arco propriamente dito. O arco e a corda vivem uma tensão entre si e a reunião da tensão, do arco e da corda perfazem a sua totalidade. Quando Heráclito nomeia o arco de “vida” e põe a morte a circundá-lo, ele diz que o arco carrega e comporta *bios* e *thanatos*. Diz mais: diz que na *unidade* do arco vivem *bios* e *thanatos* a tensão harmônica dos contrários.” (Costa, 1999, p. 108).

Fica, dessa maneira, descrito em Heráclito a vida humana de *bios* que é uma vida de tensão entre vida e morte de *bios*. O humano como aquele que ocupa o espaço entre os opostos *thanatos-bios* e ao mesmo tempo o próprio espaço do manipulador do arco, podendo interferir na tensão, puxando para um lado ou para o outro, se aproximando ou se afastando de *thanatos* ou de *bios*, intensificando a divergência ou mantendo a convergência. Se aproximando ou se afastando de uma vida ou de uma morte ética. O humano, para Heráclito, teria, dessa forma, condição de reconhecer a natureza do cosmo, a exigência de sua mobilidade e, desse modo, compreender o processo no qual se encontra inserido, o jogo de movimentos contrários e necessariamente interdependentes: a mútua necessidade entre divergência e concordância, ou seja, a já tão mencionada guerra-harmonia, a inescapável inseparabilidade dos sistemas.

Em uma última análise, o humano encontra-se justamente nesta bifurcação entre *thanatos-bios*, vive a tensão de pender para um lado ou para o outro, é, portanto, o próprio arco e não pode deixar de sê-lo. O humano teria, portanto, dois lados para o qual poderá

se direcionar, para vida ou para a morte de *bios*, para uma vida ética ou na direção contrária, a do “morto-vivo”, a da vida sem ética. Existiria, para o efésio, dois caminhos a serem trilhados: o da aproximação e o do afastamento do *logos*, o da *homologia*, que seria o de manter a harmonia e a tensão do arco, e o caminho oposto, que seria justamente o rompimento com a harmonia no estabelecimento da divergência com o *logos* (Costa, p. 109).

O que Heráclito parece estar alertando, portanto, é que o mundo é construído pelas nossas escutas e as ações que são geradas a partir delas e que é preciso escutar a dinâmica do “sendo sempre” e da inseparabilidade, para construirmos o bem-pensar e as boas ações. Não somos seres separados, não existe a noção de isolamento em nada no cosmo. Recebemos toda a energia que nos sustenta diretamente de uma teia de múltiplos compostos que se interconectam através de tensões contrárias. Vivemos dentro dessa relação, dessa imposição cosmológica, e é esse o lugar do humano no cosmo, e mais do que nunca seria urgente entender isso. Fazemos parte intrínseca de uma rede. Entretanto, nem mesmo percebemos que estamos socorrendo e sendo socorridos por ela, o ar que respiramos está sendo produzido por outros seres, estamos sendo aquecidos e protegidos pelo calor que vem do centro da terra, não respiraríamos se não houvesse outros seres produzindo o oxigênio... estamos todos inseridos em uma única teia de vida-morte sem fim, mas somos inquietos, barulhentos e inexperientes e desse modo dificultamos a escuta, a compreensão da dinâmica do nosso próprio ser e do lugar que ocupamos e que nos acolhe.

Heráclito estaria enxergando e compreendendo o cosmo como um ser vivo que está sempre buscando um “equilíbrio” entre forças interdependentes que se contrapõem e que está incessantemente nos falando de si, expressando seus movimentos e seu “equilíbrio”, o que significa dizer que quando alguma força começa a pender para um só lado, a própria vida dispara seus mecanismos, suas próprias reações para trazer o sistema de volta para o outro lado, para a concordância, em um movimento eterno de afastamento-aproximação. Para Heráclito, seria como um deslocamento concêntrico, sem começo e sem fim, como num círculo que não comporta nenhum primado e nenhuma hierarquia.

Todavia, haveria um ponto fundamental a ser sempre lembrado: esta compreensão, esta sabedoria é sutil e sensória e não será apenas através do intelecto que o humano conseguirá ouvir o relato do *logos* comum/universal. Lembremos que não é um

relato óbvio e aparente, pois “a natureza ama ocultar-se”; é, pois, uma questão de sensibilidade e de sutileza, de escuta apurada, de silêncio e de atenção plena para que se compreenda a interconectividade entre aquilo que inicialmente nos parece isolado e desconecto, mas que de fato está em permanente conexão com seu contrário.

Mas o efésio parece não acreditar na capacidade humana de homologar, mesmo que o *logos* seja comum, e que o humano possa conhecer se conhecer: Fragmento 79 (D/K 116): *Em todos os homens está o conhecer a si mesmo e bem pensar*. Heráclito não se cansa de repetir que os humanos são ignorantes, ruidosos e egocêntricos e chega novamente reforçando a surdez no fr. 5 (D/K 51): *Ignoram como o divergente consigo mesmo concorda: harmonia de movimentos contrários, como o arco e da lira*. Para Heráclito é fundamental que se escute o pulsar incessante da inseparabilidade.

Mas, para os humanos distraídos e inexperientes, o cosmo é apenas uma matéria inerte e sem vida, que pode ser até mesmo desmatada, cortada, queimada, destruída e desrespeitada para seu uso próprio, servindo apenas como um mero fornecedor de matéria prima. Como quem dorme, acreditam que há um crescimento linear e ilimitado, não percebem que existe o ciclo da vida-morte, que existe a vida, mas que também existe a morte, que existe o crescimento, mas que também existem os seus opostos, o declínio e a desintegração, que trarão novos renascimentos que também por sua vez se desintegrarão, para mais adiante crescerem novamente na direção de um novo ciclo. Como quem dorme não compreendem a dinâmica *thanatos-zoe*, nem a dinâmica *thanatos-bios* e desse modo se tornam mortos em vida ameaçando o equilíbrio de tudo ao seu redor ao se afastarem tanto assim da escuta do relato da natureza.

E é a partir desta leitura de Costa que se compreende que Heráclito estaria apontando para a necessidade de o humano que dorme despertar. Acordar para a compreensão do funcionamento *thanatos-bios*; escutar o *logos* e compreender que ele, humano, faz parte de uma imensa teia de vida-morte, incessante, eterna e inescapável e que está compartilhando essa dinâmica com muitos outros seres vivos. É preciso que perceba que não está sozinho e isolado, mas que pelo contrário está em absoluta interconexão com muitos outros seres vivos. Constata-se, assim, que a relação vida-morte tem uma posição inusitada no pensamento de Heráclito: “No *mesmo* arco conjugam-se, igualmente, *bios e thanatos*, de onde fica comprovado que a vida de *bios* é homologia; sua morte, não-homologia.” (Costa, 1999, p. 110). Desse modo, entendemos

que a vida humana de *bios* está em acordo ou desacordo com o *logos*, “vivendo continuamente essa tensão, vivendo o risco perene e eminente de se perder desse caminho ou cair de suas alturas: na queda, a morte, que é a divergência do *logos*.” (p.111).

Conclui-se, ainda, que, em Heráclito, “viver *bios*” é cultivar a escuta do *logos* comum/universal, digo, buscar através da audição a concordância entre o discurso humano e o discurso da natureza, compreendendo assim o exato lugar do humano no mundo, que seria justamente no movimento entre aproximar-se e afastar-se do *logos*, sendo essa relação o elemento constitutivo fundamental da “humanidade” do humano. Revela-se assim a nítida dimensão humana na reflexão heraclítica que claramente desenha o seu *ethos*. Ouvir o *logos* comum/universal não seria, portanto, uma questão relacionada ao desejo humano, ou uma questão cognitiva racional, “estar perto do *logos* não está ligado à questão de ser ou não inteligente e muito menos depende de uma vontade resoluto do humano como acontece na metafísica cristã. (...) não há na reflexão heraclítica nada que se assemelhe a uma distinção entre criador e criatura, questão que será tão clara, mais tarde, no pensamento cristão.” (Costa, 1999, p. 111-12).

Nega-se, dessa forma, qualquer possibilidade de associação entre o *logos* comum/universal e a noção de um Deus cristão, assim como a leitura do *logos* heraclítico como tendo qualquer relação com a noção de razão metafísica. Estamos, portanto, entendendo o *logos* heraclítico como a linguagem, como o relato do cosmo.

Não haveria, portanto, em Heráclito a distância entre um humano apartado, que pela vontade própria poderia ter uma reaproximação com Deus através da escuta do *logos* comum/universal. Muito pelo contrário, temos um “modo de relação” diferente, uma relação por contiguidade, de proximidade-afastamento não só entre os dois *logoi*, mas também entre todos os entes, lembremos, mais uma vez, que não há primados nem hierarquias na lógica da contradição heraclítica. Está tudo aqui diante de nossos olhos, e são muitas as relações. Uma delas seria justamente a fundamental composição entre o *logos* comum/ universal e o *logos* particular/humano.

A concordância ou a não concordância, portanto, não estaria ligada ao tamanho do esforço da vontade humana. Heráclito estaria descrevendo esta dinâmica como um processo simples e direto que acontece no cosmo. Heráclito nos dá a notícia de como funciona a dinâmica do cosmo, mas não explica como superá-la (Costa, 1999, p. 113). Seria, simplesmente, uma questão de permitir-se, de abrir-se para o que se passa, estar

silencioso e aberto para escutar aquilo que se mostra, escutar aquilo que “é” diante de nós, permitir que o presente se mostre, prestar atenção para o que o cosmo está relatando aqui e agora. Seria uma questão de compreender o eterno e incessante movimento entre as forças opostas de aproximação-afastamento, ordem-desordem, integração-desintegração, morte-renascimento...

Seria uma questão de estar atento para o jogo “ao acaso” do cosmo e seus arranjos (fr. 30 D/K 124): *Das coisas lançadas, ao acaso, a mais bela, o cosmo*. Seria uma questão de abrir-se para a compreensão do jogo ao acaso de ordem-desordem, dois dos indissociáveis opostos que, como todas as polaridades, só são compreendidas através de seus contrários. “Poderia a ordem existir sem a desordem?”, questiona Conche, (2017, p. 115). Vida-morte, ordem-desordem, um jogo de movimentos constantes de mais ordem-menos ordem, mais desordem-menos desordem, complexos sistemas que se movimentam no espaço entre os contrários “e de todas as coisas lançadas, ao acaso, a mais bela, o cosmo”. Coisas jogadas ao acaso são coisas fora de ordem, nos lembra Conche, e das coisas lançadas ao acaso, o conjunto mais bonito é o arranjo ordem-desordem do cosmo, que seria justamente o lugar do humano, o lugar instável dos movimentos de arranjos ordenados-desordenados. E estar nesse lugar jogado ao acaso parece ser a maior dificuldade, a maior inquietude do humano, aquilo que o impede de silenciar para poder ouvir o que o *logos* está ordenando-desordenando. Sem entender esse jogo inevitável de ordem-desordem os humanos sonolentos tentam inutilmente “organizar” o jogo do devir.

Neste contexto aqui descrito, Heráclito estaria apontando o tempo todo para a morte de *bios*. A felicidade, ao contrário do que a louca multidão de humanos acredita, não estaria, para o efésio, “no simples apaziguamento dos estímulos do corpo” (fr. 119 D/K 4): *Se a felicidade estivesse nos deleites do corpo, diríamos felizes os bois quando encontram ervilhaca para comer*. Os humanos desatentos, mortos para *bios*, estariam procurando a felicidade na posse de bens materiais e numa vida aprazível a qualquer preço. Não se importando com os outros humanos, “a sua loucura chega ao ponto de os fazer defender que basta tagarelar com as imagens e com os simulacros para se comunicarem realmente com a divindade, de tal forma se encontram emaranhados na banalidade e na insipiência da própria vida cotidiana e longe de uma verdadeira concepção da autêntica essência dos deuses e dos heróis.” (Casertano, 2012, p. 34).

5. - O instável lugar do humano no cosmo heraclítico

Fr. 44 (D/K 6): Sol: novo a cada dia.

Estamos considerando, portanto, como Costa, que Heráclito teria descrito um segundo tipo de morte, a morte de *bios*, a qual se refere a um ser humano confuso que só ouve a si próprio e que dessa forma não alcança um conhecimento mais amplo. Um humano que não se empenha em ouvir o *logos*, que está surdo para a sua fala e que desse modo não cultiva o que poderia lhe levar a uma concordância com a sabedoria, com o bem-pensar heraclítico. Como se estivesse em uma alucinação, não reconhece que os ruídos do seu “eu” são pensamentos distorcidos e isolados e acaba por pensar e agir a partir de uma compreensão isolada, particular e errônea.

Fr. 42 (D/K 88): *O mesmo é vivo e morto, acordado e adormecido, novo-velho; pois estes, modificando-se, são aqueles e, novamente, aqueles, modificando-se, são estes.* O efésio insiste em reforçar a relação acordado-adormecido no sentido de vivo-morto. Compreendemos, então, que a ideia de um humano anestesiado, ausente, congelado para a compreensão de seu lugar no mundo é bastante recorrente nas reflexões heraclíticas. Heráclito estaria, dessa maneira, estabelecendo ao longo de toda a sua obra uma associação entre morto e adormecido, para descrever o humano morto para *bios*, ou seja, o humano morto para o bom comportamento ético, o humano morto para a compreensão da dinâmica do tudo-um e da inseparabilidade.

Compreendemos também que são muitos os momentos em que encontramos nos fragmentos da obra de Heráclito a noção de ausência, associada ao ser humano “surdo para o *logos* comum/universal”, a qual poderíamos ligar às noções de adormecido e morto. Convém, entretanto, que se adiante que não é por acaso que Heráclito dispensa uma grande atenção a esses humanos dormentes e admite uma importância a esses seres, já que para ser coerente deverá reconhecer que se não houvesse humanos dormentes não haveria humanos sábios. Mortos-vivos, dormentes-acordados, ignorantes-sábios. Esta questão nos leva também a refletir a respeito do fato de que não haveria *homologia* se não houvesse *não-homologia*, já que, como já vimos, nada pende para um só lado, assim como nada está isolado na cosmologia heraclítica. O lugar do humano no cosmo, em Heráclito,

encontra-se, então, exatamente na relação *homologia*-resistência, no movimento contínuo e incessante entre um e outro.

Há, portanto, um caráter *necessário* na morte de *bios*, o que significa dizer que “a morte enquanto não-*homologia* ou resistência não é apenas uma possibilidade para o homem, mas também uma *necessidade e propriedade* de sua *entidade*.” (Costa, 1999, p. 115). O humano seria portanto um ser dividido que pende para um lado e para o outro, não tendo, em princípio, como escapar da inconsistência de sua natureza, e Heráclito, apesar de criticar e reprovar insistentemente os dormentes, acaba por reconhecer que, sendo o lugar do humano o lugar da relação, é preciso admitir que eles são “operários que cooperam com as coisas que vêm a ser no mundo” (fr. 33 D/K 75): *Os que dormem são operários e cooperadores nas coisas que vêm a ser no mundo*. Este é o lugar instável do humano, o lugar do “espaço entre” os opostos, na tensão entre o desperto e o sonolento, e Heráclito não pode deixar de admitir que os dois seres são de fundamental importância para o equilíbrio dessas duas forças que guerreiam entre si.

Heráclito reconhece que se não fosse pela injustiça não reconheceríamos a justiça, ou seja, há dois lados e um não resiste sem o outro (fr. 91 D/K 91): *Não teriam retido o nome da justiça se essas coisas não fossem*. Heráclito insistentemente parece, então, sempre retornar a um “humano dividido”, um cosmo dividido no qual as energias contrárias estariam operando por contiguidade e simultaneidade dentro de uma composição que inviabilizaria o primado para um dos lados. Fr. 4 (D/K 34): *Ignorantes: ouvindo, parecem surdos; o dito lhes atesta: presentes, estão ausentes*. Surge aqui a pergunta crucial: estaria Heráclito, desse modo, negando a possibilidade da *homologia*, frustrando a possibilidade humana de realizar uma concordância total com o *logos* comum/universal? Pergunta que parece ficar em aberto por enquanto.

Na filosofia “enigmática” de Heráclito temos a impressão de estarmos sempre caminhando em círculos, voltando a um mesmo ponto de partida, mas na verdade estamos seguindo um modo labiríntico de ser de seu pensamento circular entre concordar-resistir, que seria na verdade o nosso lugar no mundo. Nós humanos estaríamos sempre na relação entre uma coisa e outra, no “sendo sempre espaço entre” e seria justamente este o nosso lugar no cosmo heraclítico, o lugar do movimento, da transição entre as forças de aproximação-afastamento do *logos*, em um jogo eterno e contínuo de simultaneidade. Sob esta ótica, o lugar do humano para Heráclito seria, portanto, o instável lugar da relação.

O espaço da instabilidade, o espaço da inseparabilidade das forças cosmológicas opostas, no qual estaríamos navegando entre um e outro contrário. Podemos pender para um lado ou para o outro, nos afastarmos ou nos aproximarmos, mas estamos impossibilitados de sair da “relação” entre as forças contrárias que se atraem e se repelem no eterno movimento de sustentação do cosmo heraclítico. Com isso, Heráclito talvez esteja nos trazendo uma reflexão que, quem sabe, nos ajudaria a compreender o mundo ao qual pertencemos, um entendimento que nos ajudaria a nos colocar no mundo e acabar por dar um sentido para as nossas vidas contemporâneas. Somos relação. Somos instabilidade. Somos inseparabilidade e interconectividade.

Estamos situados no espaço da instabilidade, uma mesma pessoa alterna entre a ignorância e a compreensão e nesta relação habitariam, diria Heráclito, dois tipos de seres humanos: o da massa inexperiente que pende mais para o lado da não escuta e do afastamento e resistência ao *logos*, e o lado dos que se aproximam mais do *logos*, como faz a sábia minoria que se empenharia por uma *homologia*. O morto para *bios* estaria, portanto, relacionado a um ser humano patético, apegado as suas divididas e separadas particularidades, seriam os desejantes do quero-não-quero, do gosto-não-gosto, os surdos para a sabedoria comum/universal do *logos*, os apegados à multiplicidade dos equívocos do “eu”, “meu”, “mim” e que, assim sendo, transitariam mais para o lado do afastamento do *logos*.

A própria vida-morte seria em Heráclito contraste. Oposição e relação seriam as leis primeiras do processo fundamental vida-morte heraclítica, estados que se manifestariam fora e *dentro* de cada ser vivente. Vida seria para Heráclito relação, vida seria para Heráclito oposição.

Mas a questão fundamental vida-morte que estaria sendo colocada como um dos aspectos duais do *logos* que está constantemente falando para todos os humanos não é ouvida por eles: “De todos a guerra é pai, de todos é rei...”. Casertano nos lembra que “na ótica heraclítica ‘nem tudo o que nasce está destinado *depois* a morrer’, como se disse de Xenófanés em diante, mas sim: tudo que nasce *é morte*, porque dizer morte é dizer vida, tal como dizer vida é dizer morte.” (2012, p. 224). A metáfora heraclítica deve descer mais profundamente, como o mergulhador de Delos, para compreender que em Heráclito a morte, o sono e a vigília tornam-se metáforas de tipos diversos de vida. A vida como o “morto-vivo” e a vida como o desperto.

Surpreendente é perceber que estamos contemporaneamente enredados nesta mesma trama heraclítica que denuncia os mortos-vivos e que devemos ficar bastante atentos e observar como os sonâmbulos dos nossos dias, os mortos para *bios*, podem realizar certas ações mesmo estando adormecidos e ausentes porque não têm consciência do que fazem e do que são. Surdos mesmo depois de terem escutado, não compreendem: presentes, estão ausentes. Estão continuamente em contato com e em relação com o *logos* comum/universal, mas discordam, se afastam e mesmo as coisas que todos os dias se defrontam, consideram-nas estranhas. Os acordados são aqueles que sabem escutar, sabem ver, sabem compreender que o *logos* comum/universal é a lei do acontecimento de todos os fenômenos (Casertano, 2012, p. 225). O instável lugar do humano seria exatamente neste movimento, nesta falta de chão firme, neste lugar oscilante e móvel, entre vida-morte, acordado-dormente, *homologante-não homologante*.

Fr.1 (D/K 50): *Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um*. Volta-se, novamente, ao alerta de Heráclito de que é preciso que o humano cale a si próprio para que possa começar a entender a relação, ou seja, apreender o que está acontecendo consigo e com tudo ao seu redor, silenciar os múltiplos ruídos particulares para começar a cultivar a escuta do *logos* e a dinâmica de instabilidades na qual está irremediavelmente inserido. Se deparar com a fala do *logos* e quem sabe se aproximar do reconhecimento da instabilidade e da inseparabilidade de si próprio e do lugar no qual habita.

Fr. 36 (D/K 26): *O homem toca a luz na noite, morto para si, a vista extinta; mas vivendo, toca o morto, dormindo; a vista extinta; vigilante, toca o adormecido*. Costa questiona: “Será que esse “morto para si” não corresponde ao “calar o mim”? Será que esse silêncio interno não seria uma pré-condição de *homologia*? Tudo leva a crer que sim, já que “morto para si, o homem toca a luz. (...) À medida que se permite viver o “para si”, ele dorme, invadindo a região do morto para o *logos*, o morto para *bios*, pois é “vivendo uma dormência que toca o morto.” (1999, p. 117). O dormir é para Heráclito uma forma de viver que se aproxima da morte, símbolo do “morto-vivo” e expressão daquele que morre *bios*.

O humano está, portanto, para Heráclito estabelecido em um lugar de grande inconstância e impermanência e por isso deve manter uma grande vigilância, já que está pendendo entre a morte-vida, entre a luz-escuridão, entre a ignorância-sabedoria. Seu

andar é sempre um andar em falso, um andar em movimento. “A instabilidade desse posto ou lugar torna-se reconhecível a partir de que vida e morte estão aqui sempre representadas em uma relação intermediada pelo sono, um estar meio acordado, meio adormecido, um lugar fronteiro entre a dormência e a vigília e por isso nebuloso e embaçado, sem definição, nitidez ou firmeza. O homem é o ente a meio caminho da luz e da escuridão, da vida e da morte: pode pender a qualquer instante e repetidamente para qualquer um dos lados, pois está aberto a ambos.” (Costa, 1999, p. 118).

Haveria, dessa maneira, em Heráclito um aviso de vigilância e de atenção para o despertar do humano. O “dormir” seria uma forma de vida que se direciona para uma morte ética, aquele ser que dorme e não vê o que está acontecendo bem diante de si. É preciso acordar e ver o morto para vida (Fr. 35 D/K 21): *Morte é tudo o que vemos acordados; sono tudo que vemos dormindo*. O ser humano desperto compreenderia a dinâmica da vida-morte, acordado veria a morte, teria plena consciência de sua finitude e de tudo no cosmo, reconheceria o seu inescapável destino de viver uma vida de inconstâncias e acordaria para o que está bem diante dos seus olhos, a impermanência e o processo de vida-morte em tudo. O desperto seria aquele que silencia para si e não opta pelos ruídos do seu eu dividido, aquele que compreende o papel do todo, da cidade, da polis, e sintoniza-se com o coletivo, assumindo a inseparabilidade de tudo: Fragmento 18 D/K 2): *Embora sendo o logos comum, a massa vive como se tivesse um pensamento particular*. Fragmento 89 (D/K 44): *É necessário o povo lutar pela lei como pelas muralhas*.

Conche vem mais uma vez reforçar a nossa interpretação, ao trazer a compreensão de que para Heráclito o tornar-se é a vida da natureza, já que o efésio removeu qualquer fixidez e estabilidade do universo porque estes são estados dos mortos e não da vida. Fixidez é uma qualidade do morto e o humano, receando a instabilidade, insiste em querer trazer essa qualidade para a vida. Os humanos têm uma enorme dificuldade para enxergar o “tornar-se” das coisas, o devir não é uma das coisas sensíveis que vemos, temos que admitir que nem tudo é visível para os humanos no universo (2012, p. 97). Distraído e ignorante o humano busca, inadvertidamente, características da morte, a rigidez, a fixidez, a imobilidade, e desse modo tenta controlar o fluxo, acredita poder parar o processo vida-morte a qualquer preço, sem perceber que seu esforço em agarrar e prender as coisas será um esforço vão e que o transformará em um morto em vida. Na cosmologia heraclítica o seu lugar é o lugar instável, o lugar do movimento.

A lista de fragmentos que faz o alerta do despertar é extensa em Heráclito e neles encontramos sempre sinalizações de que é preciso olhar o mundo sob uma perspectiva diferente, sob uma ótica do ser tudo-um, sob um entendimento de coletividade, já que para o efésio uma vida baseada no “eu”, “meu”, “mim”, é uma vida sem sabedoria, a vida daquele que age como quem dorme (Fr. 34 D/K 73): *Não é para agir como quem dorme.*

Costa (1999) ressalta ainda a noção de esquecimento em Heráclito, a descrição de um ser humano que, além de sonolento, distraído, ignorante e surdo é esquecido, um ser que se perdeu no caminho e que não sabe de onde está vindo e para onde está indo. Aquele que não sabe “por onde passa o caminho” e não sabe mais para onde deve ir. O esquecimento como aspecto importante da vida do “morto-vivo”, o esquecido: (Fr. 103 D/71) *Recordar-se também do que esquece por onde passa o caminho.* Para Heráclito, a massa, a grande maioria dos humanos são, além do mais, desmemoriados, já que perderam completamente a noção de onde estão, o que estão fazendo aqui e para onde estão indo. Quem sou eu? De onde venho? E para onde estou indo? Perdidos e esquecidos, mas mesmo assim não se aquietam para tentar compreender a situação. Para Heráclito, são seres que não sabem onde pisam e que nada percebem a sua volta, e que mortos para a vida acreditam que estão em um mundo permanente, estável e fixo, sem perceber que fixidez e rigidez são estados dos mortos, dos sem vida, e com displicência se fecham em si, se enclausuram em suas próprias individualidades, perdendo-se e dispersando-se em um confuso dualismo fundamental de “eu quero e eu não quero”, “eu gosto e eu não gosto”. Mortos para a vida de *bios*, perdidos em seus julgamentos particulares sem fim. Esse seria o lugar da massa.

Fr. 93 (D/K 102): *Para o deus todas as coisas são belas, boas e justas; os homens, porém, consideram injustas umas coisas e justas, outras.* Para Heráclito, a diferença entre os humanos distraídos e os deuses seria que o humano dividido enxerga as coisas separadas, característica tipicamente humana, aquele que vê e ouve com o olhos e os ouvidos do particular. O ser que superestima e segue fielmente as suas próprias ideias isoladas que transitam e separam os contrários e acredita que a sua escuta equivocada é a escuta sábia se vê no direito de apontar quem é feio e quem é bonito, quem é justo e quem é injusto, quem pode e quem não pode... Ao contrário da “comunidade do divino”, na qual “só há o necessário, e a necessidade justifica a bondade, a beleza e a justiça de tudo, independentemente dos quereres humanos.” (Costa, 2012, p. 192).

O ser humano seria, pois, mais do que tudo um ser dividido, um ser que se encontra no meio de uma relação entre opostos, seu lugar é o do dualismo fundamental. Ele é o ser que julga e que separa, o ser que como quem dorme nem mesmo consegue apreender sob quais condições se encontra no mundo. Havendo, portanto, uma apreensão equivocada da sua própria realidade. Está em desacordo com o *logos* e no jogo entre apreender e compreender tem uma imensa ineficiência na apreensão que o direciona para uma ainda maior ineficiência na compreensão e consequentemente na fala. Esta é, para Heráclito, a instável e dramática situação do humano no cosmo.

O pensamento humano, em Heráclito, seria “o fio condutor para a passagem entre a apreensão e a compreensão, estaria, pois, entre o modo *homologia* e o modo resistência ao *logos*, ou seja, o lugar do humano seria entre a *homologia* e a resistência ao *logos*. O humano de Heráclito estaria no espaço entre, no lugar daquele que pode ir para um lado ou para o outro e que depende do seu próprio pensamento para consolidar ou não a sua aproximação com a lei universal. Quando trago aqui a ideia de “pensamento” humano, acabo por reforçar que não bastaria só “ouvir” o *logos*. Como defende Celso Vieira, também haveria para Heráclito um papel importante da cognição na apreensão do conhecimento. Dependeria, portanto, nesta leitura, não apenas da sua própria atenção, distração ou vigilância, da sua eficiência em se aproximar ou se afastar da sabedoria, haveria também um esforço cognitivo de apreensão.

Uma apreensão desatenta engendraria um pensamento deficiente que consolidaria uma compreensão equivocada. Desse modo, o pensamento figura, então, entre a apreensão e a compreensão, exercendo o papel de condutor.” (Costa, p. 126). Segundo Costa, a relação entre o *logos* comum e o *logos* humano se dá em Heráclito através do pensamento, ou seja, o elemento que determina o *ethos* humano, que determina o bem pensar e o mal pensar. A capacidade única e singular do pensar humano é o que lhe confere a possibilidade de se aproximar ou se afastar do *logos* comum/universal (Fr. 78 D/K 113): *O pensar é comum a todos*. Haveria, pois, para Heráclito, o pensar como podendo ser ou não *homologante*, o pensar que se aproxima ou se afasta do *logos*, o pensar da sabedoria e o pensar da inexperiência e será exatamente esta condução para um lado ou para o outro que determinará o tipo de ouvir e de agir ético do humano. Determinará a vida ou a morte de *bios*, a vida ou a morte ética, determinará o lugar do humano no mundo. O pensar é possível e comum a todos, mas nem todos estão abertos para a

apreensão e compreensão e isto seria o que determina a posição e o lugar do humano no cosmo heraclítico. Seria este pensar um pensar cognitivo em Heráclito?

O pensar é um bem comum de todos os membros de todas as comunidades, da *polis*, do *demos*, dos persas, dos gregos... de todos os seres pensantes, dos distraídos e dos vigilantes, dos sonolentos e dos despertos. Mesmo que tenham pensamentos equivocados eles têm por direito o poder de pensar, de apreender e de compreender (Conche, 2012, p. 57). Entretanto, será justamente este o ponto que distingue os humanos, os que compreendem e os que não compreendem, os vivos e os mortos para *bios*, os que pensam do modo concordância e os que pensam do modo afastamento.

Fr. 79 (D/K 116): *Em todos os homens está o conhecer a si mesmo e o bem-pensar.* Heráclito segue apontando o pensar da *homologia* e do bem-saber, a possibilidade que o ser humano tem de conhecer a si mesmo, possibilidade que o distingue de todos os outros seres vivos: “... a todo homem é dado pensar, e não pode deixar de fazê-lo, por ser um imperativo de sua condição de ser homem. (...) Ele pode colher e reunir própria ou impropriamente aquilo que o *logos* lhe expõe e dispõe, mas não pode jamais deixar de se efetuar, pois não é possível o não conviver com o *logos*.” (Costa, 1999, p. 128).

6. - Inseparabilidade e Interconectividade em Heráclito

Fr.1 (D/K 50): “Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um”.

Constantine J. Vamcavas acredita que o ambiente natural juntamente com a maneira como ele é observado teria cumprido um papel significativo na formação do caráter e do destino da Grécia Antiga. A paisagem grega, composta de uma série de contínuos contrastes, montanhas que se prolongam à beira mar criando inúmeros e pequenos vales e platôs entre as suas encostas, assim como inúmeras baías e entradas sinuosas teriam influenciado a maneira de observar dos gregos na Antiguidade. A junção de terra e mar, sob um céu de azul profundo e luminoso, sob uma clima gentil teria revelado aos gregos um mundo de contrastes que teria ainda influenciado a formação de seu caráter. A interpenetração sem fim e a simbiose entre terra e mar teria oferecido ao grego o arquétipo ‘par de opostos’ enquanto o rugir das ondas na superfície do mar em contraste com a invisível, muda e quieta profundidade teria criado nele a primeira indicação inconsciente das antíteses, ser-devir, ser-parecer. O mundo natural a sua volta seria, para o autor, uma esfera harmoniosa e acessível que a todo instante o desafiava a compreendê-la. A vastidão do mar e do céu que se revela diante dele estaria evocando maravilhamento, fascinação, curiosidade e o desejo por expansão e descobertas (2009, p. 5). Encontro nesta passagem de Vamcavas uma introdução poética para este capítulo que irá tratar especificamente das noções de inseparabilidade e interconectividade dos contrários em Heráclito. Estamos aqui nos referindo principalmente ao par de opostos vida-morte, mas não custa introduzir esse texto de Vamcavas que traz a paisagem grega e seus contínuos contrastes como sendo uma das grandes influenciadoras e inspiradoras da maneira de pensar dos antigos gregos, justificando até certo ponto de maneira poética a unidade dos contrastes heraclíticos.

Para Vamcavas, existiria na própria natureza grega e para aqueles que a observavam uma explicação da visão de Heráclito, que teria percebido a interconectividade e a inseparabilidade de tudo no cosmo. Fica então mais uma questão: qual seria a percepção do grego Antigo a respeito da natureza? A palavra *physis* (natureza), deriva da raiz *phy-* que significa “nascimento”, “crescimento”, “evolução”, “existência”, a “constituição natural de uma pessoa ou de uma coisa”. Vamcavas descreve o grego Antigo como aquele que percebia a natureza como um todo ordenado, que ele representaria através do rico e

significativo termo ‘cosmo’, ao mesmo tempo em que se concebia como sendo uma parte orgânica e inseparável da natureza (2009, p.5).

Curiosamente, hoje, 2500 anos depois de Heráclito, a ciência e a filosofia contemporâneas parecem retomar ideias heraclíticas ao insistir na compreensão de que existe na natureza uma harmonia extraordinária e que tudo no mundo opera em rede. Do mesmo modo que a água no nosso corpo através do sangue é quem transporta a vida e nos sustenta, também nas florestas os rios são como veias da terra, afirmam cientistas contemporâneos. Confirma-se, portanto, hoje, “cientificamente” a incrível interconectividade entre todos os sistemas no mundo, já denunciada por Heráclito. Quem faz essa analogia é o professor cientista e pesquisador sênior do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Antônio Donato Nobre, autor do Relatório de Avaliação Científica: “O Futuro Climático da Amazônia”, em uma de suas palestras para o TEDxAmazônia. Desavisados, poderíamos crer que a afirmação do cientista brasileiro contemporâneo fosse mais um dos fragmentos de Heráclito.

Para Nobre (2011), podemos fazer uma comparação entre a circulação sanguínea do corpo humano e a circulação da água na paisagem, já que os rios são as veias da Terra, drenam o cenário terrestre e todos os tecidos da natureza. O cientista contemporâneo destaca as maravilhas deste funcionamento e ressalta que temos o mesmo acontecendo nos oceanos azuis, os mares, e nos oceanos verdes, as florestas, assim como no corpo dos seres vivos. A interconexão e a inseparabilidade são evidentes no nosso mundo, afirma o cientista contemporâneo.

Nobre segue afirmando que poderíamos observar inúmeros sistemas no cosmo que possuem esta interconectividade, como, por exemplo, comparar as vias superiores dos pulmões dos seres vivos com o ar da Amazônia, uma vez que tanto o ar das florestas como o ar que respiramos é limpo através das vias respiratórias superiores, o que impede que o excesso de poeira prejudique a chuva, quando há queimadas na floresta, do mesmo jeito que nos protege da fumaça e da poluição. O cientista segue afirmando que poderíamos, indefinidamente, seguir fazendo analogias dos sistemas cosmológicos, comprovando o seu funcionamento em rede e como somos parte orgânica e inseparável da natureza, como já afirmava Heráclito.

Assim como Heráclito, que propõe que escutemos o *logos* comum/universal, ou seja, o relato da natureza, Nobre propõe, hoje, que olhemos mais para a Terra para compreendermos a nós mesmos e o lugar que ocupamos no mundo. Assim como Heráclito, que apontava, no século VI a.C., a necessidade de escutarmos a lei universal do *logos*, o cientista brasileiro propõe invertermos o posicionamento do telescópio espacial Hubble, que está disposto em direção aos confins do universo buscando conhecimento nas estrelas e nos planetas, para a direção da Terra. Observar a Amazônia, por exemplo, afirma o cientista, nos dá a lição de como a natureza funciona, mas não só a Amazônia, e sim de como nós humanos funcionamos; ao olharmos para nós mesmos e para o lugar no qual vivemos poderemos “escutar” a lição que a natureza está nos dando. Nada mais heraclítico do que a sugestão do especialista.

Vivemos em um cosmo que nos é desconhecido. Somos ignorantes sobre nós mesmos e sobre o lugar que ocupamos no planeta e por isso estamos tripudiando da natureza maravilhosa que nos dá morada e abrigo (fr. 4 D/K 34): *Ignorantes: ouvindo, parecem surdos; o dito lhes atesta: presentes, estão ausentes*. Sabemos que o uso de *physis* em Heráclito não é o que chamamos em nossos dias de “natureza”. Mas acredito que esta diferença não invalide a analogia entre o pensamento do efésio e os ecologistas de nosso tempo.

7. - Considerações finais

Fr.12 (D/K 17): Não pensam tais coisas aqueles que as encontram, nem mesmo quando aprendidas, mas a si mesmos lhes parece.

O ser humano é o único animal que pensa, e o único que, para Heráclito, pode ter um pensamento pelo modo da sabedoria ou pelo modo da resistência, isto é, pelo modo de aproximação ou de afastamento do *logos* comum/universal. Somos os únicos seres que refletem sobre a morte como um fenômeno e sobre a própria morte, o que significa dizer que, ao pensar sobre a morte, criamos para nós mesmos um modelo de vida. Para Heráclito, pensar a morte é pensar a vida.

Para Casertano existiria a possibilidade de haver uma maneira “elevada” do humano entender a morte e isto mereceria a nossa atenção, uma vez que, por conseguinte, haveria a possibilidade de entendemos o que seja viver. O humano seria, então, aquele que teria a preciosa condição de desenvolver um modo “elevado” de gerir a própria vida. Entretanto, segue o autor, “não é assim para todos os homens....”. Casertano estaria se referindo aqui às diversas maneiras que os humanos têm de conduzir as suas próprias vidas em face das suas reflexões a respeito da morte. Haveria, portanto, “uma cisão entre aqueles que conseguem pensar na “própria” morte sob certos parâmetros e os que, muitos, face ao pensamento da “própria” morte, só conseguiriam sentir angústia e medo.” (2012, p. 213).

Ora, à luz das considerações heraclíticas, fica evidente que não é fácil estar diante da inescapável dinâmica vida-morte, estar na presença de tamanha instabilidade do devir apontada pelo efésio, sendo, desse modo, enorme a angústia humana diante de tanta incerteza, enredados nas suas incessantes, imprevisíveis, contínuas, radicais e algumas vezes, até mesmo, fatais transformações. Não seria, portanto, de se estranhar que por ignorância, inexperiência e medo “a massa distraída e sonolenta”, como nomeia Heráclito, evite refletir e escutar o relato dramático do inescapável processo viver-morrer.

Dessa maneira, preferimos ignorar a morte. Não a contemplamos e nem mesmo gostamos de falar a respeito da perspectiva de ter que morrer e, sem pensar a morte, acabamos por não levar em consideração a fundamental questão do que seria viver. Na visão de Heráclito, não é bem assim que deveríamos agir. Nos fragmentos heraclíticos

encontramos uma complexa e profunda reflexão a respeito da dinâmica do viver-morrer. Resumindo, o filósofo de Éfeso apontou a instabilidade cosmológica, a inseparabilidade e interconectividade dos sistemas opostos e explicou o cosmo através de uma lógica diferente e única, a lógica da contradição cuja lei fundamental seria a lei da unidade dos contrários. Tudo para Heráclito é contraste, tudo é contradição, somos todos e tudo contradição. A morte contínua e fática de tudo e de todos, a morte por alteridade e a morte ética, exclusiva do ser humano, são conceitos fundamentais nas reflexões de Heráclito.

Se é certo que, para Heráclito, a falta de escuta do *logos* comum/universal nos transformou em seres ignorantes e dormentes, é fundamental refletirmos a maneira egocêntrica pela qual nos entendemos no mundo. Acreditamos que somos parte separada da natureza, que o “um” é separado do “todo” e que o “eu” nada tem a ver com o “outro” (...). Mas o fato é que vivemos, nos lembra Heráclito, sob o total domínio de uma lei universal que determina que estamos intimamente conectados uns com os outros.

O filósofo contemporâneo italiano Emanuele Coccia, em sua obra *Metamorfoses*, desenvolve uma análise que arrisco, aqui, comparar com as reflexões de Heráclito. Para o aspecto que aqui nos interessa trata-se de levantar uma hipótese, a título de reflexão, de estarmos diante de uma possível revisitação contemporânea à tese antiga heraclítica da interconectividade de todos os seres vivos, a qual teria sido mais explicitamente descrita no fragmento heraclítico, D/K 50: *Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar ser tudo-um*. A ideia não é construir uma teoria, mas somente pensar as atuais circunstâncias sob lentes heraclíticas.

Segue Coccia em seu artigo na revista digital IHU, de 5/6/2020: “(...) do humano à planta, passando pela bactéria, todos os seres vivos partilham uma mesma vida, sem começo nem fim. (...)” A tese de Coccia, assim como o pensamento “enigmático” heraclítico, pode para muitos parecer desconcertante: “...humanos, bactérias, vírus, plantas, animais, somos todos e todas uma mesma vida, que passa de forma em forma, transmite-se há séculos de espécie em espécie, de reino em reino, e continuará seu curso”. Ao descrever a continuidade da vida, Coccia estaria recolocando o humano de volta ao seu ‘verdadeiro’ lugar, o lugar de um devir absolutamente instável e contínuo inserido em uma circularidade cosmológica heraclítica. Segue Coccia: “um lugar de vida entre tantos outros... o nascimento já não é, aqui, mais um começo, nem a morte um final.” Coccia chama de metamorfose o que poderíamos talvez entender como sendo o que Heráclito

teria chamado de devir: “A metamorfose, observa Coccia em seu artigo, é a continuidade entre todos os seres vivos presentes, passados e futuros: todos e todas que partilham uma única e mesma vida. Olhe para qualquer ser vivo, aponta Coccia, ele é obrigatoriamente a transformação da vida que o precedeu e que lhe deu a luz. É a mesma vida anterior, mas capaz de existir em outro lugar e de maneira diferente”. Para Coccia, “a morte é um casulo que permite as passagens da vida de uma espécie à outra. Ela abre os corpos definidos por uma vida humana as outras formas de vida, no sentido de que esse corpo, infelizmente – ou felizmente – tornar-se-á a refeição de vermes, de bactérias, de fungos e de que essa vida se transformará em outros corpos” (artigo de 5/6/2020, Revista IHU). Nada mais heraclítico.

Para Coccia, assim como parece ter sido para Heráclito, é estonteante e libertador entender que a vida seria a mesma no corpo do humano, de um verme ou de uma flor. “Aconteça o que acontecer, ela continuará com ou sem mim, e apesar de meus fracassos. Não se trata apenas de mim, é a vida passada e futura que me atravessa como uma força telúrica”. Não sou eu que passo pela vida, seria a vida passando por mim, em um eterno devir.

Em plena pandemia do coronavírus, em 2020, fica difícil não estabelecer uma certa fusão entre as reflexões do efésio com algumas das reflexões atuais de filósofos contemporâneos, quando pensamos no atual modo ocidental de entender a morte e por conseguinte administrar a vida. A questão não é esperar que as reflexões heraclíticas possam explicar as especificidades dos desgovernos atuais, seria apenas trilhar caminhos, sabendo-se que ainda há muito a ser compreendido. Estamos diante de situações complexas e certamente precisamos pensar sobre elas.

Decerto não estamos, nos dias de hoje, diante de maneiras “elevadas” de pensar a morte e como resultado não vemos, com frequência, maneiras “elevadas” de gerir a vida. Arriscaria afirmar que sob a ótica de Heráclito, no que se refere aos dois aspectos heraclíticos da polaridade morte-vida, *thanatos-zoe* e *thanatos-bios*, grande parte dos seres humanos ocidentais contemporâneos estariam sendo denominados de a “massa ignorante e surda” para o *logos* comum/universal, por não compreenderem a inseparabilidade e interconectividade entre o “eu” e o outro” e por conseguinte se ver apartado do outro ser e do cosmo como um todo. Mortos para *bios* pelo comportamento

não ético, mais específico aqui no sentido de não reconhecer a alteridade e por conseguinte não a respeitar.

Pedro Duarte, filósofo contemporâneo brasileiro que pensa as nossas atuais circunstâncias em *O vírus e a redescoberta da natureza*, traz para o debate justamente esta questão ao apontar que a surpresa com a chegada do novo coronavírus talvez possa ser explicada pelo fato de estarmos *convencidos de que o poder humano havia suplantado ou dominado a natureza*. Existiria, na verdade, uma *autoimagem dos seres humanos como senhores do universo*. Esta ilusão, lembrada por Pedro Duarte, de que somos *os seres que pensam* e que por conta disso controlamos e dominamos aquilo que chamamos de natureza é na verdade uma desatenção e ignorância a respeito da inseparabilidade do eu-outro, inseparabilidade do humano com a natureza (2020, p. 164).

Ainda nesta mesma linha de raciocínio de Pedro Duarte, Emanuele Coccia, em seu ensaio *O vírus é uma força anárquica de metamorfose*, ressalta que o novo coronavírus estaria *mudando profundamente o nosso mundo*. Grande parte da angústia que experimentamos hoje, entende Coccia, “é resultante da nossa compreensão de que o menor ser vivo é capaz de paralisar a civilização humana melhor equipada tecnicamente. Esse poder transformador de um ser invisível estaria produzindo uma angústia e um questionamento do narcisismo das nossas sociedades”. Para Coccia, o ser humano se vê como separado da natureza, compreende o eu separado do outro e não compreende o sistema cooperativo no qual estamos inseridos: “continuamos a nos enxergar como especiais, diferentes, excepcionais, inclusive na contemplação do dano que infligimos a outros seres vivos. Contudo, esse poder de destruição, do mesmo modo que a força da geração, está distribuído equitativamente entre todos os seres vivos. O ser humano não é o ser que mais altera a natureza. Qualquer bactéria, qualquer vírus, qualquer inseto pode produzir um grande impacto no mundo” (2020, p.10).

O humano ocidental contemporâneo não tem ouvido a natureza, não tem ouvido o outro (aqueles que não são como eu), e não tem compreendido ser tudo-um, apesar de não haver mais dúvida, em pleno século XXI, de que o planeta Terra é um sistema vivo integrado e interdependente, cujos seres vivos têm os mesmos mecanismos de regulação que mantêm o equilíbrio térmico, químico, existencial e mecânico de tudo e de todos, num jogo de forças contrárias que se relacionam e se auto regulam. Seria neste sentido que Nobre (2019), preocupado com a atual “surdez” humana, “teme que a floresta

Amazônica, por exemplo, esteja próxima do que chama de “ponto de não retorno”, quando não conseguiria mais se regenerar por conta própria e começaria a caminhar no rumo da desertificação (...) a floresta viva é essencial para a sobrevivência da civilização humana (...) e estamos quase perdendo a habitabilidade do planeta.” As mudanças no clima global e a hostilidade do governo brasileiro em relação à Amazônia podem estar nos levando a este “ponto de não-retorno”. Descreve-se assim, contemporaneamente, o complexo e emergencial caráter do problema de desequilíbrio cosmológico/ecológico, da dinâmica vida-morte, no qual estamos mergulhados em pleno século XXI.

O que há algum tempo surgia como um exagero de alguns cientistas acaba por se constituir uma dramática realidade, já que podemos, de fato, estar chegando a um “ponto de não retorno”. Mas, mesmo sendo seres que pensam e que têm a capacidade de ter um bem-pensar, continuamos surdos para o discurso do outro, surdos para o discurso do *logos* comum/universal, diria Heráclito, seguindo num jogo egocêntrico e egoísta de gratificação imediata e pessoal do “eu” separado do “outro”. Esquecidos do caminho a ser tomado, seguimos na busca por “verdades fixas e ilusórias”, tentando “solidificar ideias individuais” através de verificações egocêntricas e binárias, sem perceber a absoluta interdependência cosmológica na qual estamos inseridos. Insistimos em não entender que o nosso sistema é um sistema de cooperação e não de competição e separação. Nada compete na natureza, tudo coopera e é preciso compreender esta dinâmica.

Heráclito de Éfeso, como o “portador de uma má notícia”, já nos lembrava que não há separação, isolamento e estabilidade possíveis. Não há chão firme, nada é fixo e desacompanhado neste mundo. Heráclito já estaria nos apontando, de antemão, a lei fundamental da unidade dos opostos, tornando claro que vida “é” morte e morte “é” vida. Nós, os animais, as plantas, os minerais estamos todos interconectados em uma única “rede cooperativa de vida-morte”, como também nos lembra Coccia. Não importa qual seja a vitória, com a morte tudo o que aparentemente se mostrava sólido desmorona, para depois se recompor novamente e isto está acontecendo o tempo todo, com tudo e com todos, contínua, incessante e fatalmente.

Heráclito já nos mostrava o lugar do movimento entre os sistemas, o inevitável lugar da relação e da cooperação, ou seja, o nosso lugar. Seria, desse modo, preciso ouvir e entender que estamos todos interligados e que dependemos uns dos outros para

continuarmos nos equilibrando no devir. E o mais importante de tudo é compreender a beleza desse sistema, um processo de relações, cooperações e unidade entre os seres, e deixar de lado o egoísmo e a competição. Compreender que estamos inseridos em um sistema cosmológico de colaboração, de solidariedade e amor ao outro, ao diferente. Basta ouvir o *logos*, ouvir a natureza que veremos como todos os entes estão colaborando um com o outro e essa é a maravilha do lugar no qual vivemos.

Se a chegada do COVID 19 é, de fato, a expressão espetacular do impasse em que a humanidade se encontra, então não se trata simplesmente de recompor uma Terra habitável, para que ela ofereça a todos a possibilidade de uma vida respirável. Trata-se, na realidade, de recuperar as fontes do nosso mundo, a fim de forjar novas terras. A humanidade e a biosfera estão ligadas, uma não tem futuro algum sem a outra. Seremos capazes de redescobrir nosso pertencimento à própria espécie e nosso vínculo inquebrável com o conjunto do vivente?, indaga o filósofo camaronês Achille Mbembe (2020).

Heráclito talvez tenha sido aquele que escutou, há muito tempo, a impermanência, aquele que ouviu o discurso da natureza e se aproximou de uma possível compreensão da verdadeira natureza da realidade ao entender o nosso pertencimento. Percebeu a insegurança de separarmos e isolarmos os seres, compreendeu que é preciso ir além da dualidade, do pensar binário, compreendeu ser impossível separar e assim afirmou a unidade. Entendeu que para isso seria preciso calar o “si mesmo” para alcançar o “eu-outro”, a unidade das relações, e compreender o inquebrantável vínculo do humano com tudo e todos na natureza.

Mas, ainda hoje, não compreendemos a dinâmica do eterno e incansável jogo heraclítico da guerra-harmonia. Ainda hoje, estamos distraídos com nossas próprias criações mentais, olhando o mundo sob perspectivas binárias separadas e particulares. Olhamos para o processo, mas não “ouvimos” o seu desenrolar, nos enxergamos separados da biosfera, e como surdos não ouvimos o *logos* e não ouvindo o *logos* não sabemos falar. Não reconhecemos e não compreendemos o morrer-viver como o motor fundamental que tudo sustenta, e “dentre todos esses perigos, o maior é que toda forma de vida, desse modo, seja inviabilizada.” (Mbembe, 2020).

Continuamos, assim, em uma frustrada trilha, na busca por uma solidez que nos ampare, mas que segundo Heráclito nunca iremos encontrar, porque os estados particulares mentais e físicos não são estáveis, eles se vão e nem mesmo sabemos para

onde vão. Estamos vendo o mundo mais como um mundo de “coisas”, um mundo substancial e não processual como aponta Heráclito. Nada em nós se estabelece para sempre, nada no mundo se concretiza em definitivo e ao analisarmos os seus fragmentos constatamos que ele não se cansava de nos lembrar a importância de ver além do que pode ser visto, de ouvir além do que pode ser ouvido, de buscar perceber a harmonia inaparente da *physis* e de entender que estamos mergulhados em um vir-a-ser, inconsistente e abaladiço e que esta é a nossa base e a de toda a biosfera à qual pertencemos.

É assim e pronto. É preciso acolher a nossa situação. É preciso abrir os ouvidos para escutar a sutileza de algo que fala depois, que fala além de tudo que percebemos, que fala além da ótica do isolado. É preciso apurar os sentidos através do silêncio do “eu”, “meu”, “mim” para que possamos ouvir o fluxo da rede da vida-morte e do tudo-um. É preciso “*ouvir*” o devir através da sensibilidade e da intuição e não através apenas do intelecto e da razão.

Entretanto, continuamos desconectados, surdos para as recomendações de Heráclito, seguimos a vida como se nada estivéssemos percebendo, sem nem mesmo ouvir a própria inquietação. Distraídos, fingimos que nada está acontecendo. Não ouvimos nem mesmo a respiração, o inspirar-expirar, o incessante movimento de inflar-retrair dos nossos pulmões que insiste em apontar a guerra-harmonia dos movimentos opostos dentro de nós mesmos. Como tontos e embriagados teimamos em não escutar o descompasso e a desafinação que denuncia o afastamento do que acontece. Para onde estamos levando a nossa atenção, parece estar indagando Heráclito? Não para a escuta da fala do cosmo, diria o efésio. A qual sistema será que acreditamos pertencer?

O desarranjo está sendo de tal ordem que a desatenção parece estar indo longe demais. Na busca insana pela separação e fixidez, paralisamos e nos tornamos mortos em vida. O horizonte parece estar cada vez mais embaçado. As “revoltas” e o desequilíbrio da natureza parecem estar dizendo: não há mais como levar adiante tanto desvario. Para quem se aquieta um pouco, o desalinho é evidente, de tal ordem que a instabilidade parece ficar mais à mostra do que nunca. As relações se desequilibram visivelmente, a sensação é de que não há como seguir em frente e muito menos voltar atrás, o afastamento do *logos* comum parece ser cada dia maior, mas mesmo assim continuamos seguindo escutas equivocadas e pronunciando falas embaçadas.

Mas talvez Heráclito dissesse que tudo isso é só um caos passageiro, porque a relação das forças contrárias continuam “sendo sempre”, se deslocando, se compondo-recompondo, morrendo e renascendo no eterno devir. Heráclito talvez dissesse que é necessário apenas ter sabedoria para tempos de crise. Entretanto, aparentemente enrascados nas consequências de nossas ações individuais, aprisionados naquilo que fizemos de nossa existência egocentrada, seguimos como surdos enredados em nossos “eus” “meus”, “mims”.

Para Judith Butler (2020), a pandemia do coronavírus não estaria nos trazendo nada de novo, a doença, a chegada do vírus estaria apenas intensificando estruturas já existentes, as desigualdades do sistema capitalista global apenas se tornaram ainda mais visíveis, mas já estavam aí muito antes da doença. Na contramão das reflexões de alguns filósofos contemporâneos que parecem acreditar em uma possível transformação do mundo e do humano no período pós-pandemia, Butler acredita que nada de novo surge com o novo vírus, e que apenas estaria ficando mais visível algo que já se sabia, algo que já existia: uma crescente desigualdade social, um desprezo pela ideia de que estamos todos conectados e o absoluto desrespeito pela alteridade, pelo diferente.

Butler estaria descrevendo o risco de transmissão do vírus de um ser para outro, através do toque de objetos e superfícies, o que, para o interesse desta pesquisa, significaria dizer que estaria evidenciando a tensão relacional do eu-outro, desvendando a eterna e contínua relação heraclítica de guerra-harmonia entre os contrários. “As superfícies da vida ensinam aos humanos sobre o mundo que compartilham, insistindo que estamos interconectados.” (p. 10). Na fala de Butler, talvez possa afirmar que estaríamos na presença da lei heraclítica universal da unidade dos opostos, na unidade eu-outro, isto é, tudo e todos se relacionam, podendo ou não até ser o “um” responsável pelo desaparecimento final do “outro”, *thanatos-zoe*. O vírus estaria reafirmando exatamente a tensão vida-morte, ultrapassando invisivelmente fronteiras corporais, sendo transportado por traços humanos vivos deixados nos objetos. “Se não sabíamos o quão importante eram os objetos no vínculo de um ser humano com outro, provavelmente o sabemos agora (...). Embora a inter-relação entre as pessoas não seja visível, essa invisibilidade não nega sua realidade.” (p. 2). A interconexão se mostrando como possibilidade de vida-morte, isto é, a interdependência do eu-outro não poderia estar mais explícita. Butler desenvolve uma reflexão, é claro, muito mais direcionada para as desigualdades e exploração dos sistemas capitalistas globais, mas trata-se aqui de se

ressaltar exatamente as noções de interdependência e inseparabilidade apontadas por Heráclito e que agora estão escancaradas.

É evidente que as desigualdades sociais ficaram ainda mais gritantes neste momento pandêmico, apesar de o coronavírus ser um processo universal e democrático e todos os humanos, ricos e pobres, brancos e negros estarem potencialmente enredados na teia. Na rede da vida, a interconectividade de tudo e de todos segue seu eterno e contínuo curso, a lei heraclítica universal da unidade dos contrários do tudo-um, vida-morte, eu-outro não discrimina nem escolhe em quem atua. Todavia, é evidente que as desigualdades sociais do capitalismo global contemporâneo não permitem que a proteção sanitária necessária neste momento de barrar a transmissão do vírus seja acessível a todos, e esta é a reflexão fundamental de Butler: “... as pessoas que não têm onde morar, vivendo em abrigos, ou apenas em abrigo provisório, ou aquelas forçadas por lei à quarentena em estruturas abarrotadas de gente não podem manter o distanciamento e não podem confiar na forma de abrigo duradoura e segura que deve protegê-la da exposição ao vírus.” (2020, p. 8).

Caberia aos seres humanos que possuem o “bem-pensar” administrar essa dinâmica da interconectividade vida-morte, *thanatos-zoe*, no intuito de proteger neste momento os mais desamparados. Entretanto, seria antes necessário que eles compreendessem o processo da inseparabilidade, para que a partir deste entendimento pudessem agir de forma ética. Mas, é também neste momento de crise sanitária global que a reflexão heraclítica de morte ética do humano, morte de *bios*, se apresenta com mais clareza. “Quando o discurso público se volta para essa questão de como o mundo recomeçará, podemos imaginar que o mundo será o mesmo (mas cujas desigualdades se intensificarão) ou que será um mundo novo (no qual reconheceremos nossa radical igualdade e interdependência). A minha aposta é que o conflito entre essas duas visões se tornará mais pronunciado.” (Butler, 2020, p. 9).

André Duarte, filósofo contemporâneo brasileiro, nos lembra que, nos dias de hoje, “no âmbito do neoliberalismo global, os indivíduos e as populações passam a ser entendidos como responsáveis por seu destino social, operando-se, assim, o princípio de uma despolitização e de um isolamento que tendem a moralizar e a individualizar aquilo mesmo que deveria ser objeto de análises e lutas coletivas.” (2020, p. 72). Encontramos na fala de Duarte a questão do isolamento, antes mesmo da pandemia, já como uma prática neoliberal contemporânea, que eu diria já estar produzindo um indivíduo

angustiado e fracassado ao se ver separado, desconectado e responsável por, sozinho, ter que cuidar de si. Esse sentimento se agravaria com o isolamento social mais severo imposto pela pandemia. O problema é que não há nada isolado, diria Heráclito.

Para o que nos interessa aqui, André Duarte está nos apontando para o fato de que atualmente vivemos “um jogo de gratificação imediata e sem qualquer compromisso com o outro: os mortos não têm uma identidade, são apenas números...” (2020, p. 86). Contemporaneamente, há a compreensão de que seria possível separar os contrários, um entendimento equivocado de que poderia haver uma completa separação entre o “eu” e o “outro”, uma nova polaridade se apresenta na dupla “nós-eles” e, desse modo, estaríamos vivendo um regime que estaria predefinindo “quais parcelas da população tornam-se *a priori* privadas das condições necessárias para viver sua vida de maneira digna.” Estaríamos, portanto, vivendo, nas palavras de André Duarte, em referência ao conhecido conceito de Mbembe, um regime necropolítico no qual haveria o entendimento de que “tais mortes não merecem sequer luto e consideração: são estatísticas e nada mais, são mortes desprovidas de significação simbólica, não estão destinadas ao pesar (‘E daí?’, disse o presidente’).” (2020, p. 101).

Para André Duarte, “esta noção de necropolítica de Achille Mbembe mostra-se mais do que adequada para pensar o Brasil contemporâneo, seja no período pré-pandemia quanto, e, sobretudo, durante a pandemia.” (2020, p. 103). Seria, o que talvez pudéssemos relacionar com o que vimos ao longo deste trabalho, como sendo a morte de *bios* em Heráclito.

Em outras palavras, talvez se possa fazer da análise de André Duarte sobre as circunstâncias brasileiras contemporâneas uma relação com a concepção heraclítica de surdez humana. Duarte arrisca uma hipótese da “escancarada inépcia governamental diante da pandemia: é possível que nossa longa tradição escravocrata tenha nos tornado um tanto insensíveis para a morte do outro, sobretudo quando se trata das populações negras e pardas.” (2020, p. 114). Isto que Duarte chama de “insensibilidade para a morte do outro”, arrisco dizer que seria o que Costa (1999), chamou de morte ética do humano, morte de *bios*, a existência do “morto-vivo”.

Haveria, portanto, contemporaneamente, no Brasil, uma absoluta surdez e ignorância a respeito da inseparabilidade heraclítica dos contrários, como se “uns” fossem melhores do que os “outros”, como se “nós” fôssemos melhores do que “eles”, o que André Duarte

chama de “insensibilidade dos nossos governantes e demais autoridades públicas diante da vida e da morte seja pré-covidiana ou que esteja conosco desde longa data.” Estamos, aqui, nos referindo “ao fato de que as parcelas da população destinadas à suprema exploração e *matabilidade* nem sequer sejam reconhecidas como parte de uma ‘mesma’ população: ainda que sejam nacionais, são vistos e percebidos como se fossem estranhos, são “separados”, são os “outros”, são aqueles aos quais se nega integralmente qualquer forma de reconhecimento.” (2020, p.115). Estaríamos diante de uma massa de governantes e autoridades públicas mortos-vivos. Presentes, mas ausentes, vivos, mas mortos para *bios*.

Como poderíamos interrogar o modo como se estabelecem as relações entre vida e morte na atual circunstância da ética e da política brasileiras? O que nos está acontecendo agora e como será amanhã? O que há de novo a ser compreendido nesta pandemia? Será agora o momento de compreendermos a importância de olharmos para o “outro”, imaginar novos lugares de pensamentos e ações? Caberia a filosofia pensar e diagnosticar o presente? Duarte levanta a hipótese de que “nesse instante de terrível confluência, (pandemia e pandemônio), operou-se um importante deslocamento no modo já historicamente perverso como se deu e como se dá a gestão política da vida no Brasil, abrindo-se agora a via rumo à deliberada produção da morte em escala de massa (...). Não se pode deixar de observar que essa exposição a morrer se estendeu, ao menos potencialmente, a toda a população (...). Afinal, ao que parece, tanto faz viver ou morrer por aqui.” (2020, p. 78-9).

O que significa que tantas mortes dos “Outros” possam se multiplicar entre nós diante da indiferença ostensiva dos poderes políticos e de uma grande parcela da sociedade? Que processo de eliminação do “Outro”, de eliminação do “Diferente”, daqueles que não são à sua imagem e semelhança, que desprezo seria esse por qualquer outra vida que não a sua própria e a de seus familiares? Estaríamos aqui diante do que Costa chama de “o ser ao ‘mesmo’ tempo “vivo e morto”, quando se refere àquela tensão que o homem vive e que determina a sua bifurcação entre *homologia* e resistência. O vivo-morto, o fechado para tudo que o circunda, o tapado para a sabedoria, o humano que só ouve a si mesmo, que só se permite viver o “para si”, o que dorme e invade a região do morto para o *logos*, o morto para *bios*. “E, daí?”

O dormente, aquele que acordado ou dormindo esquece o que faz: esquece o seu lugar e sua condição no cosmo em que vive. Aqueles que vivem uma vida de ausência, pois na vigília dormem e no sono esquecem, o que permanece na escuridão, já que por mais que experimentem o *logos*, algo lhes escapa reiteradamente. Não percebem a presença *efetiva* do *logos*, bem como não escutam. Embora ouçam o seu discurso, negligenciam o encontro com o *logos*.” (Costa, 1999, p.122).

8. - Referências Bibliográficas

BERGE, Damião. *O Logos Heraclítico, Introdução ao estudo dos fragmentos*. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1969.

BUTLER, Judith. *Traços humanos nas superfícies do mundo*. Tradução André Arias e Clara Barzaghi. <https://n-1edicoes.org/042.2020>.

CASERTANO, Giovanni. *O prazer, a morte e o amor nas doutrinas dos pré-socráticos*. Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Annablume Clássica, 2012.

CASERTANO, Giovanni. *Piacere e morte in Eraclito (Una “filosofia” Dell ambiguità)*; testo già pubblicato in <Attidel Symposium heracliteum 1981>, a cura di L. Rosseti, vol. IPP. 273-290: Roma: Studi, Edizionedell’ Ateneo, 1983.

COCCIA, Emanuele. *O vírus é uma força anárquica de metamorfose*. Tradução Damian Kraus. 20/05/2020.

COCCIA, Emanuele. Instituto Humanitas Unisinos. Revista IHU on-line. Entrevista do filósofo para Sonya Faure e Anastasia Vécrin, publicada por Liberation.fr. Tradução de Davi De Conti e Marcelo Jungmann Pinto. 13/03/2020.

CONCHE, Marcel. *Fragments recomposés: Présentés dans un ordre rationnel par Marcel Conche*. Paris: Presses Universitaires de France, PUF, May 3, 2017.

COSTA, Alexandre. *Heráclito de Éfeso, Heráclito: fragmentos contextualizados, tradução, estudo e comentários*. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

COSTA, Alexandre. *Thanatos: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Logos Heraclítico*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 152 p., Coleção Filosofia, n.99, 1999.

COSTA, Alexandre. *A promessa de Prometeu e o dilema de Sísifo: a tragédia do conhecimento e sua transgressão pela arte*, Concinnitas ano 8, volume 2, número 11, dezembro 2007.

COSTA, Alexandre. *O caráter trágico da sentença de Anaximandro*, Anais de Filosofia Clássica, vol. 3, n. 6, 2009, 1982.

COSTA, Alexandre. *Quatro ensaios sobre música e filosofia, Da Relação entre Logos e daímon em Heráclito: a escuta como definidora do humano*, textos de Rubens Russomanno Ricciardi, Alexandre da Silva Costa, Edson Zampronha e Maria de Lourdes Sekeff. Ribeirão Preto: Editora Coruja, 1ª edição, 2013.

COSTA, Alexandre. *De Hesíodo a Tales e Anaximandro: a distinção entre princípio poético e princípio filosófico: da invenção à interpretação*, Revista de História e Estudos Culturais, Vol. 4, Ano IV, n.1, janeiro/fevereiro/março, 2007.

CURD, Patricia Kenig. *Knowledge and Unity in Heraclitus*, The Monist, Vol.74, No.4, Heraclitus, Published by: Oxford University Press, pp. 531-549, october, 1991.

DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DODDS, E. R., *Os gregos e o irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002.

DUARTE, André. *A pandemia e o pandemônio: ensaio sobre a crise da democracia brasileira*. Rio de Janeiro, Via Verita, 2020.

DUARTE, Pedro. *O vírus e a redescoberta da natureza*. O que nos faz pensar, [S.I.], v.29, n.46, p.163-172, july 2020. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/744>>. Acesso em: 22 nov. 2020. doi: <https://doi.org/10.32334/oqnf.2020n46a744>.

HERACLITUS, OF EPHEBUS. [Fragments: English & Greek]. *Fragments: the collected wisdom of Heraclitus* / Translated by Beooks Haxton; with a foreword by James Hillman, Library of Congress Cataloging-In-Publication Data, 2001.

HERÁCLITO DE ÉFESO, Fragmentos. In: *Os Pré-Socráticos*. (Coleção *Os Pensadores*). Tradução de José Cavalcante de Sousa. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

HERÁCLITO DE ÉFESO. Alexandre Costa, *Heráclito de Éfeso, Heráclito: fragmentos contextualizados, tradução, estudo e comentários*. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

HUSSEY, Edward. *Heraclitus on Living and Dying*. The Monist, Vol. 74, No. 4, Publish by Oxford University Press, pp.517-530, October 1991.

KAHN, Charles H. *A Arte e o Pensamento de Heráclito, uma edição dos fragmentos com tradução e comentários*. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Editora Paulos (Coleção Philosophica), 2009.

KAHN, Charles H. *Sobre o Verbo Grego Ser e o Conceito de Ser*, tradução de Maura Iglesias e outros, Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga, Departamento de Filosofia da PUC - Rio, Rio de Janeiro: 1997.

KIRK, G. S., RAVEN, J. E., SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos, História Crítica com Seleção de Textos*. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 7ª edição, 2010.

LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 2014.

LAGES, Lucas Hugueney, *Morte em Heráclito*. Departamento de Filosofia, PUC-Rio, 2020.

LAKS, André. *Introdução à “filosofia pré-socrática”*. Tradução Miriam Campolina Diniz Peixoto. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Tradução Marcela Vieira; posfácio e revisão técnica Alyne Costa – 1ª. Edição – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LATOUR, Bruno. *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*. Tradução por Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. 12/05/2020.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Heráclito e a Aprendizagem do Pensamento*. Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Kléos, N. 1: 113 - 142, 1997.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *O Pensamento Originário*. Publicado originalmente em Os Pensadores Originários: Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Editora Vozes, Petrópolis, p.8-10, 1991.

LONG, Anthony A. *Heraclitus on measure and explicit emergency of rationality*. In Dorothea Frede & Burkhard Reis (eds.), *Body and Soul in Ancient Philosophy*. De Gruyter. 2009.

MBEMBE, Achille. *O Direito Universal à Respiração*. Tradução de Ana Luiza Braga. <https://n-1edicoes.org/20>. 23/05/2020.

MARCOVICH, M. *Heraclitus: Greek Text with a Short Commentary*. Merida, Venezuela: Los Andes University Press, Editio Maior, 1967.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na idade trágica dos gregos*. Lisboa: Edições 70, 1987.

NOBRE, Antônio Donato. D. *O Futuro Climático da Amazônia – Relatório de Avaliação Científica* – ARA – Articulación Regional Amazônica, outubro de 2014.

NOBRE, Antônio Donato. *A floresta está perdendo capacidade de sequestrar carbono porque está doente*. Mongabay, Notícias Ambientais para Informar e Transformar. Mongabay Series: Conservação na Amazônia, por Sibélia Zanon em 13 dezembro 2019.

NUSSMAN, Martha C.. *Phyche [Greek] in Heraclitus, I*, Phronesis, 17, 1972.

ROHATYN, Dennis Anthony. *Heraclitus: Some Remarks on the Political Fragments*. The Classical Journal, Vol.68, No.3, pp. 271-273, Published by: The Classical Association of the Middle West and South, Inc. (CAMWS), Feb. – Mar. 1973

ROSSETI, L. *Introdução à filosofia antiga: premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”*. São Paulo: Coleção Philosophyca, 2006.

SAMTEN, Lama Padma, *Relações e Redes*. Viamão, Rio Grande do Sul, Ação Paramita, 1.ed. 2019.

SCHLUDERER, Laura Rosella, *Speaking and Acting the Truth: The Ethics of Heraclitus*. University of Cambridge, March 2017.

SNELL, Bruno. *A Cultura Grega e a Origem do Pensamento Europeu*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, 2012.

SOUZA, Jonathan Almeida. Resenha de COSTA, Alexandre. *Thanatos: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Logos Heraclítico*. Anais de Filosofia Classica, vol. 13 n.25, 2019.

VAMCAVAS, Constantine J. *The Founders of Western Thought- The Presocratics – A Diachronic Parallelism Between Presocratic Thought and Philosophy and the Natural Sciences*. Translated from the original Greek version into English by Professor Robert Cristo of the University of Athens, Greece. Springer, 2009.

VIEIRA, Celso de Oliveira. *Como usar a linguagem para precisar o movimento: uma disputa entre Platão e Heráclito*. Annablume Clássica; Imprensa da Universidade de Coimbra: Impactum Coimbra University Press, 1984.

VIEIRA, Celso de Oliveira. *Heraclitus' Bow Composition*. The Classical Quarterly, 63, pp 473-490 doi: 10.1017/S0009838813000037, Published online: 08 November 2013.

VIEIRA, Celso de Oliveira. *Razão, alma e sensação na antropologia de Heráclito*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, novembro, 2010.

VIEIRA, Celso. *O que o rio, o arco e o mingau têm em comum: processos e identidade em Heráclito*. Cátedra UNESCO ARCHAI, Universidade de Brasília, 21/10/2020.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. Da Fonseca. Rio de Janeiro: 22ª. Edição, ed. Difel, 2015.

VLASTOS, G. *On Heraclitus*. American Journal of Philosophy, v. 7, p.337-338, 1955.